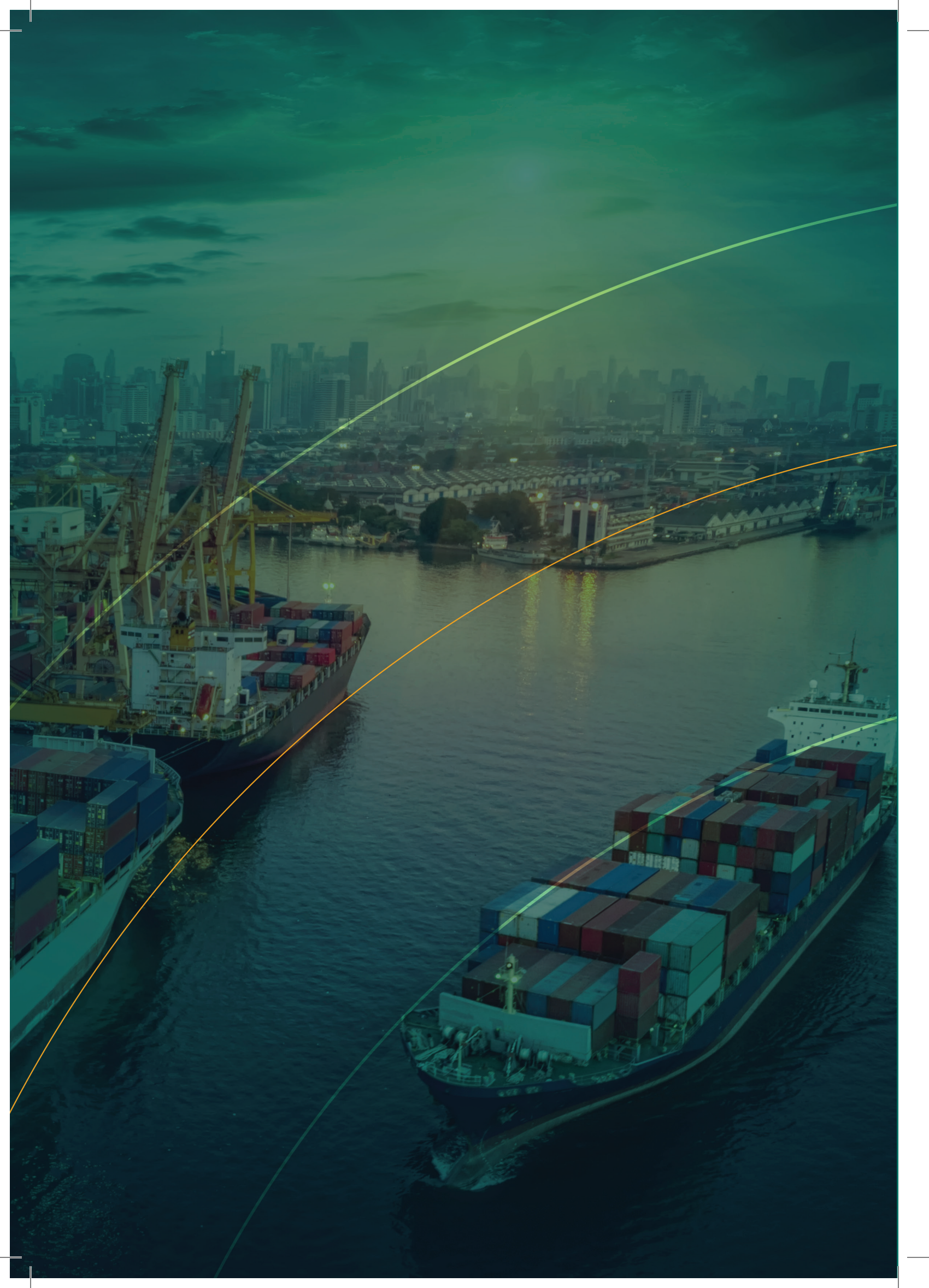


**RELATÓRIO
ECONÔMICO 2021
E PERSPECTIVAS 2022**



FARSUL



Palavra do Presidente

Ao final do ano passado expressei meu sentimento resumindo que 2020 era um ano para esquecer. E era! Uma pandemia e uma estiagem juntas nos deu muitas dores de cabeça. Mas 2021, por outro lado, em uma frase foi um ano para lembrar, pois tivemos safra e preços muito bons. Mas entre esses dois anos extremamente antagônicos, houve muito mais em comum do que o elo temporal: ambos foram de grande aprendizado.

O ano de 2021 nos mostrou que as possibilidades de escolha são quase infinitas em anos bons, o que para muitos é motivo de baixar a guarda e adotar uma dose maior de coragem para tomar decisões mais arrojadas. Entretanto, quando as crises que sucedem os anos bons chegam, nesse “pano verde” sobre o qual apostamos nossas vidas - que é a volatilidade do negócio agropecuário -, percebemos que deveríamos ter guardado algumas possibilidades dos anos bons para usá-las nos ruins. O nome disso não é produção, nem produtividade e nem tecnologia. O nome disso é gestão! Nossa casa, em especial através de nossa Assessoria Econômica, tem enfrentado o desafio de levar esse conteúdo as vezes árido e sempre difícil de encarar para o repertório dos produtores. Na euforia dissemos que o ano de 2021 era perfeito para quebrar e explicamos os porquês. Passados alguns meses e a realidade dos custos simplesmente escancarou os porquês... Quem ouviu a casa que há mais de 94 safras representa com galhardia e auxilia seus produtores, estará muito mais preparado para os desafios de 2022, que não serão poucos.

Além desse tema fundamental, entregamos nesse ano, através de nossa Assessoria Econômica, estudos que embasaram a criação do maior programa de estímulo à produção no RS, que é o Programa Duas Safras, do qual muito você vai ouvir neste ano que se aproxima. Também participamos de forma efetiva da criação de novas ferramentas de crédito para o produtor rural, como a Nova Lei do Agro, o Fiagro, e, principalmente, o CRA Garantido,

uma proposição e construção nascida na nossa federação, onde somente nos pilotos já temos centenas de milhões de reais financiando produtores a juros mais baixos que o crédito controlado e sem nenhum centavo público. Criamos o Seguro para o Fundesa para proteger os produtores do risco de focos de aftosa no estado, um instrumento totalmente inovador, o primeiro do mundo, e agora no final do ano, lançamos o Farsul Bigdata, seguramente um dos maiores portais de dados do agronegócio na América Latina, disponível para produtores, universitários, professores, jornalistas e a sociedade em geral conhecer a realidade através dos dados e da ciência.

O ano de 2022 deverá trazer novos e enormes desafios, pois as previsões meteorológicas não são as melhores e o estridente aumento dos custos de produção impõe uma nova realidade inflacionária ao setor, tudo isso em um ano eleitoral que promete trazer tensão aos mercados. Não será um ano fácil, mas tenho certeza de que estamos muito preparados para ele. Teremos grandes desafios pela frente, mas guardamos disposição ainda maior para enfrentá-los.



Gedeão Pereira
Presidente do Sistema Farsul

1. Balanço da agropecuária em 2021 e perspectivas para 2022

13

1.1 Análise dos fundamentos da agropecuária do Rio Grande do Sul

14

1.1.1 Grãos

14

1.1.2 Pecuária de Corte

18

1.1.3 Pecuária de Leite

20

1.2 Análise da rentabilidade da agropecuária do Rio Grande do Sul

22

1.2.1 Arroz

22

1.2.2 Milho

27

1.2.3 Soja

31

1.2.4 Trigo

37

1.2.5 Leite

41

1.3 Análise do crédito rural no Rio Grande do Sul

44

1.3.1 Análise do Custeio

47

1.3.2 Análise do Investimento

49

1.3.3 Análise da Comercialiação

51

1.4 Análise e Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira

53

1.4.1 Arroz

53

1.4.2 Milho

56

1.4.3 Soja

61

1.4.4 Trigo

65

1.4.5 Carne Bovina

69

1.4.6 Leite Fluído

72

2. Conjuntura econômica

75

2.1 Economia brasileira

76

2.1.1 Economia brasileira no contexto mundial

77

2.1.2 Economia brasileira pela ótica da oferta

79

2.1.3 Economia brasileira pela ótica do dispêndio

84

2.1.4 Expectativa para Inflação, Juros e Câmbio

88

2.1.5 Finanças Públicas

95

2.2 Economia do Rio Grande do Sul

97

2.2.1 Setor Agropecuário

97

2.2.2 Setor Industrial

98

2.2.3 Setor de Serviços

100

2.2.4 Finanças Públicas do RS

103

2.2.5 PIB do Rio Grande do Sul

105



Sumário / Gráficos

Gráfico 1 - Evolução do valor bruto da produção de grãos no Rio Grande do Sul, em bilhões de reais

[17](#)

Gráfico 2 - Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite

[21](#)

Gráfico 3 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha

[22](#)

Gráfico 4 - Custo dos fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha

[23](#)

Gráfico 5 - Custo dos herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha

[24](#)

Gráfico 6 - Custo dos inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha

[24](#)

Gráfico 7 - Custo dos fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha

[25](#)

Gráfico 8 - Preço mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg

[26](#)

Gráfico 9 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 do Arroz no RS, em R\$/ha

[26](#)

Gráfico 10 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha

[27](#)

Gráfico 11 - Custo dos fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha

[28](#)

Gráfico 12 - Custo dos herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha

[28](#)

Gráfico 13 - Custo dos fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha

[29](#)

Gráfico 14 - Custo dos inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha

[29](#)

Gráfico 15 - Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60 kg

[30](#)

Gráfico 16 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 do Milho no RS, em R\$/ha

[31](#)

Gráfico 17 - Evolução mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha

[32](#)

Gráfico 18 - Custo dos fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha

[33](#)

Gráfico 19 - Custo dos herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha

[33](#)

Gráfico 20 - Custo dos inseticidas para Soja, em R\$/ha

[34](#)

Gráfico 21 - Custo dos fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha

[34](#)

Gráfico 22 - Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60 kg

[35](#)

Gráfico 23 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 da Soja no RS, em R\$/ha

[36](#)

Gráfico 24 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha

[37](#)

Gráfico 25 - Custo dos fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha

[38](#)

Gráfico 26 - Custo dos herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha

[38](#)

Gráfico 27 - Custo dos inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha

[39](#)

Gráfico 28 - Custo dos fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha

[39](#)

Gráfico 29 - Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60 kg

[40](#)

Gráfico 30 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Trigo no RS, em R\$/ha

[41](#)

Gráfico 31 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha

[41](#)

Gráfico 32 – Preço médio mensal líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros

[43](#)

Gráfico 33 – Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da Safra 2020 e 2021 de Leite no RS (R\$/ha)

[44](#)

Gráfico 34 - Comparativo do Crédito Rural tomado pelos produtores do RS entre janeiro e outubro de 2020 e 2021, em R\$ milhões.

[45](#)

Gráfico 35 - Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2020 e 2021, em percentual.

[46](#)

Gráfico 36 – Participação dos principais grãos no Custeio da carteira de Crédito Rural do Estado em 2021 (jan-out), em percentual.

[48](#)

Gráfico 37 - Número de contratos tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

[48](#)

Gráfico 38 - Total de valores tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2020 e 2021, em R\$ milhões.

[49](#)

Gráfico 39 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas

[53](#)

Gráfico 40 - Comparação entre o estoque final mundial do arroz beneficiado e o preço internacional

[55](#)

Gráfico 41 - Preço do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg

[56](#)

Gráfico 42 - Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas

[57](#)

Gráfico 43 - Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional

[59](#)

Gráfico 44 - Preço do milho em Passo Fundo/RS (R\$/60 kg)

[60](#)

Gráfico 45 - Comparação entre produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas

[61](#)

Gráfico 46 - Comparação entre o estoque final mundial de soja e o preço internacional

[63](#)

Gráfico 47 - Preço da soja em Rio Grande/RS (R\$/60 kg)

[64](#)

Gráfico 48 - Comparação entre produção e consumo mundiais de trigo, em milhões de toneladas

[65](#)

Gráfico 49 - Comparação entre o estoque final mundial de trigo e o preço internacional

[67](#)

Sumário / Gráficos

Gráfico 50 - Preço do trigo em Passo Fundo/RS (R\$/60 kg)

[68](#)

Gráfico 51 - Comparação entre produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)

[69](#)

Gráfico 52 - Preço médio do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça

[72](#)

Gráfico 53 - Produção brasileira de leite adquirido, em milhões de litros

[74](#)

Gráfico 54 - Preço médio mensal do leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros

[74](#)

Gráfico 55 - Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)

[77](#)

Gráfico 56 - Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2017)

[78](#)

Gráfico 57 - PIB do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[79](#)

Gráfico 58 - PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[80](#)

Gráfico 59 - PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[81](#)

Gráfico 60 - Produção Física Industrial, em Índice de base fixa (100 = média 2012) com ajuste sazonal

[81](#)

Gráfico 61 - Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

[82](#)

Gráfico 62 - PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[83](#)

Gráfico 63 - Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%)

[83](#)

Gráfico 64 - Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[84](#)

Gráfico 65 - Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC), com ajuste sazonal

[85](#)

Gráfico 66 - Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[86](#)

Gráfico 67 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)

[86](#)

Gráfico 68 - Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[87](#)

Gráfico 69 - Comparação entre Exportações e Importações brasileiras, acumuladas entre os meses de janeiro e outubro, em US\$ Bilhões de FOB.

[87](#)

Gráfico 70 - IPCA e Expectativa para 2021, taxa acumulada no ano (%)

[89](#)

Gráfico 71 - Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), em número-índice com base fixa em dez/92

[89](#)

Gráfico 72 - Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (%)

[90](#)

Gráfico 73 - M1 - Depósitos a vista + dinheiro em poder do público - final do período no Brasil, em R\$ Bilhões

[97](#)

Gráfico 74 - M0 - Base Monetária - papel-moeda emitido - fim período no Brasil, em R\$ bilhões

[97](#)

Gráfico 75 - Meta para Taxa Selic (%)

[92](#)

Gráfico 76 - Moedas em relação ao Dólar Americano, variação entre janeiro e novembro de 2021

[93](#)

Gráfico 77 - Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante

[94](#)

Gráfico 78 - Movimentações do Emprego no Brasil, em saldo acumulado em 12 meses

[94](#)

Gráfico 79 - Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses

[95](#)

Gráfico 80 - Dívida Interna Líquida do Governo Federal e Banco Central, em percentual do PIB

[95](#)

Gráfico 81 - Necessidade de Financiamento do Setor Público, acumulado em 12 meses, em R\$ milhões

[96](#)

Gráfico 82 - Dívida Interna Líquida do Setor Público, em R\$ trilhões

[97](#)

Gráfico 83 - VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[98](#)

Gráfico 84 - VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[99](#)

Gráfico 85 - Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

[99](#)

Gráfico 86 - Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

[100](#)

Gráfico 87 - VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

[101](#)

Gráfico 88 - Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

[101](#)

Gráfico 89 - Índice de volume de vendas no comércio varejista do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

[102](#)

Gráfico 90 - Comparação das Despesas Reais e Nominais do Governo do RS com Pessoal, variação anual (%)

[104](#)

Gráfico 91 - Déficit Previdenciário Anual do Fundo Financeiro, em R\$ bilhões

[104](#)

Gráfico 92 - Indicador de Despesas de Pessoal – Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em percentual da Receita Corrente Líquida (RCL)

[105](#)

Gráfico 93 - PIB do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

[105](#)

Sumário / Tabelas

Tabela 1 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e 2021, em hectares

[14](#)

Tabela 2 – Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2021 e projeção para 2022, em hectares

[15](#)

Tabela 3 – Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e 2021, em toneladas

[16](#)

Tabela 4 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2021 e projeção para 2022, em toneladas

[16](#)

Tabela 5 - Valor Bruto da Produção de Grãos do Rio Grande do Sul, em bilhões de reais

[18](#)

Tabela 6 – Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS.

[19](#)

Tabela 7 – Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS

[21](#)

Tabela 8 - Total de Crédito Rural tomado até outubro de 2021 no RS, em R\$ milhões.

[46](#)

Tabela 9 – Crédito Rural tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

[47](#)

Tabela 10 – Crédito Rural tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

[49](#)

Tabela 11 - Comparativo das taxas de juros de Investimento dentro da carteira do Crédito Rural de 2020 para 2021.

[50](#)

Tabela 12 – Participação dos principais tipos de produtos dentro da carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

[51](#)

Tabela 13 - Crédito Rural tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

[52](#)

Tabela 14 - Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2020* e 2021*, em R\$ mil.

[52](#)

Tabela 15 - Produção e consumo mundiais de Arroz por país, em milhões de toneladas

[54](#)

Tabela 16 - Fundamentos do mercado brasileiro de arroz em casca, em milhões de toneladas

[55](#)

Tabela 17 - Produção e Consumo de milho por país, em milhões de toneladas

[58](#)

Tabela 18 - Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas

[59](#)

Tabela 19 - Produção e Consumo de soja por país, em milhões de toneladas

[62](#)

Tabela 20 - Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas

[64](#)

Tabela 21 - Produção e Consumo de trigo por país, em milhões de toneladas

[66](#)

Tabela 22 - Fundamentos do mercado brasileiro de trigo, em milhões de toneladas

[68](#)

Tabela 23 – Produção e consumo de carne bovina por país, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)

70

Tabela 24 - Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)

71

Tabela 25 - Produção de leite fluído por país, em milhões de toneladas

72

Tabela 26 - Consumo de leite fluído por país, em milhões de toneladas

73



Mais produção ano inteiro.

O Sistema Farsul está construindo um programa que irá transformar o agronegócio do Rio Grande do Sul, trazendo crescimento para o estado, aumentando o PIB, a renda dos produtores e gerando empregos.

Em breve!



SISTEMA FARSUL
FARSUL | SENAR | CASA RURAL



1.

Balanço da agropecuária em 2021 e perspectivas para 2022

1.1 Análise dos fundamentos da agropecuária do Rio Grande do Sul

1.1.1 Grãos

Por Danielle Montiel Guimarães

1.1.1.1 Área Plantada

A área plantada de grãos do Rio Grande do Sul expandiu 4,4% em 2021, representando um aumento de 396 mil hectares em relação à safra anterior. A soja segue como o destaque dentre as culturas de verão, com ampliação de 1,9% da área destinada ao plantio, reflexo dos bons preços.

Não podemos deixar de comentar a quarta queda consecutiva de área plantada de arroz, apesar do bom nível de preço. A menor área é reflexo da incapacidade, durante muitas safras, dos preços cobrirem

os elevados custos de produção, assunto que iremos tratar na seção 1.2.1 (Análise da Rentabilidade do Arroz no Rio Grande do Sul). Em 2021, se não fosse a valorização dos preços provavelmente a queda seria mais significativa.

As áreas destinadas ao plantio de inverno apresentaram o quinto aumento consecutivo. No ano passado já havíamos apontado para a expansão da área de inverno na safra 2020 como tentativa de reverter parte das perdas causadas pela seca na safra de verão. Já nesta safra 2021, a expansão de área tem como principal incentivo o bom patamar do preço, especialmente no caso do trigo, cuja área plantada expandiu em 25,3%.

Tabela 1 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e 2021, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	Safra 2020	Safra 2021	Variação (%)
Amendoim	1.791	1.708	-4,6
Arroz	951.397	949.073	-0,2
Aveia	324.240	339.616	4,7
Centeio	2.115	1.908	-9,8
Cevada	37.162	37.301	0,4
Feijão	60.297	61.047	1,2
Girassol	2.454	2.920	19,0
Milho	751.573	780.337	3,8
Soja	5.996.371	6.107.320	1,9
Sorgo	3.161	2.402	-24,0
Trigo	953.832	1.195.333	25,3
Triticale	2.615	4.048	54,8
TOTAL GRÃOS	9.087.008	9.483.013	4,4

Fonte: PAM/IBGE e LSPA/IBGE (Out/21) · Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Nossa estimativa era:

No Relatório Econômico 2020 e Perspectivas para 2021 havíamos projetado uma área plantada de 9.342.264 hectares para o ano de 2021. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE)

apurou uma área de 9.483.013 hectares, ou seja, o erro da nossa projeção foi de apenas 1,5%. A diferença se deu porque não esperávamos o aumento tão significativo da área destinada ao plantio de trigo, depois da forte expansão em 2020.

Para a safra 2021/22 projetamos uma expansão de 3,1% da área plantada com grãos no Estado. Apesar de terem sido observadas quedas dos preços das commodities agrícolas depois dos recordes atingidos na segunda metade de 2020, ainda assim a tendência é de que se estabilizem em patamares historicamente vantajosos. Este cenário deve continuar estimulando o aumento de área na safra 2022.

O maior aumento deve ser na soja, com incremento de 101,5 mil hectares de área plantada, estimulado pelo bom preço da saca. O segundo maior aumento deve ocorrer no trigo, somando 100,5 mil hectares a mais de área plantada em 2022; os bons preços no período que antecede ao plantio sustentam esta projeção (o preço do trigo recebido pelo produtor valorizou 68% entre abril de 2020 e abril de 2021). Apenas amendoim, girassol e sorgo devem apresentar retração de área plantada.

Tabela 2 – Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2021 e projeção para 2022, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	Safra 2021	Safra 2022*	Variação (%)
Amendoim	1.708	1.628	-4,7
Arroz	949.073	959.633	1,1
Aveia	339.616	369.645	8,8
Centeio	1.908	2.077	8,8
Cevada	37.301	40.599	8,8
Feijão	61.047	63.222	3,6
Girassol	2.920	2.480	-15,1
Milho	780.337	828.329	6,2
Soja	6.107.320	6.208.845	1,7
Sorgo	2.402	1.823	-24,1
Trigo	1.195.333	1.295.783	8,4
Triticale	4.048	4.406	8,8
TOTAL GRÃOS	9.483.013	9.778.470	3,1

Fonte: LSPA/IBGE (Out/21) · (*) Projeção: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

1.1.1.2 Produção

Depois da safra passada ter sido marcada por uma seca severa - que prejudicou significativamente a produtividade dos grãos de verão - e pela geada - que atingiu as lavouras de inverno - a safra de grãos do Rio Grande do Sul apresentou boa produtividade média em 2021 que, aliada à maior área plantada, culminou na expansão de 43,8% da produção. Este aumento significa atingir a marca de 37,631 milhões de toneladas de grãos produzidos no Estado, se tornando o recorde

da série histórica (que até então era a safra 2017, com 35,362 milhões de toneladas).

A soja foi a cultura mais afetada pela seca de 2020. Entretanto, em 2021, o clima favorável aliado à maior área, permitiram o aumento de 9,1 milhões de toneladas da produção, atingindo o recorde gaúcho: 20,4 milhões de toneladas. O trigo, que teve sua produtividade afetada pela geada em 2020, foi a segunda maior expansão de produção dentre os grãos em 2021.

Tabela 3 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e 2021, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	Safra 2020	Safra 2021	Variação (%)
Amendoim	2.791	3.058	9,6
Arroz	7.753.663	8.258.255	6,5
Aveia	609.277	783.693	28,6
Centeio	2.289	2.964	29,5
Cevada	93.057	111.708	20,0
Feijão	81.146	89.708	10,6
Girassol	4.079	4.839	18,6
Milho	4.211.208	4.379.651	4,0
Soja	11.294.683	20.419.712	80,8
Sorgo	6.815	8.143	19,5
Trigo	2.104.160	3.558.191	69,1
Triticale	4.395	11.379	158,9
TOTAL GRÃOS	26.167.563	37.631.301	43,8

Fonte: PAM/IBGE e LSPA/IBGE (Out/21) · Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Nossa estimativa era:

No Relatório Econômico 2020 e Perspectivas para 2021 havíamos projetado uma produção de 33.915.271 toneladas para o ano de 2021. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE) apurou uma

produção de 37.631.301 toneladas, ou seja, o erro foi de 11,0%. Isso porque na época em que as projeções foram realizadas estimava-se uma nova quebra na safra de milho em função da falta de chuva, o que se reverteu posteriormente.

Tabela 4 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2021 e projeção para 2022, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	Safra 2021	Safra 2022*	Variação (%)
Amendoim	3.058	2.895	-5,3
Arroz	8.258.255	7.713.774	-6,6
Aveia	783.693	832.934	6,3
Centeio	2.964	2.773	-6,4
Cevada	111.708	108.512	-2,9
Feijão	89.708	93.876	4,6
Girassol	4.839	4.047	-16,4
Milho	4.379.651	5.749.019	31,3
Soja	20.419.712	19.924.182	-2,4
Sorgo	8.143	5.481	-32,7
Trigo	3.558.191	3.877.631	9,0
Triticale	11.379	11.343	-0,3
TOTAL GRÃOS	37.631.301	38.326.468	1,8

Fonte: LSPA/IBGE (Out/21) · (*) Projeção: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Para a safra 2021/22 projetamos uma expansão de 1,8% da produção de grãos no Estado. O grande destaque deve ser a lavoura de milho, com incremento de quase 1,37 milhões de toneladas, reflexo da junção do aumento de área e da expectativa de melhora das condições climáticas em comparação com 2021.

Caso a projeção se confirme, as lavouras gaúchas de milho devem atingir bons níveis de rendimento médio, ficando atrás apenas do recorde registrado em 2017. Dentre as lavouras de inverno, o trigo deve apresentar o maior avanço em termos de volume produzido.

Apesar da projeção de expansão nas áreas plantadas com arroz e soja em 2022, a expectativa é de que estas culturas tenham queda nas quantidades produzidas. Institutos meteorológicos apontam condições de La Niña e possibilidade de baixos níveis de chuva em janeiro, o que explica nossa projeção de rendimento médio inferior aos recordes registrados em 2021. Ressaltamos que estes resultados podem variar dependendo se condições climáticas projetadas irão ou não se confirmar.

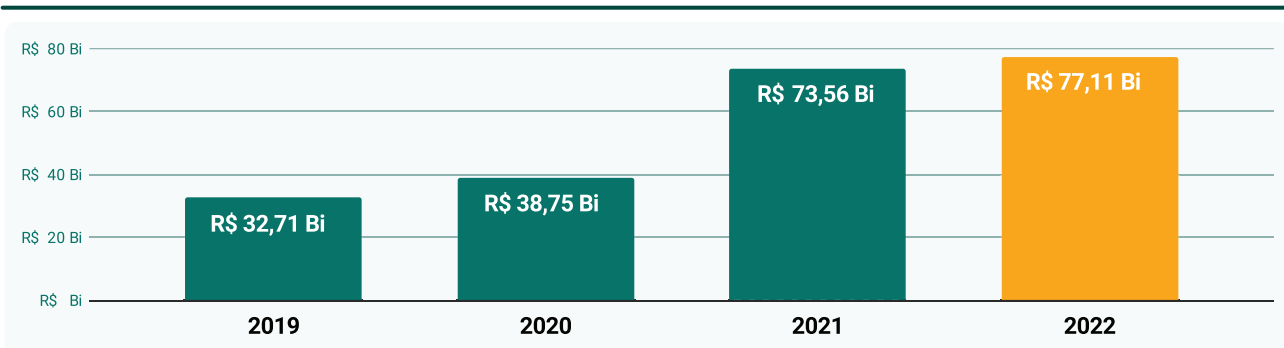
1.1.1.3 Valor Bruto da Produção

No Relatório Econômico 2020 e Perspectivas 2021 havíamos ressaltado que o aumento dos preços dos grãos no decorrer do ano de 2020 era reflexo de um conjunto de fatores, enumeramos: (1) O desequilíbrio cambial, a perda de valor do real ante a moeda internacional - de 21% no período

de janeiro até dezembro, o que tornou os preços dos grãos brasileiros mais competitivos no mercado internacional; (2) O Auxílio Emergencial, programa de distribuição de renda às camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira durante a pandemia do Covid-19, e que gerou expansão da demanda por alimentos, uma vez que famílias de baixa renda tendem a destinar maior percentual de sua renda para o consumo de alimentos¹; (3) A seca, que prejudicou o rendimento médio das lavouras do Estado, resultando em menor oferta de grãos justamente em um ano de aumento de demanda.

Ainda destacamos que muitos destes fatores que contribuíam para a alta dos preços ainda estariam presentes durante o ano de 2021, mantendo os preços dos grãos em patamares elevados (o que, de fato, ocorreu). Aliado aos preços bons, a recuperação que estimávamos para produção gaúcha de grãos deveria levar a um Valor Bruto da Produção (VBP) dos grãos de R\$ 61 bilhões. Acertamos na tendência, mas, de acordo com a nossa atualização do cálculo, a nova projeção VBP dos grãos do RS deve ser ainda maior em 2021, atingindo o montante de R\$ 73,56 bilhões. A diferença teve origem, especialmente, na produção de milho. Na época em que divulgamos o relatório anterior ainda havia muitas dúvidas quanto o desempenho do grão, dada a falta de chuvas. As projeções do Sistema Farsul para a produção de milho eram as mais positivas quando comparadas com as de outras entidades e, felizmente, a safra finalizou com produção maior, inclusive, que nossa projeção.

Gráfico 1 - Evolução do valor bruto da produção de grãos no Rio Grande do Sul, em bilhões de reais



Fonte: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

¹ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das despesas totais para despesas com alimentação; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para despesas com alimentação.

Os quatro principais grãos produzidos no Estado (arroz, milho, soja e trigo) representam cerca de 98% do Valor Bruto da Produção de Grãos. Nossa atual estimativa para 2021 vem confirmando nossas projeções divulgadas

no relatório anterior: os maiores incrementos ocorreram nas culturas da soja e milho. Outro detalhe que havíamos destacado era o aumento percentual surpreendente no faturamento do trigo, que também parece se concretizar.

Tabela 5 - Valor Bruto da Produção de Grãos do Rio Grande do Sul, em bilhões de reais

PRODUTO	2019	2020	2021	2022	Variação 20/21	Variação 21/22
Arroz	6,362	11,073	12,767	8,684	15,3%	-32,0%
Milho	2,929	3,543	6,144	7,400	73,4%	20,4%
Soja	21,499	21,352	49,985	54,409	134,1%	8,9%
Trigo	1,262	2,011	3,196	5,074	58,9%	58,8%
Outros	0,654	0,775	1,471	1,542	89,8%	4,8%
TOTAL	32,706	38,754	73,563	77,110	89,8%	4,8%

Fonte: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

No ano de 2022, o valor bruto da produção de grãos deve apresentar novo aumento, equivalente a um incremento de R\$ 3,55 bilhões. Mais uma vez, a soja deve ser o principal responsável pela expansão. Apesar de projetarmos queda da produção, a expectativa de exportações aquecidas e taxa de câmbio se mantendo em patamares elevados devem permitir que os preços se mantenham em níveis semelhantes aos observados em 2021, resultando no aumento do faturamento da soja em R\$ 4,42 bilhões.

Os faturamentos de milho e trigo devem expandir muito mais em função do volume que o valor. Isso porque ambos devem apresentar produções significativamente maiores em 2022 enquanto seus preços médios têm tendência de permanecerem praticamente estáveis. Cabe ressaltar que, apesar da expectativa de estabilidade dos preços para estes grãos, ainda assim estes devem se manter em patamares historicamente elevados.

A única queda dentre os grãos analisados deve ocorrer no faturamento do arroz. Isso porque além da menor produção o preço da saca já vem desvalorizando nos últimos meses e deve ter preço médio anual menor em 2022 que o observado em 2021.

1.1.2 Pecuária de Corte

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

O ano de 2020 ficará marcado como o início da recuperação para o setor, a produção do Rio Grande do Sul bateu recorde histórico e fechou o ano com mais de 2,16 milhões de cabeças abatidas, o volume exportado no estado cresceu 24% e as cotações do boi ao produtor avançaram 28% durante o ano. Em 2021 o panorama de preços continua muito promissor, as exportações nacionais seguem aquecidas puxadas principalmente pela demanda chinesa. O aumento das exportações segue ligado à persistente desvalorização cambial, que torna a carne brasileira mais competitiva no mercado externo e estimula os preços no mercado interno. Entretanto, a expectativa para 2021 é de redução do número de cabeças abatidas - ajuste natural na cadeia produtiva depois do avanço forte dos abates no ano passado - o que ajuda a sustentar os patamares elevados dos preços. Diante desta conjuntura, de queda da oferta no RS aliado a manutenção das exportações brasileiras em níveis similares a 2020, as cotações se mantiveram em níveis superiores ao ano anterior e estimamos um novo aumento do faturamento para 2021.

Produção e Valor Bruto da Produção

O volume de abates em 2021 deverá cair 16% em relação ao ano passado no RS. Para o Valor Bruto da Produção (VBP) os dados são positivos, e a perspectiva é que aumente 15% em 2021, fechando o ano em torno de R\$ 8,5 bilhões. Esse desempenho apresentado pelo faturamento da Pecuária no Rio Grande do

Sul está associado à valorização de 31% do preço ao produtor, se analisado a cotação em outubro 2021 em relação ao mesmo período do ano passado. Quando consideramos o VBP somente no período entre janeiro e setembro deste ano já alcançamos um valor de faturamento 15% maior do que no mesmo período de 2020.

Tabela 6 – Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS.

MÊS / ANO	ABATES DE BOVINOS		VBP BOVINOS (R\$)	
	2020	2021	2020	2021
Janeiro	155.283	160.580	495.042.269	592.566.470
Fevereiro	149.202	146.138	487.942.292	623.793.560
Março	170.706	152.997	525.189.131	716.382.610
Abril	211.186	149.312	677.603.515	712.016.667
Mai	170.429	125.919	562.258.927	642.319.198
Junho	147.056	116.993	512.345.490	627.423.864
Julho	161.306	127.675	570.815.487	652.686.676
Agosto	206.297	162.400	702.577.619	759.492.962
Setembro	223.558	165.102	748.986.829	746.666.614
Outubro*	188.045	171.146	657.926.156	778.827.716
Novembro*	197.368	169.134	735.921.958	799.220.618
Dezembro*	185.217	168.913	672.681.055	832.378.677
TOTAL	2.165.653	1.816.310	7.349.290.729	8.483.775.633

Fonte: FUNDESA (*) Projeção da Assessoria Econômica / Sistema Farsul.

Em 2020 o avanço no número de animais abatidos foi muito grande, e para manter os abates em ritmo crescente observamos um aumento expressivo no abate das fêmeas (comportamento que estamos observando desde 2015) e atingimos uma diferença marginal de 2 mil cabeças em 2020, algo inédito na pecuária gaúcha. Para 2021, os produtores devem recompor as suas matrizes e, conseqüentemente, esperamos uma queda na produção e um aumento na diferença entre os abates de machos e fêmeas a níveis similares a de 2017.

Para 2021, a manutenção do desequilíbrio cambial trazida pelas incertezas da crise global e da pandemia tornou a carne brasileira ainda mais competitiva no mercado

internacional. Entretanto, o ajuste na oferta (relatado anteriormente) e o embargo chinês à carne brasileira afetou o desempenho das exportações nos meses de setembro e outubro. Segundo dados do ComexStat/MDIC, em 2021 o volume (kg) exportado apresentou queda de 16% no Rio Grande do Sul - considerando o período de janeiro a outubro frente ao mesmo período de 2020 - porém, se avaliarmos em termos de faturamento (US\$) os valores caíram somente 0,2%, resultado da valorização do preço no período. Então, está trajetória crescente do preço é reflexo da combinação de desvalorização cambial que, conseqüentemente, torna nossos produtos mais atrativos no mercado externo e estimula os preços no mercado interno, aliado a queda na oferta.

O pecuarista deve estar sempre atento para os acontecimentos da economia, uma vez que o seu negócio é diretamente afetado pelos seus reflexos. Este deve monitorar e prestar atenção nas exportações do setor, já que há uma forte relação de influência entre volume exportado e preço recebido, sobretudo em períodos de longa estagnação do consumo doméstico.

É importante ressaltarmos que os dados do último trimestre desse ano são projeções, tanto para produção quanto para o faturamento, com base nos dados disponíveis pelo FUNDESA até setembro de 2021.

Então é importante termos cautelas com as previsões feitas, pois o embargo chinês afetou as exportações nacionais e derrubou as cotações do Boi a partir do seu anúncio em 4 de setembro. Assim, é possível que a nossa projeção para a produção possa ser reajustada para baixo e, conseqüentemente, a nossa previsão de aumento para o faturamento reduzir até dezembro de 2021.

1.1.3 Pecuária de Leite

Por Ruy Silveira Neto

Desde 2017, a produção de leite gaúcha vem em queda devido reflexos da crise econômica - desemprego alto e queda na renda das famílias - os produtores de leite tiveram baixo estímulo para seguir aumentando a produção. Em 2020 a conjuntura foi adversa, a pandemia global e o distanciamento social refletiram em mudança nos hábitos de consumo no sentido de aumento da demanda por lácteos e os produtores novamente ampliaram a sua produção em 2,52% em relação ao ano anterior. Além do mais, o Auxílio Emergencial - programa do Governo Federal que concede renda às camadas mais vulneráveis com o objetivo de auxílio no enfrentamento da pandemia - gerou aumento da procura por produtos alimentícios, dentre eles o leite. Entretanto, o aumento na demanda não conseguiu ser totalmente absorvido pelo crescimento da oferta, o baixo incentivo em aumento de produção dos anos anteriores prejudicou a

capacidade de ampliação da oferta por parte dos produtores, e os preços aumentaram muito no ano passado. Para 2021, a tendência que se observa é de um novo aumento na produção por parte dos produtores de leite, estimulados pela sustentação dos preços em patamares superiores aos do ano passado. Este cenário observado nos preços ao produtor e no avanço da oferta, colabora para a projeção de expansão do Valor Bruto da Produção (VBP) do leite no Rio Grande do Sul em relação ao ano anterior.

Produção e Valor Bruto da Produção

Diante deste cenário, a expectativa é de uma nova ampliação da produção de leite em 2021, na magnitude de 3,29%, equivalente a uma elevação de 109,6 mil litros. É importante destacarmos que se trata de uma projeção dos seis últimos meses, uma vez que, a produção do primeiro semestre já está posta pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Então, ainda estamos trabalhando com um cenário que poderá mudar até o final do ano, pois mais da metade da produção de leite no estado se concentra exatamente no segundo semestre do ano.

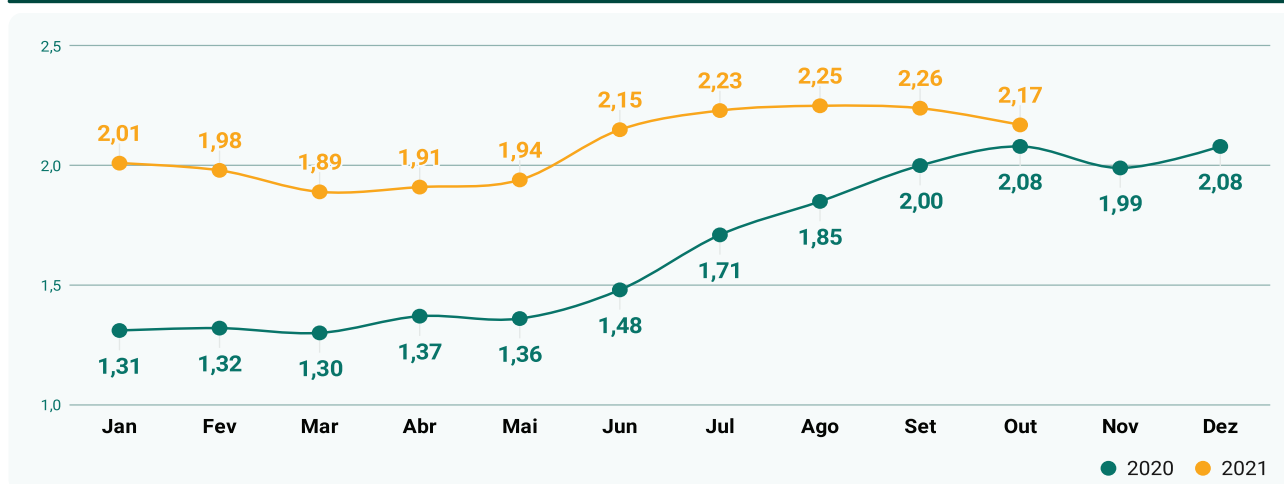
A Assessoria Econômica acredita que essa projeção tenha um viés de queda à medida que o IBGE divulgue os dados do terceiro e quarto trimestre. Hoje, o produtor de leite se encontra pressionado pelo elevado custo de produção e já vem vislumbrando uma queda nas suas margens para 2021, mesmo com valorização do preço no ano, então, não será surpreendente uma mudança nas expectativas de produção e faturamento para o segundo semestre do ano.

Entretanto, se compararmos os dados já consolidados pelo IBGE do primeiro semestre de 2021 contra o mesmo período de 2020, observamos uma ampliação de 4,90% da produção, o que reforça a expectativa de um possível aumento da oferta até o final do ano. Esse crescimento de produção só foi possível depois de uma recuperação da safra de verão 20/21, contribuindo para uma maior disponibilidade alimentar dos animais.

Contudo, as cotações de leite em 2021 vêm se mantendo em patamares médios superiores aos do ano passado, se tornando um dos principais fatores que motivam esse novo avanço esperado na produção de leite. Na média, o preço do litro de leite no ano de 2021 (jan-out) foi de R\$ 2,08/litro e, se compararmos

com a média dos preços praticados no ano de 2020 (jan-dez), que foi de R\$ 1,66/litro, observamos um aumento de 26%. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR), esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IIPR apresentou uma inflação de 12,83%.

Gráfico 2 - Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite



Fonte: CEPEA-Esalaq

O Valor Bruto da Produção (VPB) do RS estimado para 2021 é R\$ 7,18 bilhões, isto é, uma variação positiva de 28% em comparação com o ano anterior. Esse resultado é

consequência da manutenção dos preços em níveis superiores aos praticados em 2020 (como observado no gráfico anterior) somado a expectativa de ampliação da produção.

Tabela 7 - Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS

MÊS / ANO	LEITE ADQUIRIDO (MIL LITROS)		VBP DO LEITE (R\$ MIL)	
	2020	2021	2020	2021
Janeiro	274.598	306.570	359.202	615.715
Fevereiro	260.493	262.165	345.049	518.012
Março	250.552	271.017	326.294	513.469
Abril	226.356	240.211	311.013	459.548
Maio	250.187	257.466	339.128	499.819
Junho	250.320	249.157	370.649	535.314
Julho*	297.754	296.318	510.112	660.671
Agosto*	316.799	323.526	587.504	728.030
Setembro*	306.383	321.202	612.643	724.440
Outubro*	312.570	315.731	650.396	685.137
Novembro*	286.278	293.158	571.039	609.390
Dezembro*	300.382	305.730	625.576	635.524
TOTAL	3.332.672	3.442.251	5.608.604	7.185.067

Fonte: IBGE (*) Projeção 2021 - Farsul

Em 2021, apesar dos reflexos negativos da pandemia na inflação brasileira, afetando o poder de compra do consumidor e elevando fortemente o custo de produção do leite, projeta-se uma ampliação da oferta como reflexo da valorização das cotações de leite. Entretanto, devido a própria estrutura do setor - em que o ajuste da oferta por parte dos produtores é lento - este aumento da produção ainda não se refletiu em quedas no preço ao produtor. A política de assistência social oferecida pelo Governo Federal e a ampliação do auxílio para R\$ 400,00, atingindo 17 milhões de famílias, previsto até o final de 2022, podem dar lastro para demanda de laticínios. Porém, a inflação está em aceleração e pode comprometer a demanda por lácteos no ano que vem.

É importante ressaltarmos que os dados do segundo semestre desse ano são projeções, tanto para produção quanto para o faturamento, com base nos dados disponíveis pelo IBGE até junho e os preços do CEPEA até outubro de 2021. Então, é importante termos cautela com as previsões feitas, pois a inflação permanece em aceleração e pressionando a renda do brasileiro, podendo prejudicar o aumento da demanda e aprofundar o cenário do alto custo de produção do leite, o que pode também frear a ampliação de oferta. Outro fator é o preço, que já vem demonstrando viés de queda para o restante do ano. Assim, é possível que a nossa projeção para a produção possa ser reajustada para baixo e, conseqüentemente, o faturamento possa sofrer alterações com viés de redução das nossas expectativas.

1.2 Análise da rentabilidade da agropecuária do Rio Grande do Sul

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

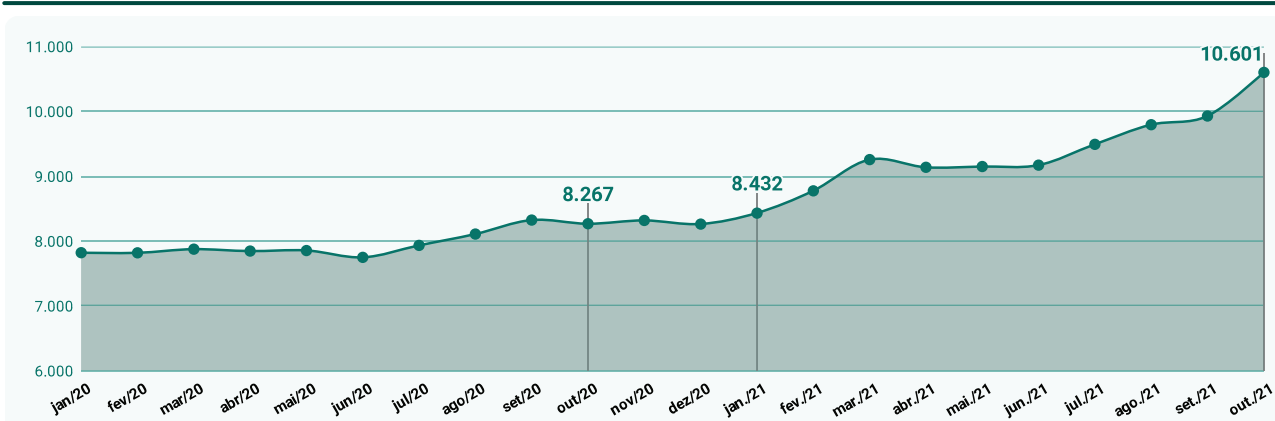
A Análise de Rentabilidade trata **exclusivamente** da capacidade de obter receita, por hectare, advinda do preço e da produtividade esperada diante do custo de produção. Perdas climáticas futuras não são consideradas na projeção de receita para próxima safra, pois a análise é um vetor de competitividade e não um relato de desempenho para o próximo ano.

1.2.1 Arroz

O Custo Operacional Total (COT), que

compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Analisando os custos de outubro de 2021 com os do mesmo período do ano anterior, houve uma elevação de 28,23% no COT. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), esse aumento no custo fica mais evidente. No acumulado em 12 meses, o IICP apresentou inflação de 41,09%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no gráfico abaixo.

Gráfico 3 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total do Arroz, os principais destaques de alta, quando comparados os meses de outubro de 2020 e 2021, foram: fertilizantes, que representam 24% do COT, com aumento de 110%; herbicidas, que constituem 7% do COT, com uma elevação de 49%; sementes, com alta de 13%; e frete, com uma ampliação de 51% no seu custo. Com uma forte elevação do preço da gasolina e do diesel, é natural que o frete encareça muito para a próxima safra. Foram poucas contas que demonstraram queda no custo: inseticidas, com uma retração -0,04% e fungicidas, que diminuiu 2% em relação ao mesmo período do ano passado.

A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Arroz demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties compõem 36% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, estes componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Comprar na hora certa, portanto, é fundamental. Por sua vez, os componentes do custo como irrigação, óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro

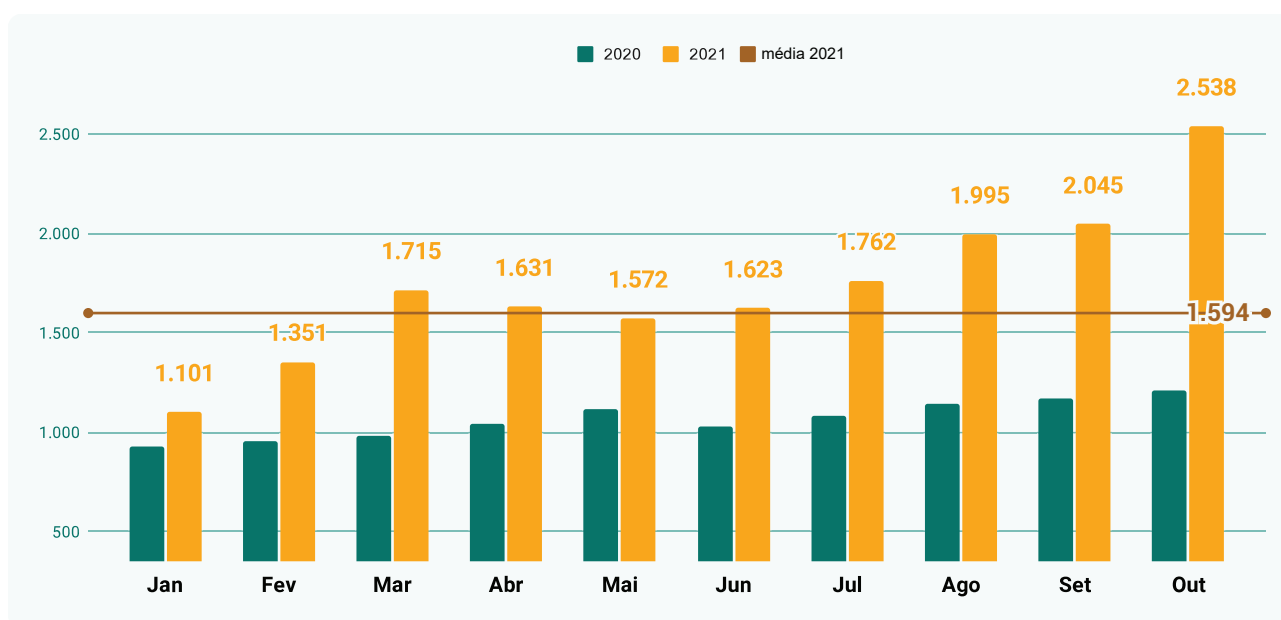
(43% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Em 2021, o melhor período para a compra de fertilizantes foi em janeiro, como pode ser observado no gráfico seguinte.

O custo do insumo em março foi 37% mais baixo, quando comparado com **julho, mês de entrada do custeio**. O custo de fertilizantes, segue influenciado pela desvalorização cambial do real frente ao dólar. Outros fatores que contribuem para esse cenário nos fertilizantes são: Desarranjo nas cadeias de comércio internacional causado pela pandemia; queda na produção do insumo nos principais países produtores; e a forte inflação que aflige a maioria dos países do mundo. Todos esses fatores apontados vêm influenciando na escalada do preço do insumo desde maio deste ano.

Gráfico 4 - Custo dos fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha

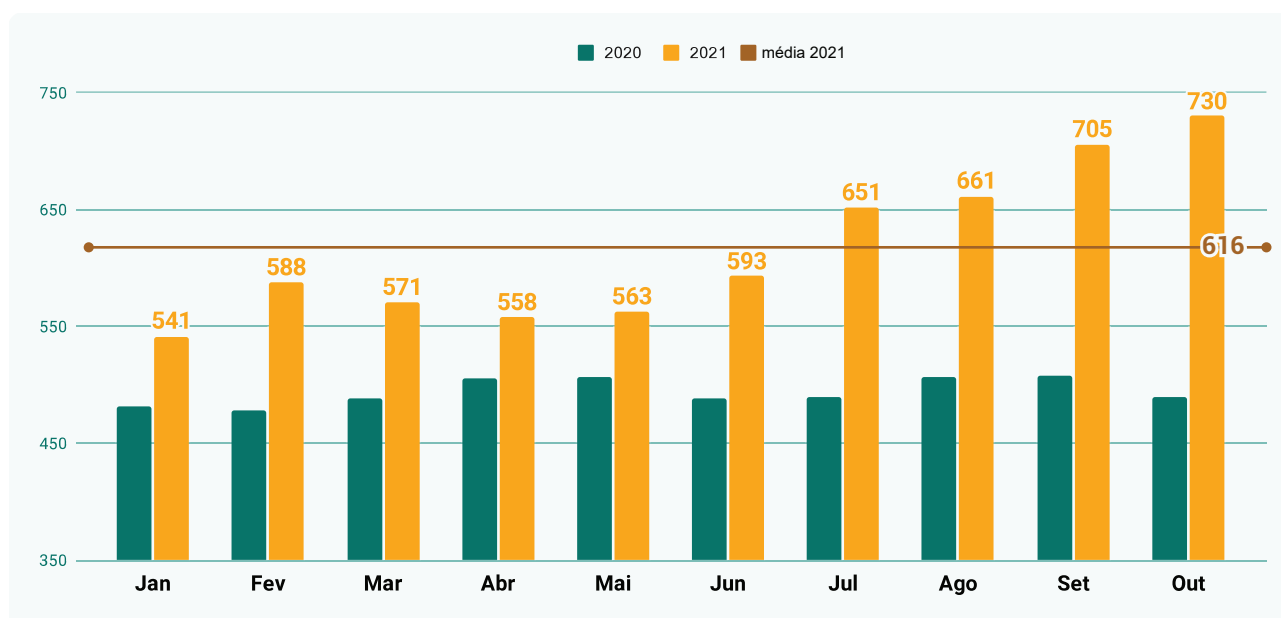


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram analisados individualmente. A análise apontou que **o melhor momento para a compra de herbicidas foi no primeiro semestre do ano**, pois, em 2021, os meses

de janeiro a junho apresentaram cotações abaixo da média anual. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em janeiro apresentaram uma economia em seu custo de 17% em relação ao mês de julho.

Gráfico 5 - Custo dos herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha

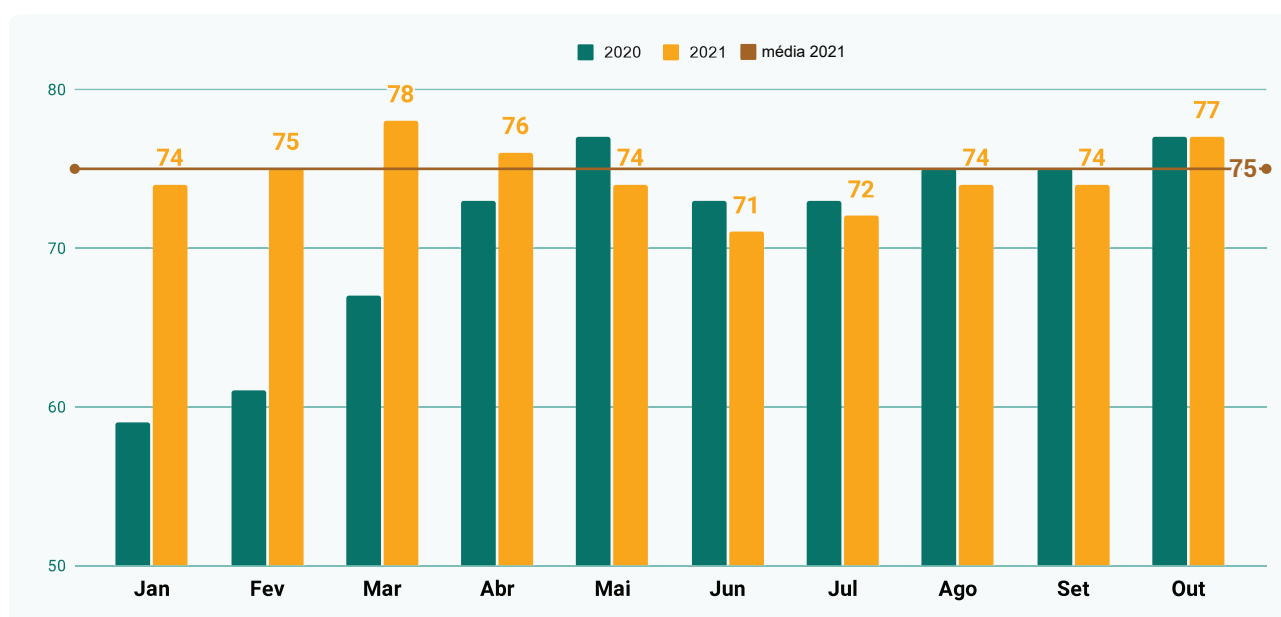


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Para os últimos anos, **o melhor momento para compra dos inseticidas foi no primeiro semestre**. No ano de 2021, a estratégia foi

diferente, **o mês de junho apresentou o melhor preço** seguido de julho e agosto, exatamente no período de entre safra do Arroz.

Gráfico 6 - Custo dos inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha

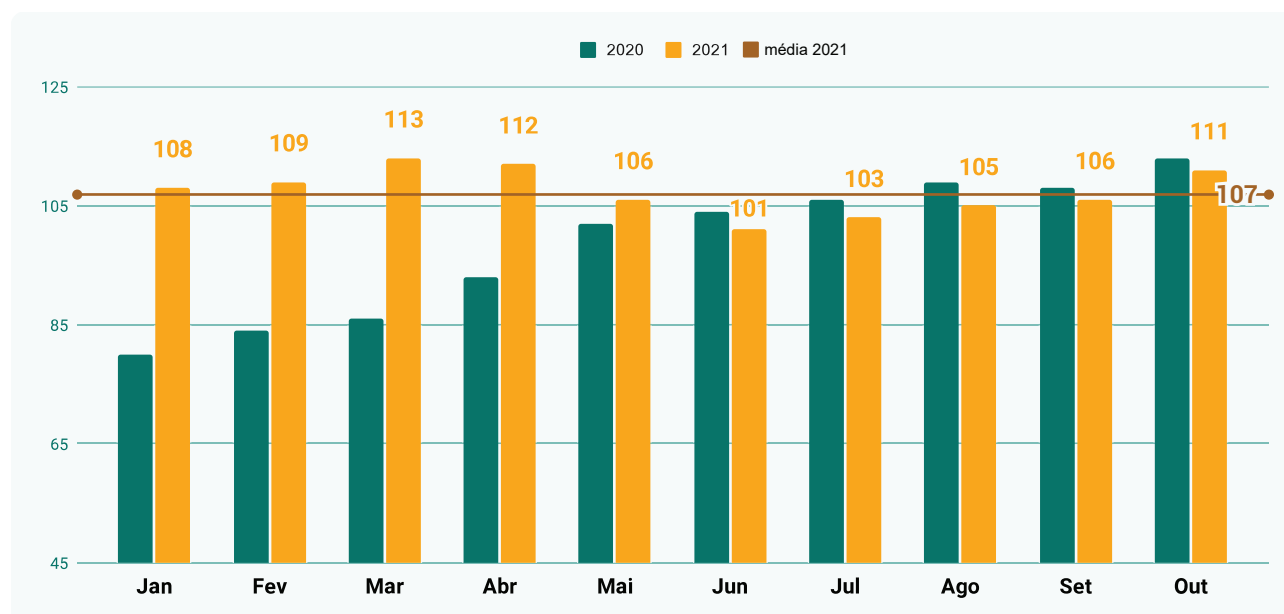


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

De acordo com a análise produzida, **o melhor momento apontado para adquirir fungicidas é nos primeiros meses do ano**. Como pode ser observado no gráfico seguinte, os custos com

fungicidas demonstraram comportamento similar ao dos inseticidas, e o mês de junho se configurou no melhor momento para a aquisição do insumo.

Gráfico 7 - Custo dos fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha



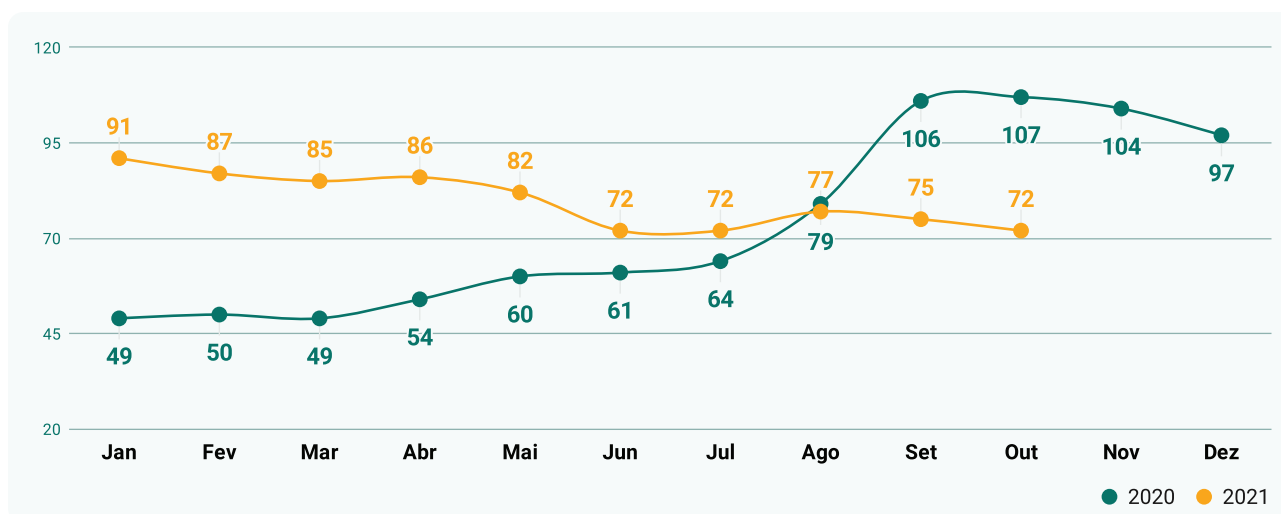
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Margem de Lucratividade do Arroz

A Safra 2020/2021 foi marcada por boas cotações e margens recordes, um momento divisor de águas, pois se soma aos resultados igualmente bons de margem da safra anterior. Entretanto, esse resultado positivo de lucratividade não foi o suficiente para estimular um crescimento de área no estado, e em 2021 tivemos uma área 0,3% menor que em 2020. Contudo, a produção do RS aumentou 6% por conta do clima excepcional para produção de arroz e rendimentos históricos no estado. Em nível nacional, o grão registrou aumento de 4% em 2021 puxado principalmente pela alta produtividade da safra gaúcha, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com uma conjuntura de preços ainda elevados em 2021, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos tem trabalhado com um cenário de aumento na área plantada do Brasil de 1,2% para 2022, porém, não é esperado um aumento de área no Rio Grande do Sul. Caso essa projeção se confirme, deveremos ter uma produção em 2022 similar à do ano passado no país que, e por decorrência, ocasionará mais um aumento na oferta total brasileira, de 4,2% podendo pressionar ainda mais os preços ao produtor.

A pandemia da COVID-19 e o auxílio emergencial estimularam a demanda de Arroz em 2020, porém, neste ano, a situação fiscal do Governo Federal obrigou uma redução na parcela do auxílio emergencial e a aceleração da inflação nesse mesmo período ocasionou uma redução no poder de compra do brasileiro. Mesmo com aumento do preço ao consumidor final puxado pela alta inflacionária do país, o consumo interno aumentou 2% (segundo USDA), porém, as exportações caíram 30% e conseqüentemente a demanda total foi pressionada para baixo. Um aumento da oferta total de 2,2% em conjunto com redução na demanda total de 2,6%, resultaram em ampliação considerável da relação estoque consumo e aumento dos estoques finais em 2021, segundo dados do USDA. Com a perspectiva do USDA de consumo interno inalterado para 2022 e aumento de 28% dos estoques finais, aliado a um novo acréscimo na relação estoque consumo, o preço deve continuar sendo pressionado. Essa conjuntura será abordada de maneira mais detalhada na seção **1.4 Análise de Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira** do relatório.

Gráfico 8 - Preço mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg



Fonte: Esalq/Senar-RS

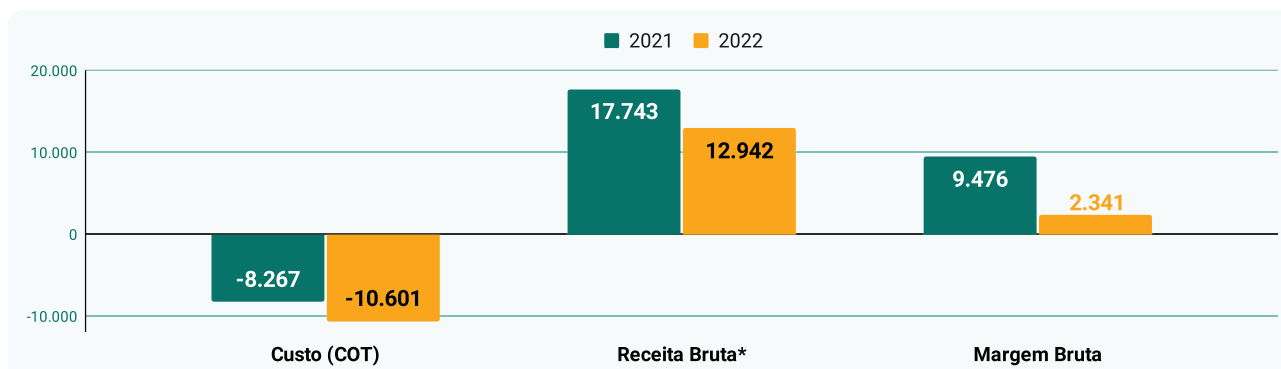
Por decorrência da conjuntura apresentada anteriormente, de aumento da relação estoque consumo em 2021, as cotações recebidas pelos produtores de arroz foram caindo ao longo do ano, como apontado no **gráfico anterior**. Em outubro, o preço médio do grão no RS chegou a R\$ 71,90/sc 50kg, uma queda de 33% em relação ao mesmo período do ano passado. Como as projeções do USDA para 2022 apontam para uma produção praticamente igual à do ano passado, uma recuperação das exportações vai ser importante para a sustentação futura dos preços. Entretanto, o momento é de muita atenção por parte dos produtores, pois o que se observa hoje é uma perspectiva de preço médio de comercialização inferior ao da safra 20/21.

Para a safra 21/22 de Arroz, projeta-se um COT 28% maior do que o custo verificado na safra passada. O cenário do custo de produção preocupa, pois, a inflação nos insumos está

ligada diretamente ao descompasso entre as cadeias internacionais de suprimento. A escassez de contêineres e navios para exportação; baixo crescimento do PIB chinês, consequência da crise imobiliária e energética que afetou a produção de fertilizantes, fosforo amarelo e semicondutores; pandemia ainda muito forte na Rússia prejudicando a produção de fertilizantes no país; aceleração do preço do barril de petróleo; e desvalorização cambial.

Então, o momento é de incerteza no cenário internacional e de uma inflação alta no Brasil. A recomendação hoje é de muita cautela em novos investimentos de capital fixo, o cenário não é propício para aumento de alavancagem, é hora de formação de caixa para o enfrentamento de turbulências futuras.

Gráfico 9 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 do Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq (*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/21: R\$ 86,13/saca 50 kg; out/21: R\$ 71,90/saca 50kg.

Então, se espera uma queda na margem bruta para a próxima safra, fator ligado a expectativa de preços médios menores, associados a um retorno aos níveis normais de produtividade do RS.

É importante destacarmos que se deve ter muita prudência com estas projeções. Contudo, o cenário que vem se configurando é de uma possível queda nos preços para 2022 - então, há uma probabilidade de Margem Bruta em patamares ainda menores até abril do ano que vem.

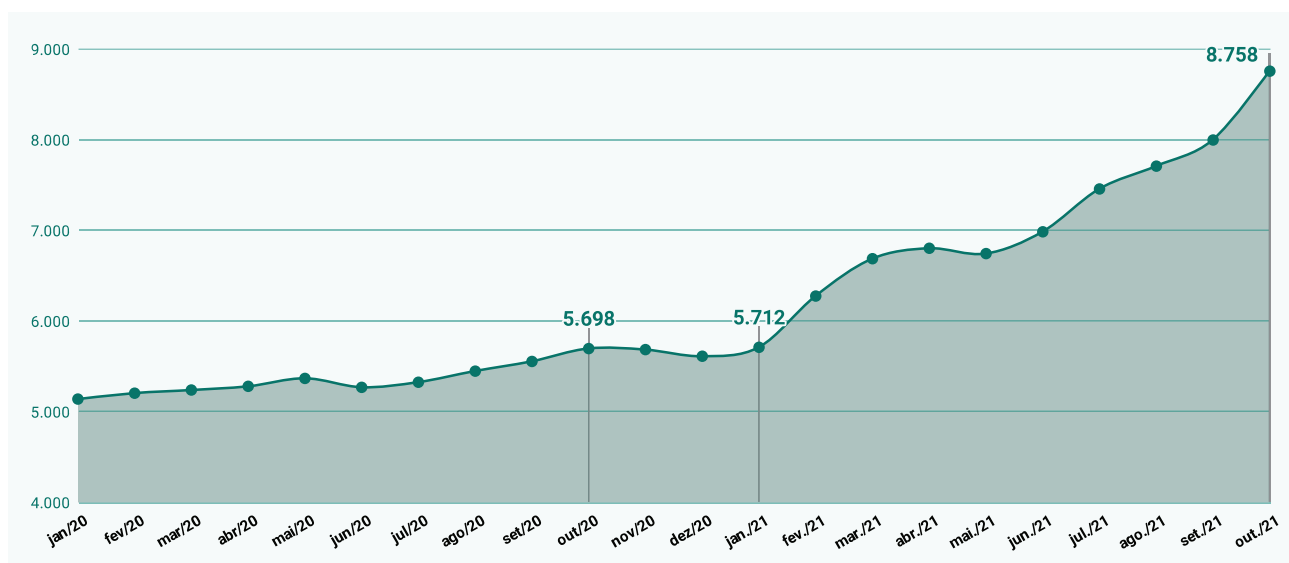
A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por

hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Uruguaiana.

1.2.2 Milho

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas etc.), é importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2021 com o mesmo período do ano anterior, o COT registrou alta de 53,7%. Na análise da evolução do COT, somente em 2021 (de janeiro até outubro) aumentou 53,3%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IICP apresentou uma inflação de 41,09%.

Gráfico 10 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total do Milho, todas as contas que compõem o indicador apresentaram aumentos, se comparados os meses de outubro de 2020 e 2021. Fertilizantes, com participação de 43% no COT, dobrou o custo com uma alta de 134% no período; herbicidas, que representam 4% do COT, apresentaram elevação de 51%; fungicidas, com um aumento de 20%; sementes subiu 11% o custo; frete com uma ampliação de 46%, puxado pela alta do diesel e da gasolina; e os tributos de comercialização aumentaram 29%, consequência da receita mais alta puxada pelo aumento do preço em 2021.

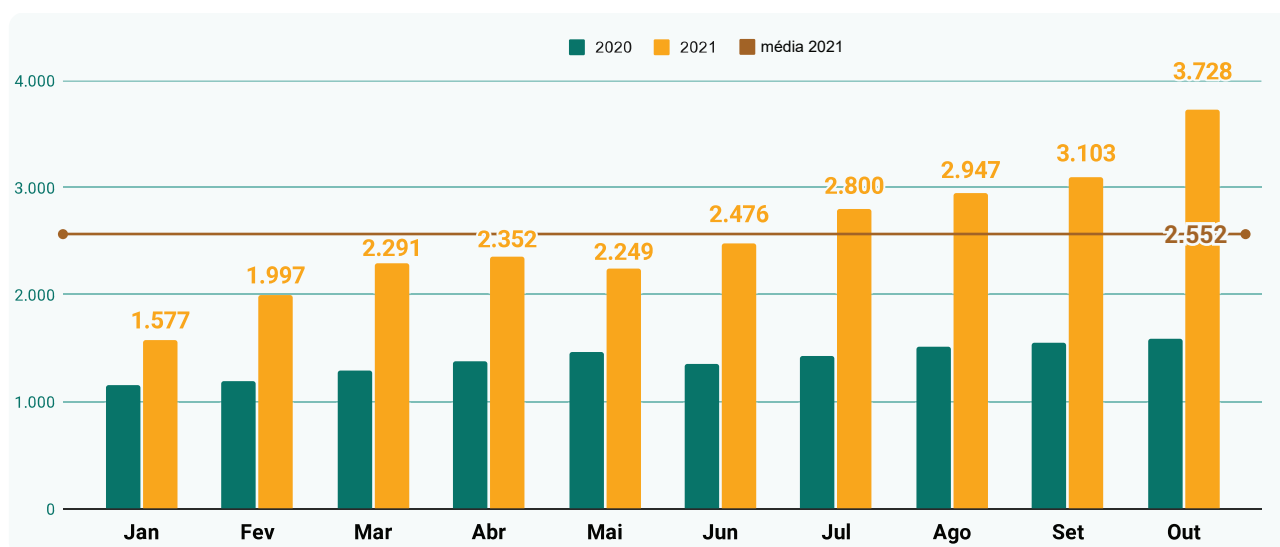
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Milho demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties compõem 62% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, mais da metade dos componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Os componentes do custo como óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro (26% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos

fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Gráfico 11 - Custo dos fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha

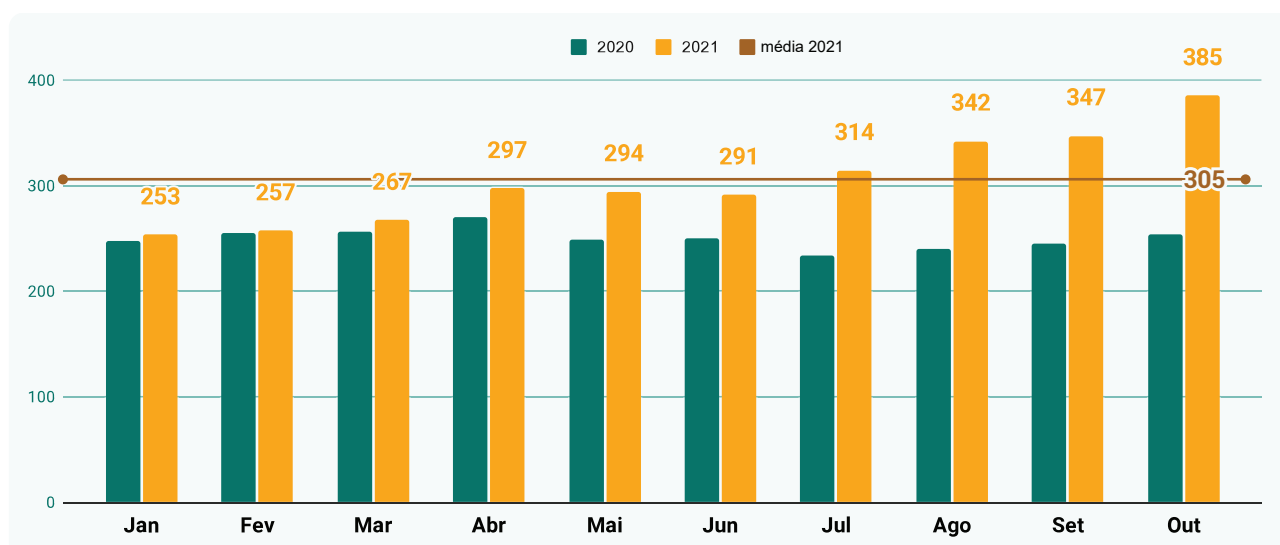


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Nossa análise apontou que, nos últimos anos, **a primeira metade do ano é a melhor época para a compra de fertilizantes.** Em 2020, o mês de janeiro se destacou como o melhor momento para a aquisição do insumo. Como já foi destacado anteriormente, o forte impacto da pandemia nas cadeias globais afetou o suprimento de uma série de insumos, gerando uma inflação generalizada no mundo em 2021.

Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram pesquisados individualmente. **A análise apontou que o melhor momento para a compra de herbicidas remete ao primeiro semestre do ano.** Em 2021, os custos com esse insumo se mantiveram abaixo do custo médio no primeiro trimestre do ano, com destaque para o mês de janeiro.

Gráfico 12 - Custo dos herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha

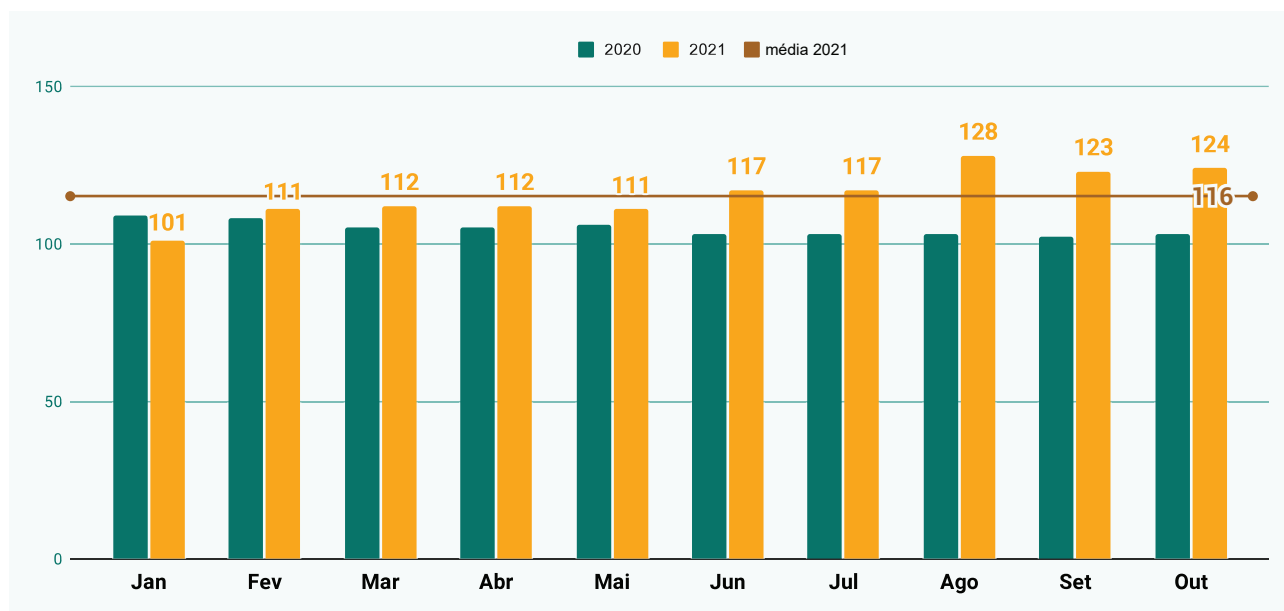


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Os **fungicidas possuem tendência de melhor compra no primeiro semestre**. Em 2021, essa lógica se manteve e o custo ficou abaixo da média anual até maio. Quem comprou

inseticidas entre janeiro e maio teve um custo médio, por hectare, 10% menor do que quem adquiriu o insumo entre os meses de junho a setembro de 2021.

Gráfico 13 - Custo dos fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha

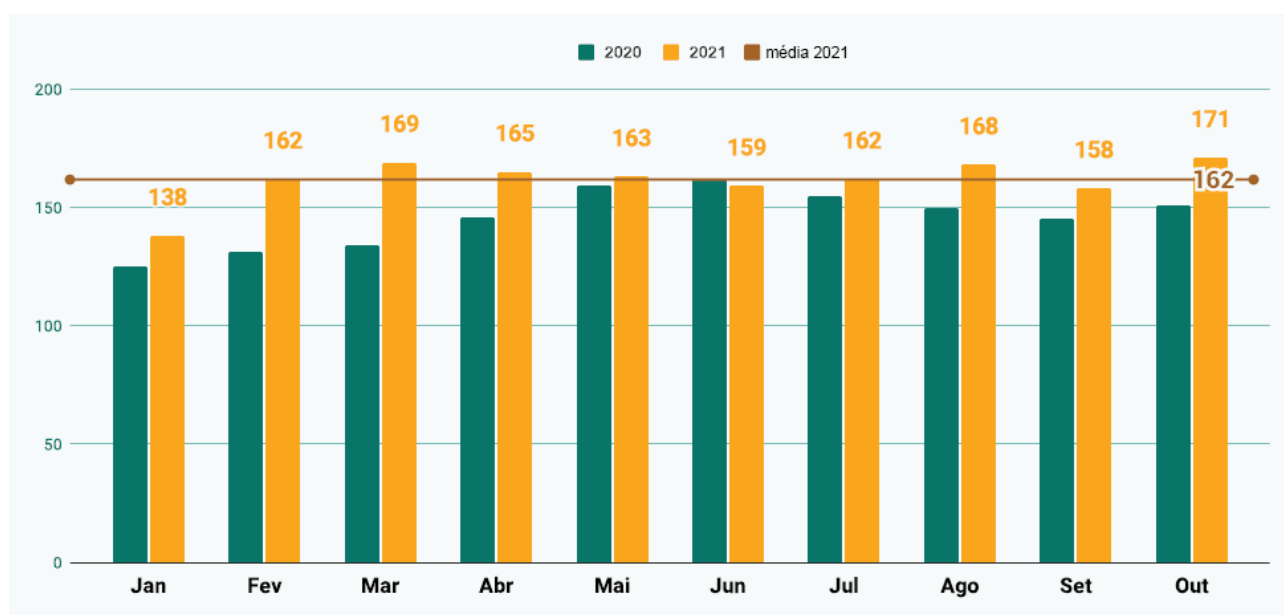


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Nos últimos anos, **o melhor momento para compra de inseticidas foi no primeiro semestre do ano**. No ano de 2021 a estratégia foi diferente, somente janeiro apresentou o

melhor preço. O custo se manteve acima ou muito próximo da média anual durante quase todo o ano, sem grandes oscilações.

Gráfico 14 - Custo dos inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Margem de Lucratividade do Milho

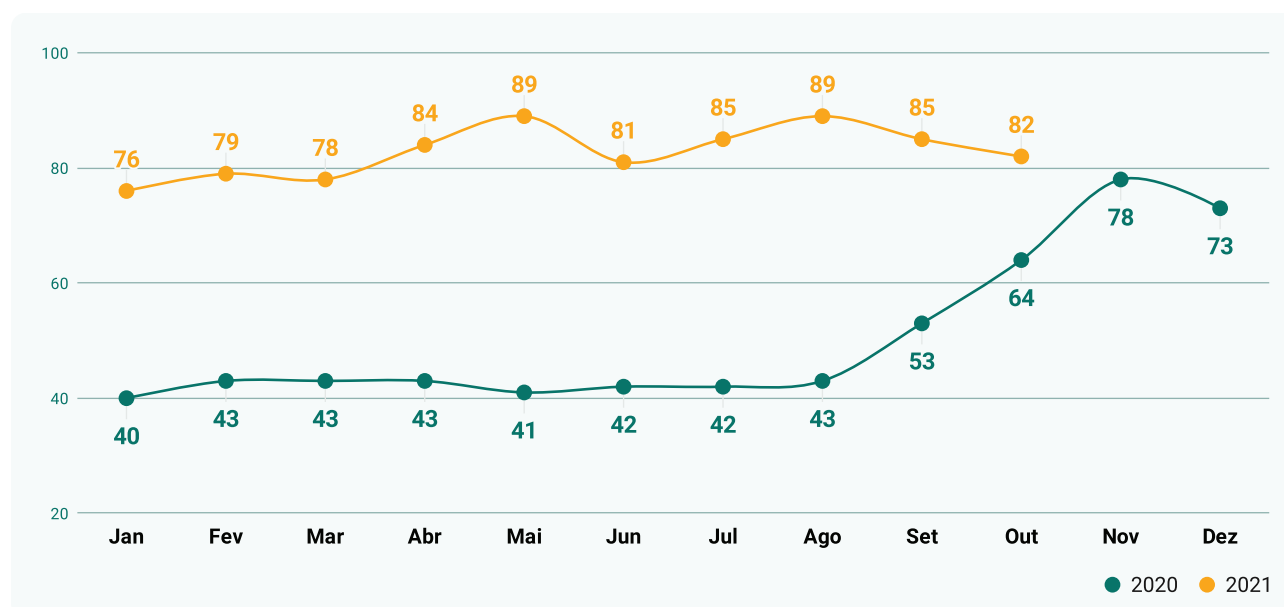
A produção mundial de Milho apresentou uma leve queda nesse ano -0,3%, reflexo da seca no Centro-oeste brasileiro que afetou a safrinha de milho em 2021, por outro lado, consumo mundial aumentou 1,2%, segundo projeção do USDA. Essa conjuntura de consumo maior que a produção em 2021, resultou em nova queda de 4,8% no estoque final internacional, e ajudou a estimular o avanço do preço para patamares acima do ano passado. Para 2022, as projeções do USDA apontam para uma oferta maior que a demanda, resultado da recuperação esperada da safra brasileira. O cenário é de uma recuperação parcial dos estoques finais em 2022, porém, uma manutenção da relação estoque consumo a níveis semelhantes a 2021. Hoje, a expectativa é de uma sustentação das cotações internacionais no próximo ano.

No ano de 2021 a produção brasileira diminuiu 15,7%, a estiagem forte no Sudeste e Centro-oeste do Brasil afetaram a safra e a safrinha de milho, refletindo em uma redução de 13,1% na oferta total nacional. A demanda também apresentou queda da mesma ordem (-13,7%), puxado pela forte retração das exportações.

Por conta da queda severa na produção nacional, a projeção do USDA é de os estoques finais de 2021 sejam menores do que no ano passado, contribuindo para o cenário de preços recordes verificado esse ano. Para 2021, há projeção de aumento na produção brasileira de 37,2%, segundo o USDA. Com uma projeção de alta expressiva na produção, a expectativa do USDA é de aumento na relação estoque consumo do Brasil para 2022. Esse cenário será abordado de maneira mais detalhada na seção **1.4 Análise de Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira** do relatório.

A conjuntura apresentada anteriormente - segundo projeções do USDA - para o mercado nacional pode impactar negativamente no preço interno do milho, que se encontra hoje em patamar historicamente elevado. Entretanto, se a expectativa de recuperação das exportações se confirmar - em uma conjuntura de desvalorização cambial - pode ajudar na sustentação das cotações em 2022. O preço do cereal no RS em outubro de 2020 foi R\$ 63,73/sc 60 kg, enquanto no mesmo período de 2021 o preço foi de R\$ 82,49/sc 60 kg, o que representa um aumento de 29% no período.

Gráfico 15 - Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60 kg



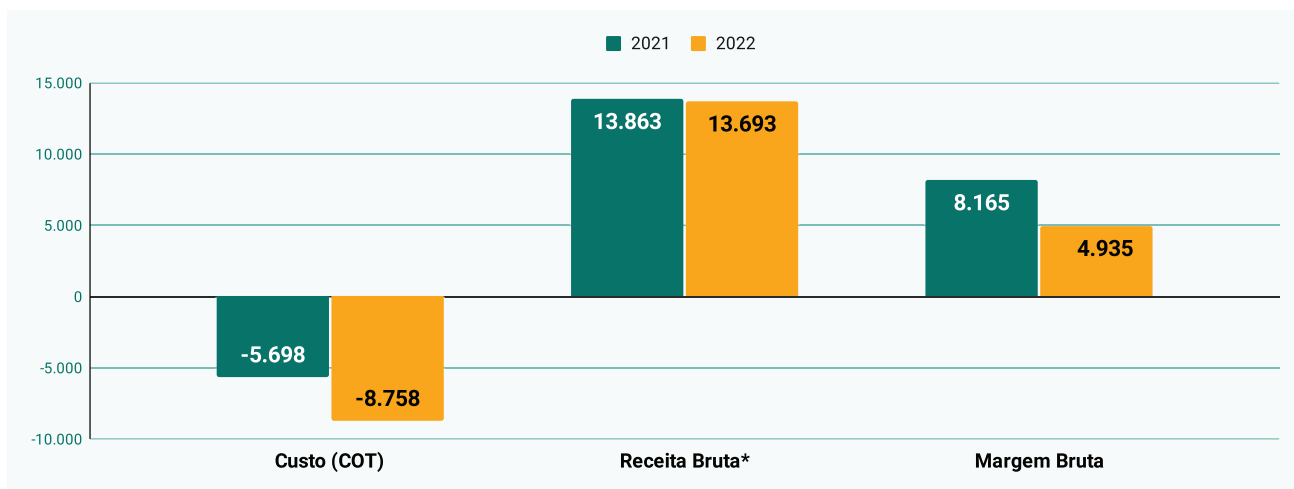
Fonte: Cepea/Esalq

A rentabilidade do Milho para a safra 2022 pode ser verificada no **gráfico seguinte**. Segundo o Cepea/Esalq, a projeção é de 54% de aumento no COT (referência outubro de 2021), que está relacionada, principalmente, à uma ampliação de 134% no gasto com fertilizantes - insumo que mais pesa dentro do custo operacional total. O cenário do custo de produção preocupa, pois, a inflação nos insumos está ligada diretamente ao descompasso entre as cadeias internacionais de suprimento. A escassez de contêineres e navios para exportação; baixo crescimento do PIB chinês, consequência

da crise imobiliária e energética que afetou a produção de fertilizantes, fosforo amarelo e semicondutores; pandemia ainda muito forte na Rússia prejudicando a produção de fertilizantes no país; aceleração do preço do barril de petróleo; e desvalorização cambial.

Então, o momento é de incerteza no cenário internacional e de uma inflação alta no Brasil. A recomendação hoje é de muita cautela em novos investimentos de capital fixo, o cenário não é propício para aumento de alavancagem, é hora de formação de caixa para o enfrentamento de turbulências futuras.

Gráfico 16 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq (*) Receita Bruta a partir dos preços de mai/21: R\$ 89,44/saca 60 kg; out/21: R\$ 82,48/saca 60 kg.

Com uma conjuntura de custos muito elevados para a safra 2022 e uma receita bruta apresentando uma leve queda de 1%, é esperada uma redução de margem bruta na ordem de 40%.

A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

É importante ressaltar que essa projeção de margem de lucro considera o preço médio do milho em outubro de 2021, então produtores que plantaram variedades precoces para colherem no final do ano podem auferir resultados compatíveis ao apresentado. Entretanto, o cenário atual aponta para um recuo da margem bruta até maio de 2022, puxado majoritariamente pela forte alta dos custos de produção.

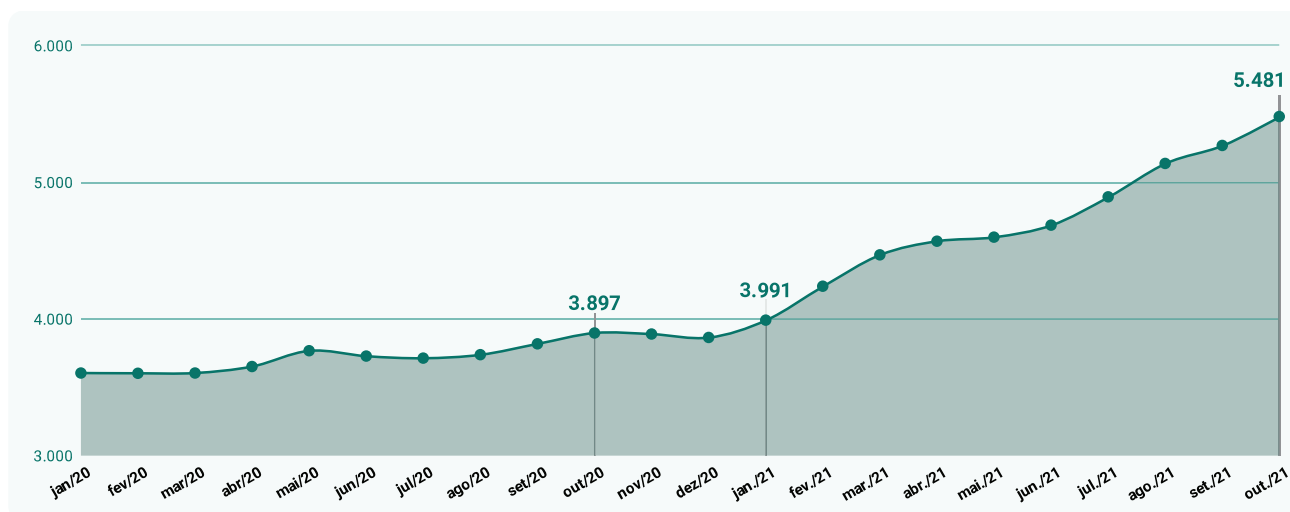
1.2.3 Soja

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas etc.), é fundamental para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2021 com o mesmo período do ano anterior, houve alta de 40,7% do COT. Na avaliação da evolução do COT, somente em 2021 (de janeiro a outubro) a elevação do custo foi de 37,35%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo

de Produção (IICP), essa conjuntura fica mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP

apresenta inflação de 41,09%. O comportamento mensal pode ser analisado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 17 - Evolução mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total da Soja, todos os itens do custo de produção apresentaram alta, quando comparados os meses de outubro de 2020 e 2021, os destaques foram: fertilizantes, que representam 31% do COT, com aumento de incríveis 123%; herbicidas, que apresentaram ampliação de 65% no seu custo; fungicidas com elevação de 6%; inseticidas, com alta de 25%; sementes subiu 20% no seu custo, ou seja, todos os principais itens que compõem o custo operacional dispararam em 2021. Quando analisamos após a porteira, o frete segue em forte elevação com variação de 46%, conjuntura associada a forte inflação dos combustíveis nesse ano. A fotografia hoje é de uma lavoura mais cara para a próxima safra e aumento generalizado nas despesas do produtor rural de soja.

A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção da Soja demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties, compõem 61% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural, mais da metade dos componentes do custo de produção depende da estratégia de aquisição do produtor. Os componentes como óleo diesel, frete, tributos, seguros e financiamento

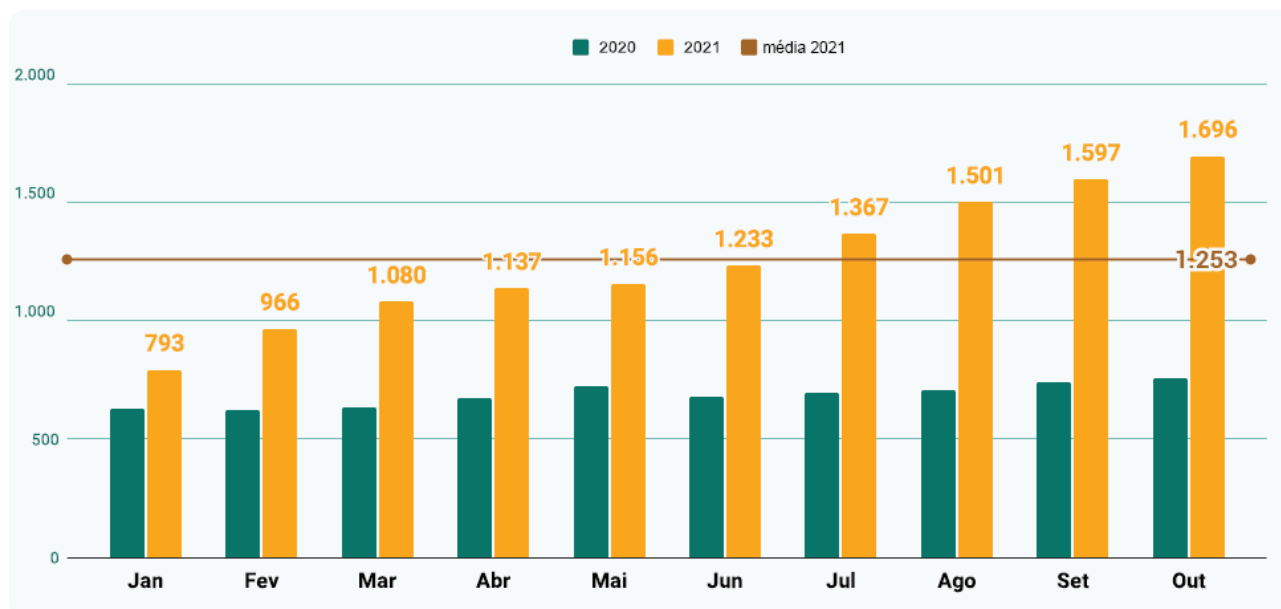
do capital de giro (31% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Nos últimos anos, o melhor momento para a aquisição dos fertilizantes foi o primeiro semestre do ano.

O custo do insumo em janeiro foi 42% mais baixo que em **julho, mês de entrada do custeio**, e se manteve abaixo da média anual ao longo de quase todo o primeiro semestre do ano. Como já foi observado, o descompasso nas cadeias de comércio internacional geradas pela pandemia vem afetando os preços dos principais insumos de produção e provocando uma forte inflação na maioria dos países em 2021. Portanto, quem antecipou compras para a safra de 2022, principalmente no primeiro trimestre do ano, adquiriu os insumos com melhores cotações.

Gráfico 18 - Custo dos fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha

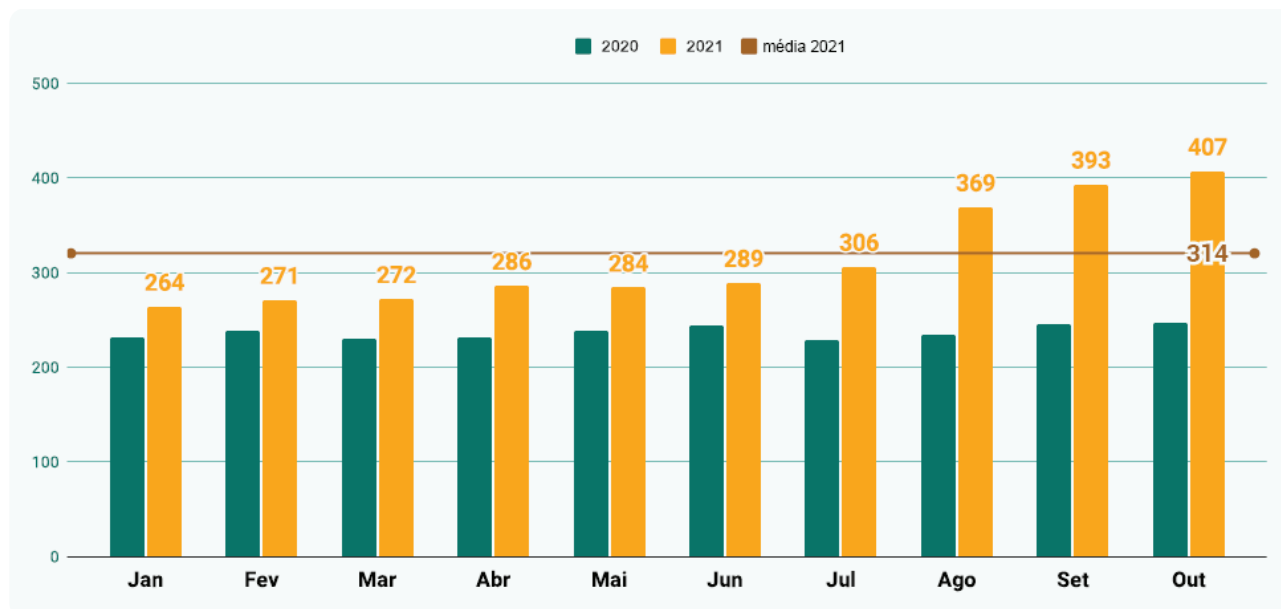


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

O estudo dos agroquímicos para o **melhor momento da aquisição remete, geralmente, ao primeiro semestre para os herbicidas.** Em 2020 esse cenário se

manteve em todo o primeiro semestre do ano. O mês de janeiro despontou como o melhor momento para a aquisição do produto na primeira metade de 2021.

Gráfico 19 - Custo dos herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha

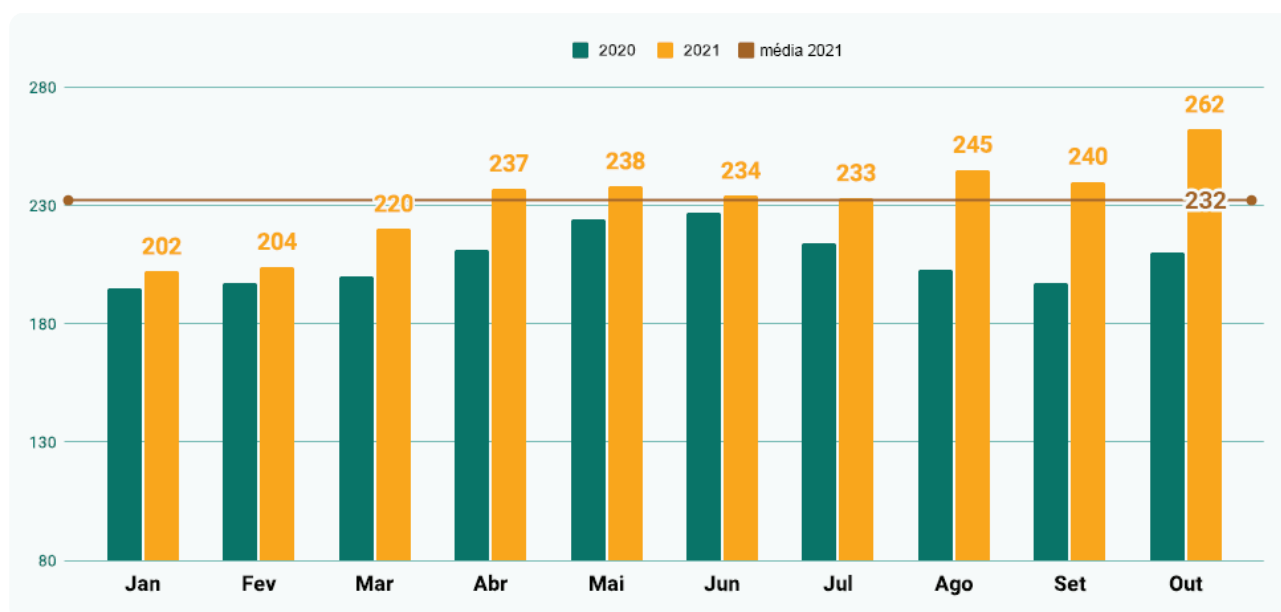


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

O melhor período para a compra de inseticidas regularmente é no primeiro semestre, e no ano de 2020 não foi diferente. Observamos que

o mês de janeiro houve uma conjuntura ótima para aquisição do agroquímico, com o preço se mantendo 11% abaixo da média anual.

Gráfico 20 - Custo dos inseticidas para Soja, em R\$/ha

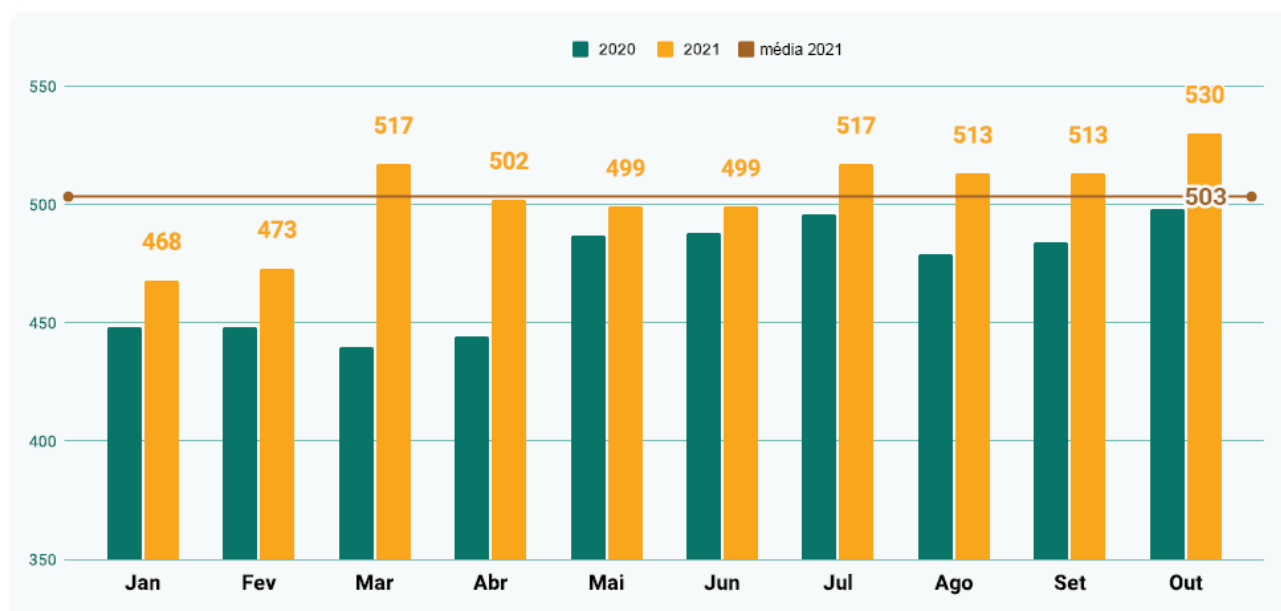


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Os fungicidas possuem tendência de melhor compra nos primeiros meses do ano, e em 2020 essa tendência se manteve nos dois primeiros

meses do ano. Os produtores que adquiriram o insumo em janeiro obtiveram uma economia de 7% em relação à média de preços anual.

Gráfico 21 - Custo dos fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Margem de Lucratividade da Soja

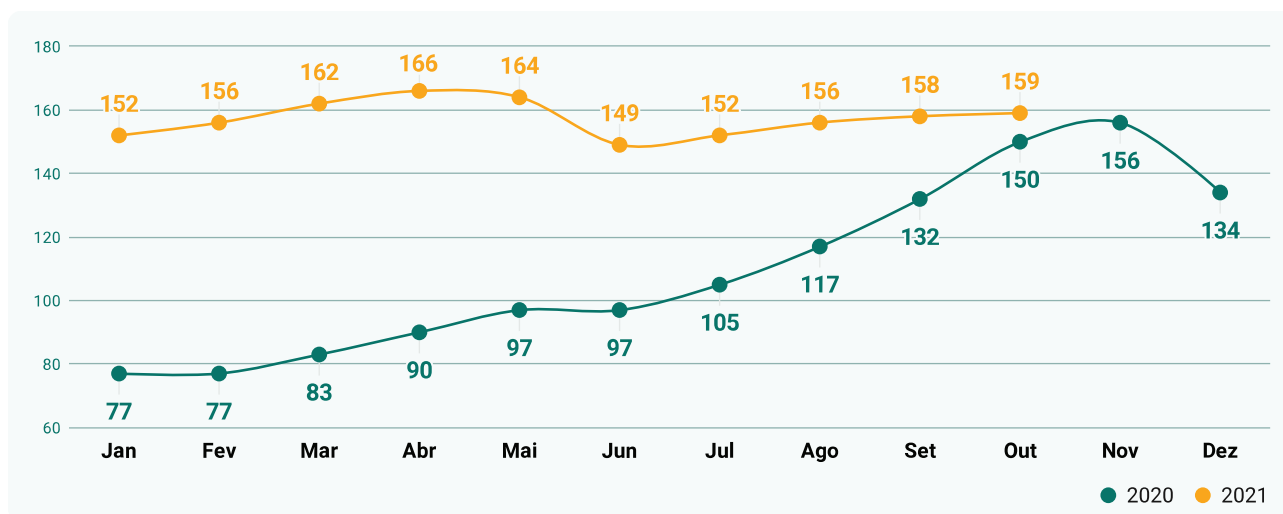
A produção mundial subiu 7,8% em 2021 (segundo o USDA), devido a recuperação de 18,7% da safra dos Estados Unidos. O consumo internacional que já tinha sido elevado no ano anterior seguiu aumentando em 2021 (+1,3%) - o aumento de 2,2% na crescente demanda

chinesa foi responsável por esse avanço - contribuindo para sustentação de um cenário de equilíbrio entre oferta e demanda. A conjuntura apresentada, e a persistente desvalorização cambial do Real, colaboraram diretamente para manutenção do preço interno da soja em patamares recordes durante todo o ano de 2021.

Para a próxima safra, o USDA projeta um novo aumento de produção de 4,9% em relação à safra 2020/21. Esse novo avanço estimado pelo USDA se deve à recuperação da produção Argentina, e uma expectativa de aumento considerável da safra brasileira e norte americana do grão. O Consumo deve seguir a sua trajetória de expansão para a safra 2021/22, alcançando o montante de 378 milhões de toneladas, um avanço de 4,1% em relação à safra passada. O USDA espera para o ano que vem uma manutenção da conjuntura de oferta maior que a demanda, em virtude da projeção de safra mundial recorde em 2022 e sustentação do crescimento das importações chinesas, resultando em uma projeção de aumento de 3,7% nos estoques finais internacionais. Entretanto, a relação estoque e consumo em 2022 seguirá nos mesmos patamares dos dois últimos anos no mundo o que pode contribuir para uma sustentação das boas cotações observadas hoje em Chicago.

A produção brasileira de Soja apresentou um aumento 7,4% na Safra 2020/21, segundo o USDA. Contudo, nem a demanda interna e nem as exportações acompanharam esse crescimento em ritmo mais acelerado que a produção – assim, a conjuntura para 2021 foi de crescimento de 39,8% (segundo o USDA) dos estoques finais em relação ao ano passado. Para 2022, a estimativa apresentada pelo USDA é de novo aumento na produção nacional somada a um crescimento da demanda total, via recuperação das exportações da soja e um aumento do consumo interno do grão. Então, é esperado uma relação estoque consumo bem similar à de 2021, o que pode ajudar na manutenção de bons preços para o próximo ano. Conferir a seção **1.4 Análise de Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira para um panorama mais completo do mercado de soja futuro.**

Gráfico 22 - Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60 kg



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

O preço médio da saca de Soja no Rio Grande do Sul, em outubro de 2021, foi de R\$ 158,68/sc 60 kg. Este valor foi 6% maior do que a cotação média do mesmo período de 2020 (R\$ 150,41/sc 60 kg). Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR), esse cenário fica mais evidente: no acumulado do ano, o IIPR apresentou uma inflação de 6,62%. A conjuntura apresentada anteriormente de manutenção da relação estoque e consumo internacional em níveis baixos, mesmo com uma queda

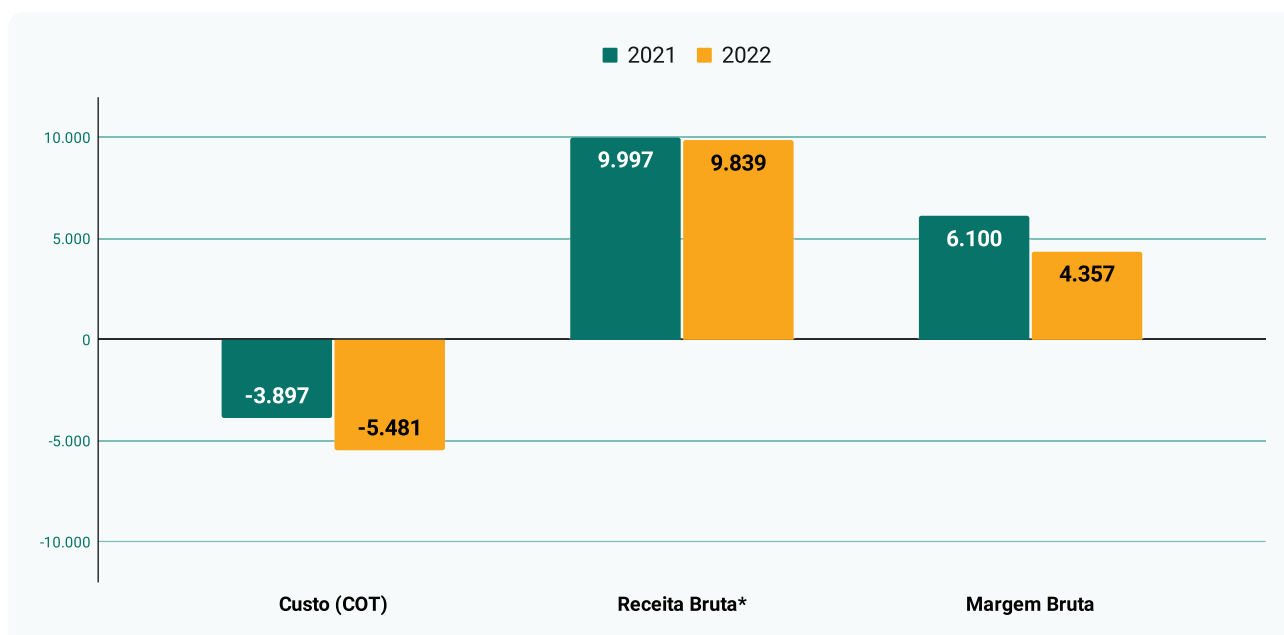
nas exportações brasileiras, e um câmbio depreciado colaborou para uma manutenção dos preços internos em patamares elevados em 2021.

Para a safra de Soja em 2022, projeta-se atualmente uma ampliação forte de 41% no custo de produção. O aumento do COT vem puxado principalmente pela alta de 123% no custo com fertilizantes, 32% no custo dos químicos e 20% no gasto com sementes, **a safra 2022 será marcada como a mais cara**

da história. O cenário do custo de produção preocupa, pois, a inflação altíssima nos insumos está ligada diretamente ao descompasso entre as cadeias internacionais de suprimento. A escassez de contêineres e navios para exportação; baixo crescimento do PIB chinês, consequência da crise imobiliária e energética que afetou a produção de fertilizantes, fosforo amarelo e semicondutores; pandemia ainda muito forte na Rússia prejudicando a produção de fertilizantes no país; aceleração do preço do barril de petróleo; e desvalorização cambial.

Então, o momento é de incerteza no cenário internacional e de uma inflação alta no Brasil. A recomendação hoje é de muita cautela em novos investimentos de capital fixo, o cenário não é propício para aumento de alavancagem, é hora de formação de caixa para o enfrentamento de turbulências futuras

Gráfico 23 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2022 da Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq (*) Receita Bruta a partir dos preços de mai/21: R\$ 163,88/saca 60 kg; out/21: R\$ 158,68/ saca 60 kg.

Projeta-se, atualmente, uma queda leve de 2% na receita bruta aliada ao aumento do custo. A estimativa hoje para a margem bruta é de queda na ordem de 29%, resultado da alta fortíssima do custo de produção. Para os preços internacionais está ocorrendo a configuração de um cenário que hoje é positivo, resultado da baixa relação estoque consumo projetada pelo USDA.

Entretanto, o produtor deve estar atento para o custo de produção, pois as margens esperadas de retorno da safra 21/22 serão inferiores à da safra 20/21, visto o crescimento acelerado do custo de produção.

Hoje é esperado uma sustentação para as cotações nacionais, visto a alta desvalorização cambial e a expectativa do USDA para a recuperação das exportações em 2022, portanto, não se espera uma queda muito brusca do preço até maio do ano que vem.

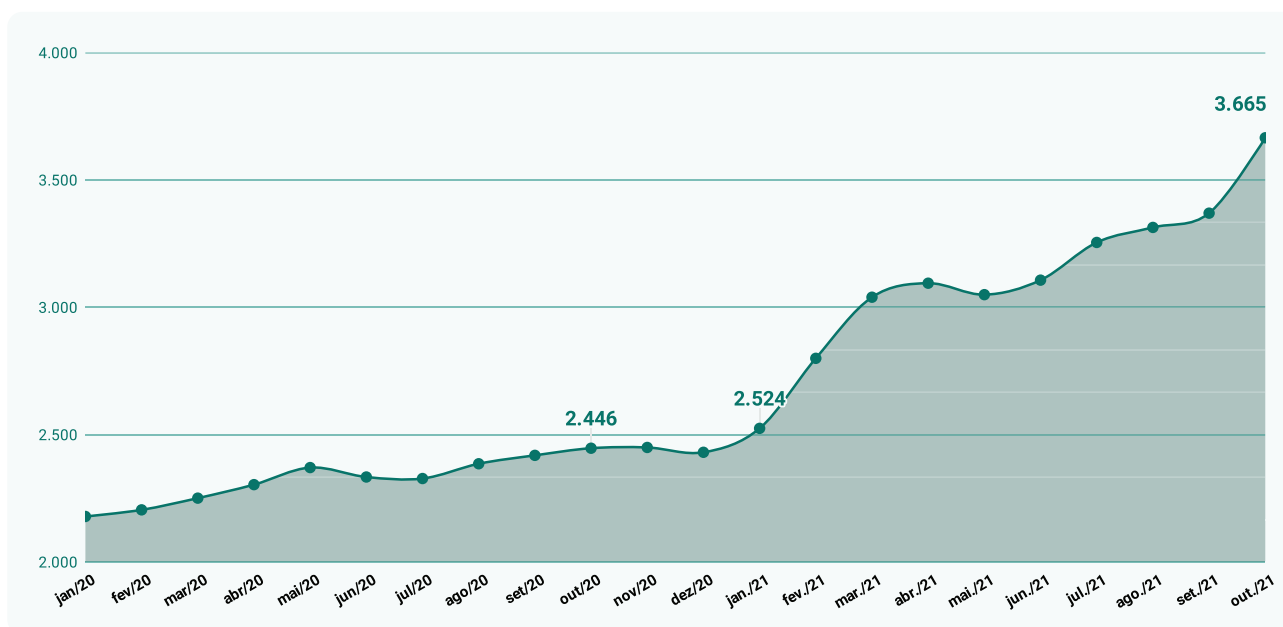
A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.4 Trigo

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas etc.), é imprescindível para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação do COT de outubro de 2021 com o mesmo período do

ano anterior, houve um aumento de 49,82% e, na evolução do mesmo indicador somente no ano de 2021 (janeiro a outubro), o avanço do custo foi de 45,2%. Se considerarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), esse comportamento fica ainda mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresentou alta de 41,09%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 24 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total do Trigo, todos os itens apresentaram alta, se comparado os meses de outubro de 2020 e 2021, os destaques foram: fertilizantes, responsáveis por 41% do COT, que subiram 113% dobrando seu custo no período; herbicidas, que apresentaram ampliação de 13% no seu custo; fungicidas com elevação de 13%; inseticidas, com alta de 35%; sementes subiu incríveis 100% no seu custo. O aumento no custo foi generalizado nesse ano, e impactou muito também em fretes, com um aumento de 46% no custo. A inflação no custo veio forte e para 2021 esperamos o maior custo da história para o trigo.

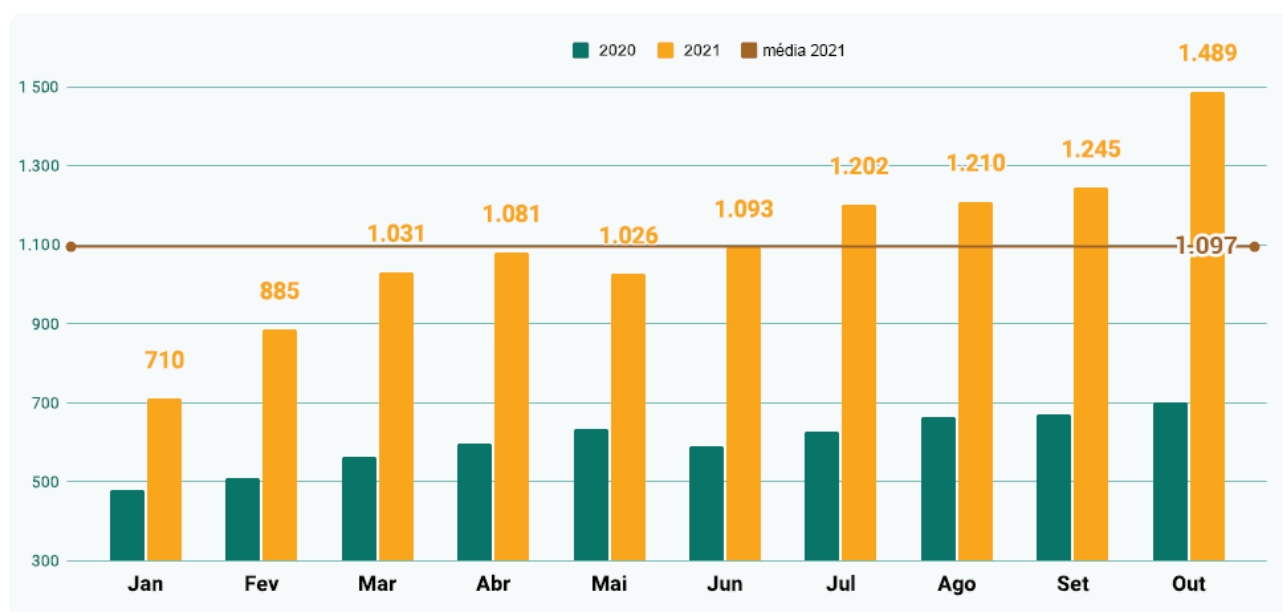
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Trigo demonstra que fertilizantes, agroquímicos,

sementes e royalties representam 63% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural mais da metade dos componentes do custo de produção é suscetível a estratégia de aquisição do produtor. Os componentes do custo como óleo diesel, mão de obra, frete, tributos, seguro e financiamento do capital de giro (28% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estado do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Gráfico 25 - Custo dos fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha

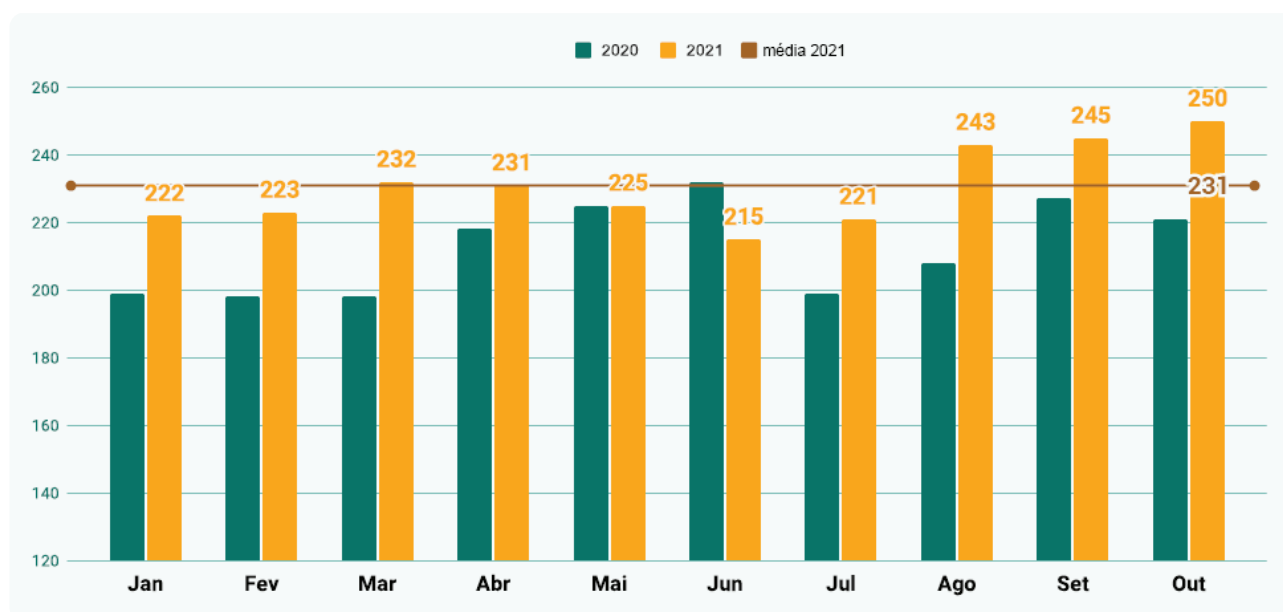


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Nos últimos anos, **o melhor resultado para a aquisição dos fertilizantes foi no primeiro semestre do ano.** Conforme pode ser observado no **gráfico anterior**, no ano de 2021 o mês de janeiro foi o que apresentou o melhor preço. Como foi destacado anteriormente, fertilizantes foi um dos insumos mais afetados pelo descompasso das cadeias globais de fornecimento.

A análise, nos agroquímicos, para **o melhor momento da aquisição remete ao meio do ano para os herbicidas.** Em 2020 a estratégia se manteve, e o mês de junho despontou como o melhor período para a aquisição. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em junho obtiveram uma economia no seu custo por hectare de 6%, em relação à média anual.

Gráfico 26 - Custo dos herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha

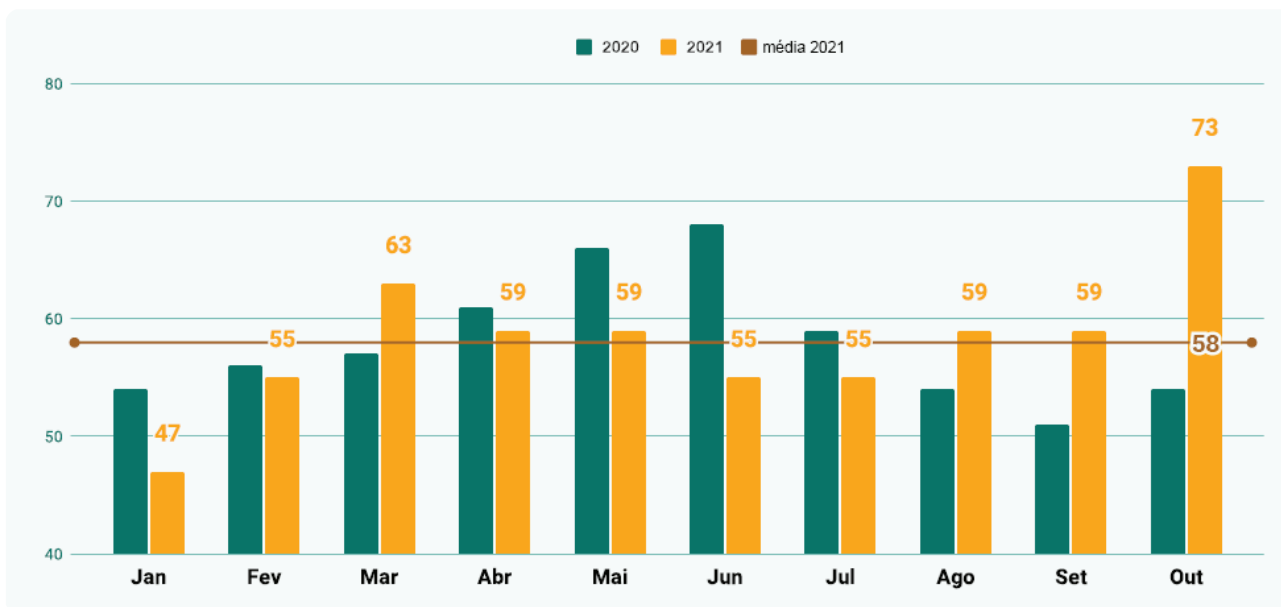


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Nos últimos anos **o melhor momento de compra dos inseticidas foi durante os primeiros meses do ano**. No ano de 2020,

a estratégia foi semelhante, pois janeiro apresentou a melhor cotação com uma economia de 17% em relação à média anual.

Gráfico 27 - Custo dos inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha

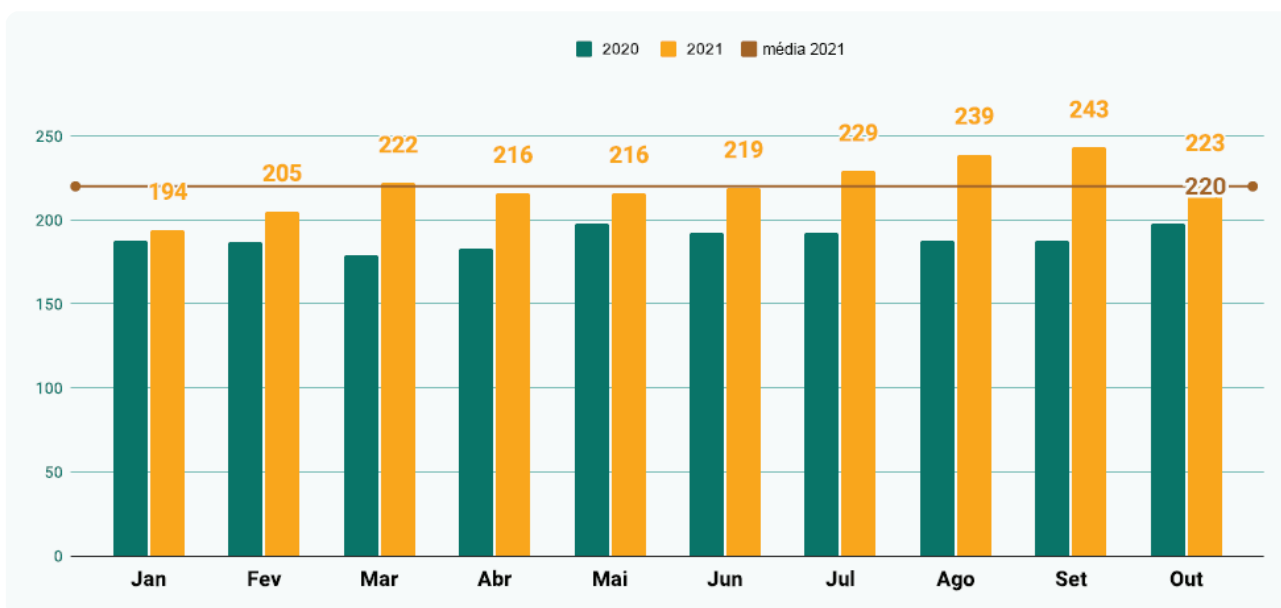


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

Os fungicidas possuem tendência de melhor compra em maio, contudo, neste ano, o mês de janeiro apresentou o melhor preço. O produtor que adquiriu o

insumo em janeiro conseguiu realizar uma economia de 12% no custo se comparado com a média anual. Isso pode ser observado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 28 - Custo dos fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

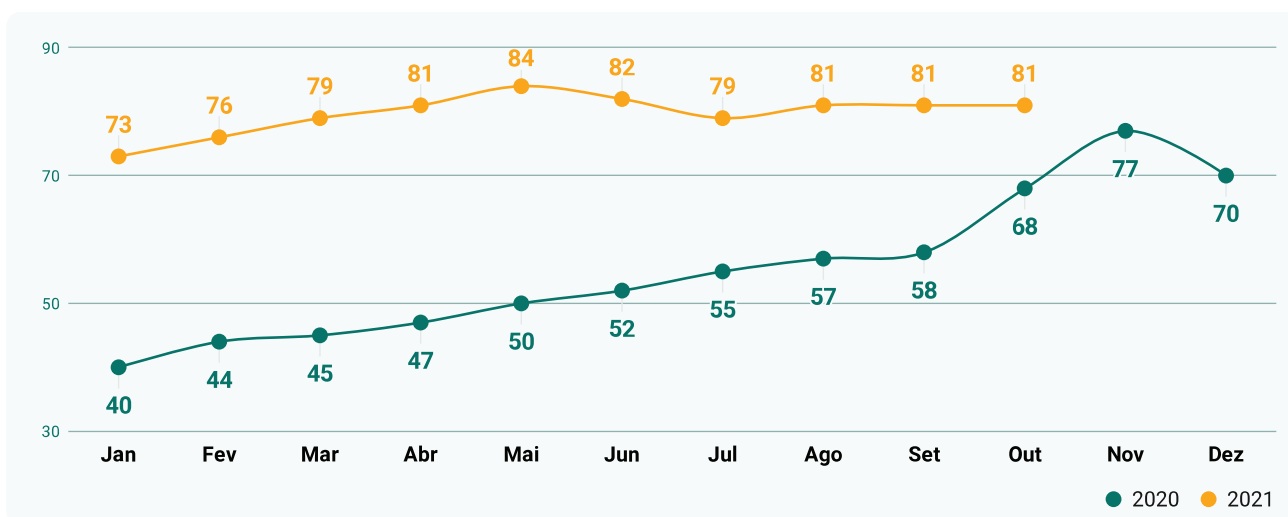
Margem de Lucratividade do Trigo

Conforme o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), neste ano a lavoura de Trigo no Brasil aumentou em 15% a área colhida, e boas condições climáticas devem contribuir para um bom rendimento da lavoura nacional. Então, para a safra 2021, a expectativa é de aumento de 20% da produção brasileira, segundo relatório do USDA. Para o consumo interno de Trigo, o USDA espera uma manutenção do mesmo nível do ano passado, entretanto, a projeção assinala aumento da demanda total através de uma ampliação das exportações em 2021. Mesmo com uma ampliação da produção de Trigo para 2021, o aumento da demanda total de 4% puxado pelo bom desempenho das exportações – a desvalorização cambial

contribuiu muito para esse cenário - vai derrubar os estoques finais em 43% e, conseqüentemente, reduzir a relação estoque consumo nesse ano. Ler a seção **1.4 Análise de Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira** para um cenário mais detalhado do mercado de trigo.

Esse panorama de ampliação das exportações nacionais e queda na relação estoque consumo, contribuiu para a manutenção dos preços em patamares mais elevados do que em 2020. Em 2021, o preço médio do cereal entre janeiro e outubro foi de R\$ 79,67/sc 60 kg, sendo que no mesmo período do ano anterior o preço médio foi de R\$ 51,41/sc 60 kg, representando uma elevação de **55% da cotação** no período.

Gráfico 29 - Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60 kg

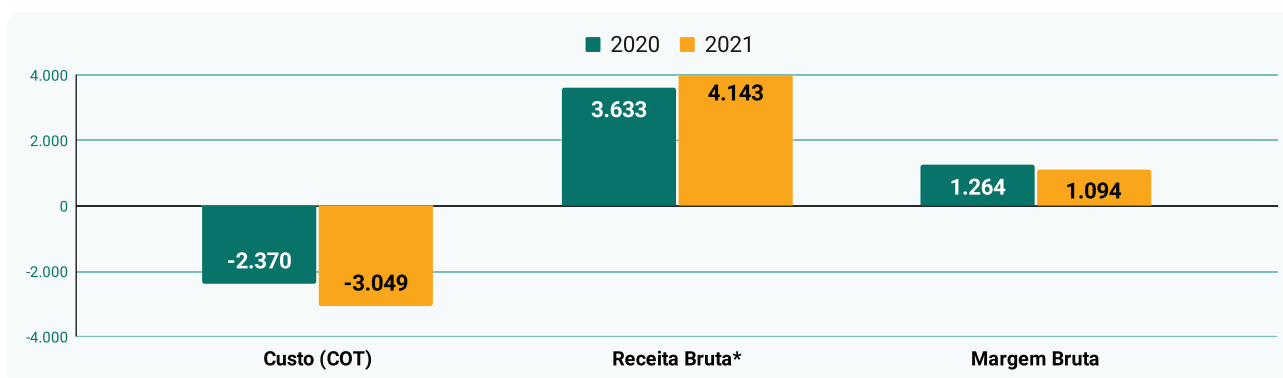


Fonte: Cepea/Esalq

O comparativo da rentabilidade do Trigo na safra 2021 versus safra 2020 pode ser verificado no **gráfico seguinte**. A elevação no COT (maio como mês de referência) foi de 29%, principalmente via aumento no custo com fertilizantes de 62% e um crescimento no custo de sementes, somando 71% nesse período. O cenário do custo de produção preocupa, pois o custo já aumentou 45% somente entre janeiro e outubro deste ano. A inflação nos insumos está ligada diretamente ao descompasso entre as cadeias internacionais de suprimento. A escassez de contêineres e navios para exportação; baixo crescimento do PIB chinês,

consequência da crise imobiliária e energética que afetou a produção de fertilizantes, fosforo amarelo e semicondutores; pandemia ainda muito forte na Rússia prejudicando a produção de fertilizantes no país; aceleração do preço do barril de petróleo; e desvalorização cambial. **Então, o momento é de incerteza no cenário internacional e de uma inflação alta no Brasil. A recomendação hoje é de muita cautela em novos investimentos de capital fixo, o cenário não é propício para aumento de alavancagem, é hora de formação de caixa para o enfrentamento de turbulências futuras.**

Gráfico 30 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq (*) Receita Bruta a partir dos preços de dez/20: R\$ 69,87/saca 60 kg; out/21: R\$ 81,23/saca 60 kg.

Para orçamentação do Trigo em 2021, houve um avanço de 14% da Receita Bruta puxada por um preço 16% maior que o preço da orçamentação da safra passada e uma perspectiva de bons rendimentos, porém, a margem deve cair. O cenário que vem se verificando hoje é queda de 14% na margem para este ano, resultado do aumento muito significativo do custo de produção.

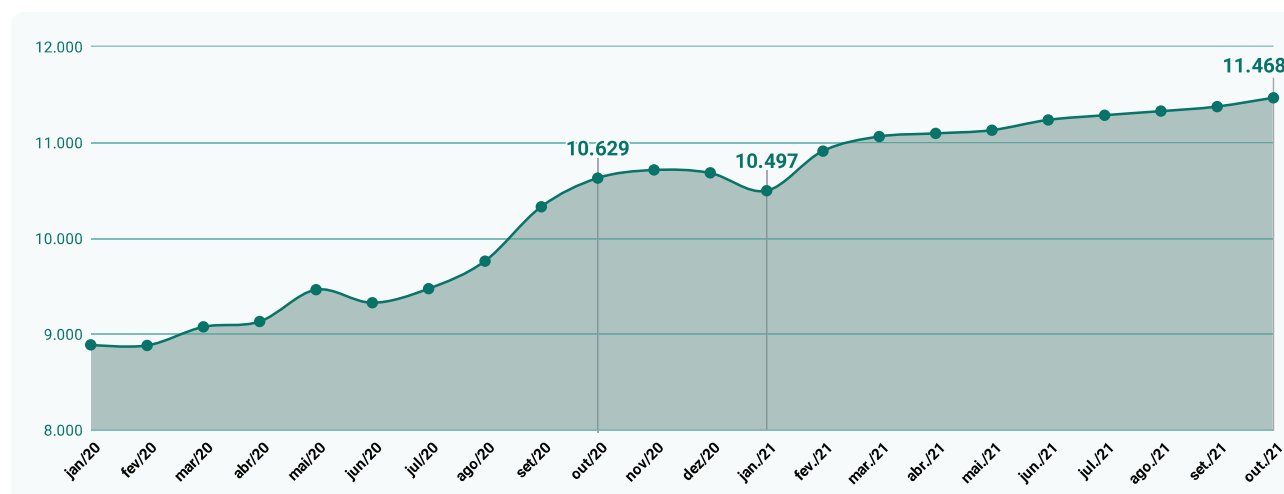
A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.5 Leite

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Ao analisar os custos de outubro de 2021 para com o mesmo período do ano anterior, foi registrado um aumento de 8%. Se considerarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), esse comportamento fica ainda mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresentou alta de 41,09%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no **gráfico seguinte**.

É importante destacar que os estudos que produzimos são uma "fotografia" do preço em outubro de 2021 - no período em que a safra está sendo colhida, então, é possível que as cotações cedam um pouco até a finalização da colheita em dezembro. Embora a margem apresente uma queda, o cenário é positivo se comparado a anos anteriores.

Gráfico 31 - Evolução mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul.

O ano de 2021 segue complicado em termos de custo para o produtor de leite gaúcho. Embora grande parte do aumento nos gastos com a atividade tenha ficado concentrado no ano passado, os custos seguem aumentando, o que vem aprofundando ainda mais o equilíbrio financeiro do produtor de leite. Se analisarmos o período completo - jan/20 até out/21 - apresentado no **gráfico anterior**, o custo de produção já aumentou 29%. Essa conjuntura é preocupante, pois muitos produtores vêm relatando dificuldades enormes para adquirir fertilizantes destinados as pastagens, e até mesmo, desistindo de fazer pastagens para comprar concentrado. Então, é possível que os dados de custo apresentados não estejam captando toda a realidade vivida no campo, uma vez que, o elevado custo de produção desse ano possa ter inviabilizado investimentos mais amplos na produção de leite. A FARSUL alerta que esse cenário atual da produção de leite pode refletir em mais produtores desistindo da atividade em 2022.

Neste ano foi realizado uma nova série de levantamentos Campo Futuro de pecuária de leite, processo que ocorre a cada dois anos no Rio Grande do Sul. Destacamos que no levantamento de dados em painel de pecuária de leite - que é um método estatístico utilizado para determinar informações de diversas unidades amostrais - recebeu uma atualização do pacote tecnológico das propriedades analisadas e, essa modificação, somente será aplicada em janeiro de 2022. **Então, como essa defasagem entre os painéis são de 2 anos, e nesse período, o pacote tecnológico sofre uma série alterações significativas, os resultados de COT devem sofrer um considerável reajuste para o próximo ano traduzindo de uma maneira mais fidedigna a conjuntura atual do custo de produção da pecuária leite.**

Esse método de levantamento relatado anteriormente, com sazonalidade bianual, cumpre os requisitos necessários para a Assessoria Econômica realizar estudos focados no setor e acompanhar os resultados financeiros da cadeia.

Entretanto, para o levantamento de custo da cadeia realizado pelo CONSELEITE, uma defasagem bianual é prejudicial para o acompanhamento da realidade do produtor de leite, pois a cada nova atualização os preços sofrem reajustes consideráveis que impactam no dia a dia do pecuarista de leite. Estes reajustes que são verificados acabam se tornando receitas que o produtor de leite não auferiu, sendo impossíveis de serem reparadas no passado. Portanto, recomendamos que o CONSELEITE adote periodicidade anual para atualização do seu levantamento de custo, uma vez que, é importante que o pacote tecnológico se mantenha atual para termos um preço de referência que traduza melhor a realidade da produção de leite no RS.

O aumento no custo de produção foi influenciado principalmente pelo aumento das cotações de corretivos e fertilizantes, maior responsável pela aceleração do custo em 2021. A queda na produção internacional de ureia, fósforo e cálcio elevaram muito as cotações do insumo. O aumento da procura por esse insumo, principalmente no segundo semestre do ano, devido ao início da preparação do plantio da safra de verão 20/21, pode dificultar a sua obtenção por parte dos produtores de leite. Mesmo com recuperação da safra de milho no RS em 2021, o grão seguiu em trajetória de aumento de preço - influenciado também pela forte estiagem que afetou a safrinha do Centro-oeste brasileiro - impactando fortemente no custo de produção. Em outubro do ano passado eram necessários 31,9/litros de leite para se adquirir um saco de milho de 60 kg, essa relação aumentou 15% e em outubro de 2021, passando para 36,6/litros de leite. Também destacamos o avanço no custo de energia elétrica e combustíveis, gastos muito relevantes dentro da atividade. A tendência para 2022 é que o custo dos combustíveis e da energia elétrica continuem acelerando, pressionando ainda mais a rentabilidade do produtor de leite.

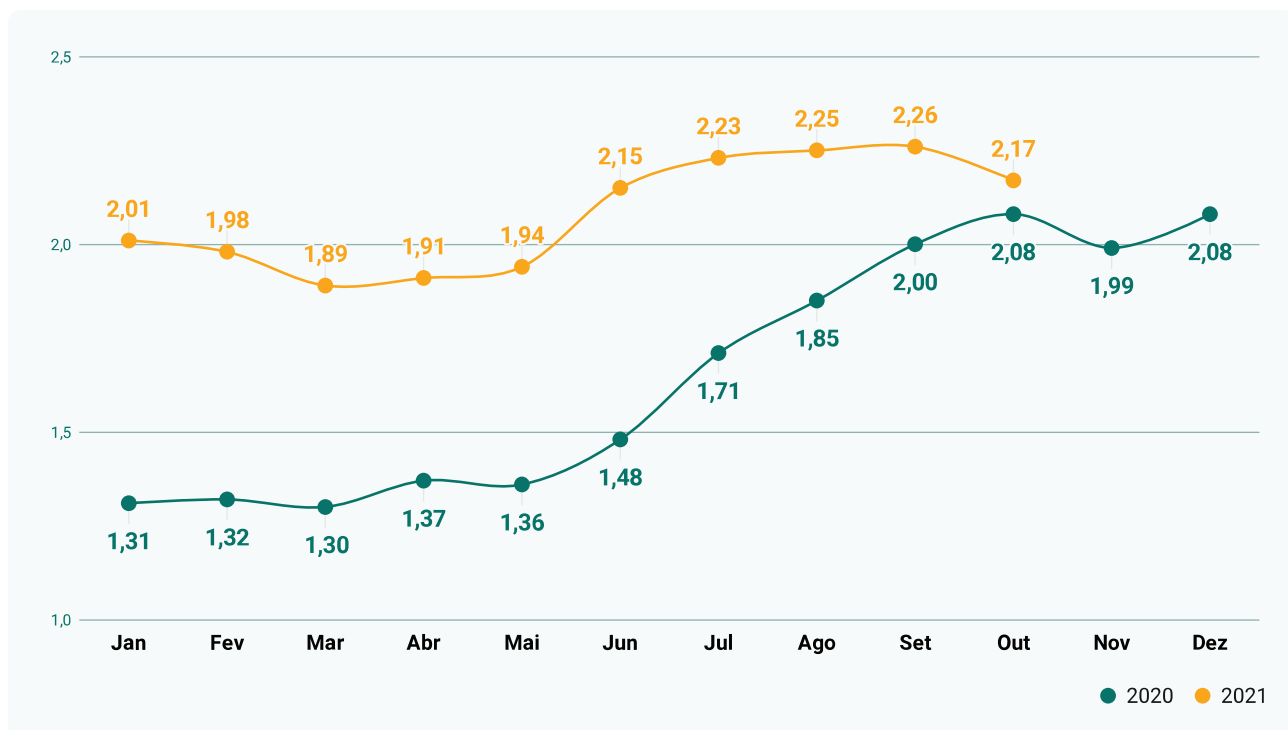
O cenário do custo de produção preocupa, pois, a inflação altíssima nos insumos

está ligada diretamente ao descompasso entre as cadeias internacionais de suprimento. A escassez de contêineres e navios para exportação; baixo crescimento do PIB chinês, consequência da crise imobiliária e energética que afetou a produção de fertilizantes, fosforo amarelo e semicondutores; pandemia ainda muito forte na Rússia prejudicando a produção de fertilizantes no país; aceleração do preço do barril de petróleo; e desvalorização cambial. **O momento é de incerteza no cenário internacional e de uma inflação alta no Brasil. A recomendação hoje é de muita cautela em novos investimentos de capital fixo, o cenário não é propício para aumento de alavancagem, é hora de formação de caixa para o enfrentamento de turbulências futuras.**

Margem de Lucratividade do Leite

O setor de lácteos vem sofrendo uma crise de demanda interna nos últimos anos, que comprometeu todos os elos da cadeia produtiva e impactou a margem de lucratividade do leite, tanto para a indústria quanto para o produtor. Nesse ano, o consumo de lácteos não reagiu como o esperado por alguns agentes – que projetavam melhora na demanda por conta do início da vacinação e retomada das atividades presenciais – foi observada aceleração da inflação e perda do poder de compra do consumidor, afetando diretamente a demanda. A inflação alta, contribuiu para a manutenção dos preços no varejo em patamares mais elevados que do ano passado, porém isso não é o suficiente para aliviar a pressão dos custos de produção no campo.

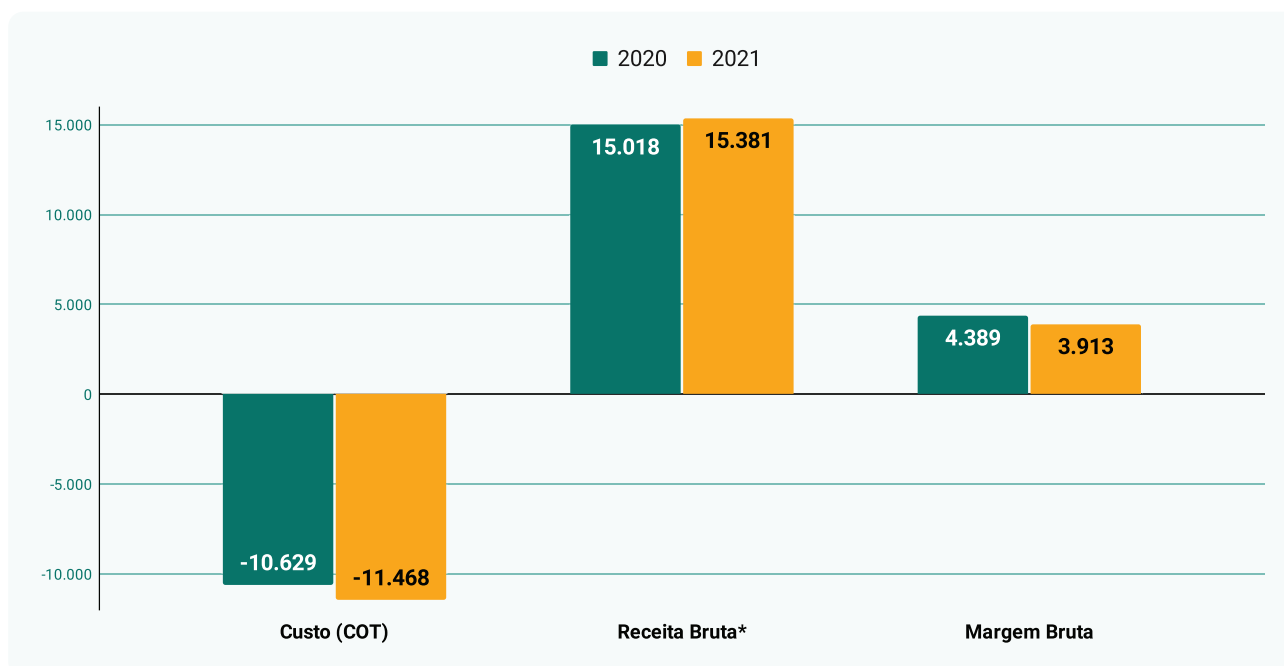
Gráfico 32 – Preço médio mensal líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros



O preço do litro de Leite no Rio Grande do Sul, em outubro de 2021, foi de R\$ 2,17/litro. Esse valor foi 4% maior do que a cotação em outubro de 2020 (R\$ 2,08/litro). Além disso, como pode-se observar no gráfico do preço, a partir do mês de maio de 2020 os preços iniciam sua trajetória de valorização. Entretanto, à medida que o efeito inflacionário na economia começa a

afetar o poder de compra do consumidor e a demanda começa a reagir negativamente, o preço acaba estacionando no patamar de R\$ 2,20/ litro, enquanto o custo segue trajetória de aumento. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR), esse cenário fica ainda mais evidente: no acumulado do ano, o IIPR apresentou uma inflação de 6,62%.

Gráfico 33 – Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da Safra 2020 e 2021 de Leite no RS (R\$/ha)



Fonte: Cepea/Esalq (*) Receita Bruta a partir dos preços de out/20: R\$ 2,08/litro; out/21: R\$ 2,17/litro.

A projeção, hoje, é de avanço na ordem de 2% na receita bruta, que advém de um preço médio em patamares superiores as cotações médias do leite em 2020. Entretanto, para 2021, estima-se uma queda de 11% da margem bruta em relação ao ano anterior, puxada pelo avanço de 8% do custo de produção verificado em outubro.

É importante destacarmos que se deve sempre ter muita cautela com essas projeções, pois ainda temos um cenário de aceleração do custo de produção; poucas chuvas e estagnação dos preços. Contudo, o cenário que vem se configurando até este momento para 2021 é de uma rentabilidade inferior à do ano passado, com uma tendência de enfraquecimento nos preços até dezembro, caso a demanda continue em queda e a inflação se mantenha alta.

1.3

Análise do crédito rural no Rio Grande do Sul

Por Ruy Augusto Neto

O volume total dos recursos anunciados pelo Governo Federal para o Plano Safra 2021/22 é de R\$ 251 bilhões, aumento de 6,4% em relação ao montante anunciado na safra anterior. As taxas de juros de custeio e comercialização aumentaram em meio ponto percentual, chegando a 5,5% a.a. para os médios produtores (renda bruta anual

até R\$ 2,4 milhões), e aumentaram de 6% para 7,5% ao ano para os demais produtores empresariais. Com o aumento da curva de juros futuro do Brasil, já era esperado esse aumento nos juros controlados do Plano Agrícola 2021/22. Com o atual cenário de taxa Selic, a 7,75% a.a. (taxa em novembro de 2021) os produtores do Pronamp, e até

mesmo os produtores rurais de maior porte, já vislumbram, hoje, uma vantagem na retirada de recursos controlados, com uma expectativa clara por parte do mercado que a taxa básica de juros convirja para patamares ainda maiores até o final do ano, demonstrando um alinhamento maior do Plano Safra atual com a política monetária do Governo Federal.

Em 2021, a tendência na queda de contratos foi quebrada. Observou-se um aumento dos contratos em todas as modalidades do crédito rural, com destaque para o custeio. Dentre as razões para a recuperação dos contratos totais, destaca-se o aumento no

número de contratos de custeio, somado a uma elevação natural dos valores tomados, rompendo a conjuntura de outros anos onde persistia a seletividade na hora de acessar os mecanismos de crédito controlado. O aumento massivo de contratos de comercialização foi outro fator que colaborou para a evolução do número total de contratos para esse ano, reflexo de uma maior busca dos produtores de arroz e soja pelo acesso a esta modalidade de crédito, diante da estabilização dos preços dessas culturas. O investimento seguiu apresentando ampliação no número de contratos e valores tomados em 2021, apesar do aumento dos juros em todas as linhas.

Gráfico 34 - Comparativo do Crédito Rural tomado pelos produtores do RS entre janeiro e outubro de 2020 e 2021, em R\$ milhões.



Fonte: Banco Central do Brasil / Elaboração: Sistema Farsul

No período entre janeiro e outubro de 2021, observamos que o total tomado atingiu R\$ 32,7 bilhões para o RS, ou seja, um aumento de 45% em relação ao mesmo período de 2020, que é um resultado alto se comparado

com o avanço do ano anterior. Na mesma linha, os números de contratos seguem em alta de 9% no mesmo período, reflexo da elevação no número de contratos de custeio neste ano.

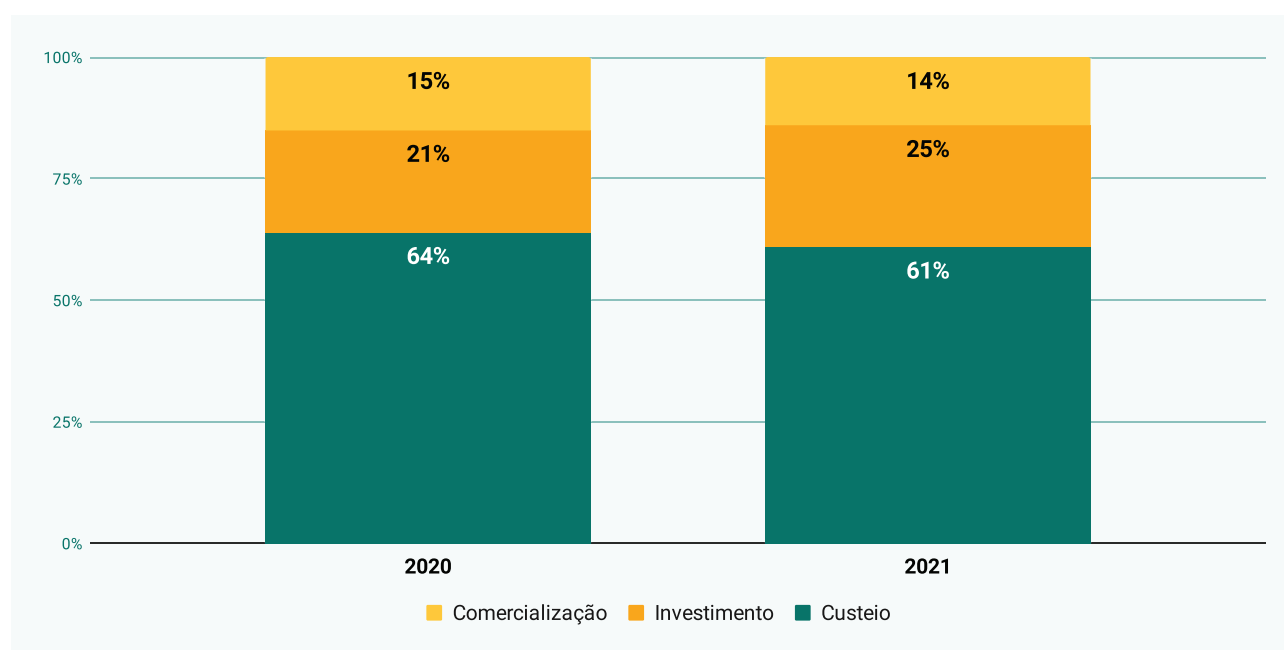
Tabela 8 - Total de Crédito Rural tomado até outubro de 2021 no RS, em R\$ milhões.

MÊS	FINALIDADE						TOTAL	
	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		Contrato	Valor (R\$)
	Contrato	Valor (R\$)	Contrato	Valor (R\$)	Contrato	Valor (R\$)		
JAN	5.451	463,71	2.756	410,32	347	229,70	8.554	1.103,73
FEV	10.329	692,95	2.258	370,85	229	176,00	12.816	1.239,79
MAR	17.041	1.351,69	3.996	687,59	542	529,10	21.579	2.568,38
ABR	13.155	1.215,37	4.440	647,69	944	1.040,95	18.539	2.904,00
MAI	13.651	1.653,09	3.955	562,18	869	697,09	18.475	2.912,36
JUN	13.068	2.362,55	5.640	933,49	1.000	799,25	19.708	4.095,30
JUL	53.666	4.425,34	4.532	732,60	546	267,35	58.744	5.425,28
AGO	46.938	4.335,08	8.668	1.341,26	298	273,88	55.904	5.950,22
SET	24.669	2.185,93	7.554	1.270,01	373	284,01	32.596	3.739,95
OUT	12.479	1.165,97	7.473	1.210,46	362	461,90	20.314	2.838,33
TOTAL	210.447	19.851,66	51.272	8.166,45	5.510	4.759,23	267.229	32.777,34

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIOR / Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) / Elaboração: Sistema Farsul

O custeio segue, naturalmente, representando a maior parcela de capital dentre as modalidades do Crédito Rural, captando 61% da carteira no RS. O investimento foi a modalidade de crédito que mais cresceu em 2021, ganhando quatro

pontos percentuais na sua participação em relação ao ano passado. Já a comercialização e o custeio, em contrapartida, diminuíram em um e três pontos percentuais a sua participação na carteira do Crédito Rural, como pode ser analisado no gráfico a seguir.

Gráfico 35 - Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2020 e 2021, em percentual.

Fonte: Banco Central do Brasil / Elaboração: Sistema Farsul

1.3.1 Análise do Custeio

O valor tomado para custeio entre janeiro e outubro de 2021 apresentou um avanço de 37%, se comparado com igual período de 2020. Os contratos aumentaram 6% na comparação com o mesmo período de 2020. A ampliação no número de contratos quebra a tendência dos últimos 5 anos de maior seletividade do sistema bancário. E, soma-se a essa conjuntura, um comportamento de aceleração do custo de produção, em conjunto com uma procura maior do produtor rural por recursos controlados, uma vez que, com um aumento da taxa básica de juros no Brasil, o Crédito Rural começa a se tornar mais atrativo. Em 2021, no período entre janeiro e outubro somam-se 12.691 contratos a mais de custeio

do que o mesmo período do ano passado.

Na comparação entre os resultados do crédito tomado no primeiro semestre, observamos que os contratos aumentaram 20% em relação a 2020, confirmando os bons resultados da safra de verão 20/21 que manteve o setor bancário otimista com o custeio da safra de inverno 2021. Esse comportamento, de ampliação dos contratos, manteve-se logo após o anúncio do Plano Safra 2021/22, mesmo com um aumento nas taxas de juros praticadas, os produtores seguem confiantes na hora de tomar crédito para a safra 21/22. Para o mês de setembro e outubro, já notamos uma desaceleração na procura de crédito e menos contratos sendo firmados, porém, os valores seguem sendo retirados em volumes maiores que no ano anterior.

Tabela 9 – Crédito Rural tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

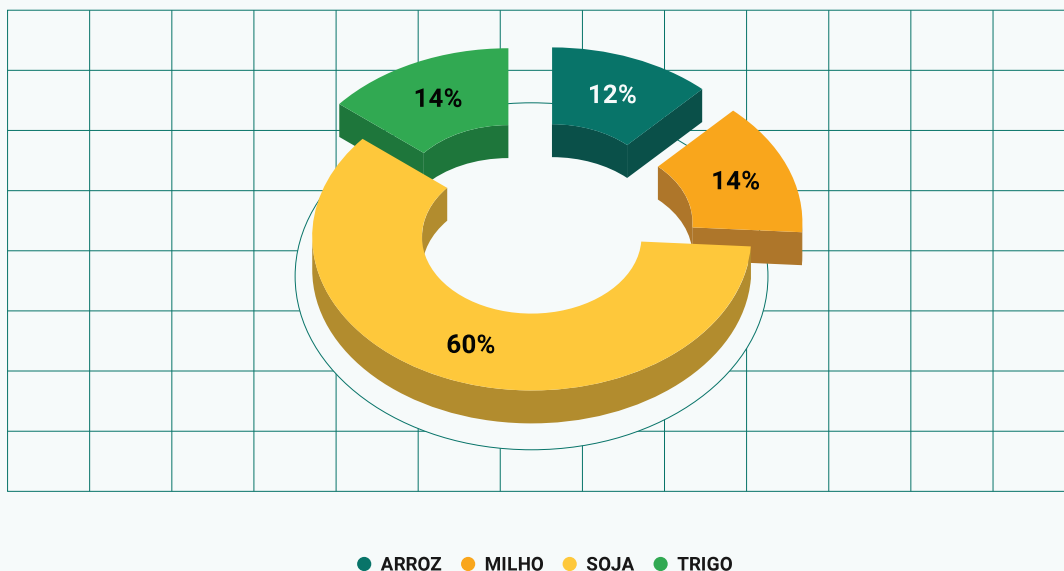
MÊS	CONTRATOS		VALOR (R\$ milhões)		Variação 20/21	
	2020	2021	2020	2021	Contratos	Valor
JAN	4.569	5.451	318,24	463,71	19%	46%
FEV	6.966	10.329	423,26	692,95	48%	64%
MAR	12.580	17.041	871,36	1.351,69	35%	55%
ABR	12.203	13.155	922,24	1.215,37	8%	32%
MAI	13.347	13.651	1.093,70	1.653,09	2%	51%
JUN	10.969	13.068	1.127,12	2.362,55	19%	110%
JUL	47.179	53.666	3.413,65	4.425,34	14%	30%
AGO	45.751	46.938	3.397,09	4.335,08	3%	28%
SET	26.117	24.669	1.787,06	2.185,93	-6%	22%
OUT	18.075	12.479	1.165,87	1.165,97	-31%	0%
TOTAL	197.756	210.447	14.519,58	19.851,66	6%	37%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIOR / Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) / Elaboração: Sistema Farsul

Devido ao aumento considerável de 37% nos valores sacados, apesar da ampliação do número de contratantes, o valor médio tomado pelos produtores aumentou em 28%. A média do saque de custeio por produtor subiu de R\$ 73,4 mil em 2020 para R\$ 94,3 mil em 2021, o que ilustra ambiente de maior confiança do sistema financeiro na atividade rural e a aceleração da

inflação do custo de produção em 2021. Dentre os grãos, a soja continua sendo responsável pela captura da maior parte do crédito em 2021. A sua participação não sofreu alteração, sendo destino de 60% do crédito, seguido de trigo e milho que apresentaram um aumento considerável dos seus percentuais de participação nesse ano.

Gráfico 36 – Participação dos principais grãos no Custeio da carteira de Crédito Rural do Estado em 2021 (jan-out), em percentual.



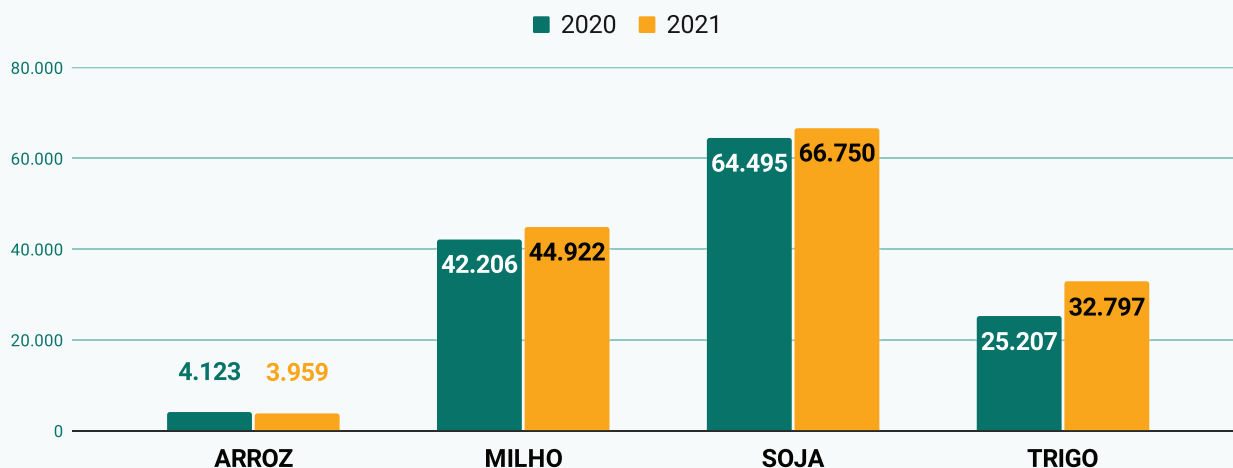
Fonte: Banco Central do Brasil / Elaboração: Sistema Farsul

No custeio da carteira de crédito rural do RS, o arroz diminuiu consideravelmente a sua participação, perdendo 3 pontos percentuais, passando de segundo mais representativo para o quarto. Por sua vez, o milho e o trigo avançaram a participação em 1 e 2 pontos percentuais, respectivamente, em relação ao ano passado.

O número de contratos tomados no período de janeiro a outubro de 2021 aumentou em três dos principais grãos em relação ao ano passado: milho (6%), soja (3%) e trigo (30%).

Somente o arroz (-4%) não apresentou uma evolução no número de contratações. Esse aumento dos contratos, principalmente de milho e trigo, é um reflexo das boas cotações que esses grãos vêm apresentando em 2021. Com uma expectativa de preços ainda em patamares elevados para as commodities na safra 2021/22 (porém estáveis em termos de oscilações de mercado), resultado de uma perspectiva de câmbio ainda elevado para 2022, a confiança dos agentes financeiros aumentou e se refletiu no aumento de contratos para esse ano.

Gráfico 37 - Número de contratos tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

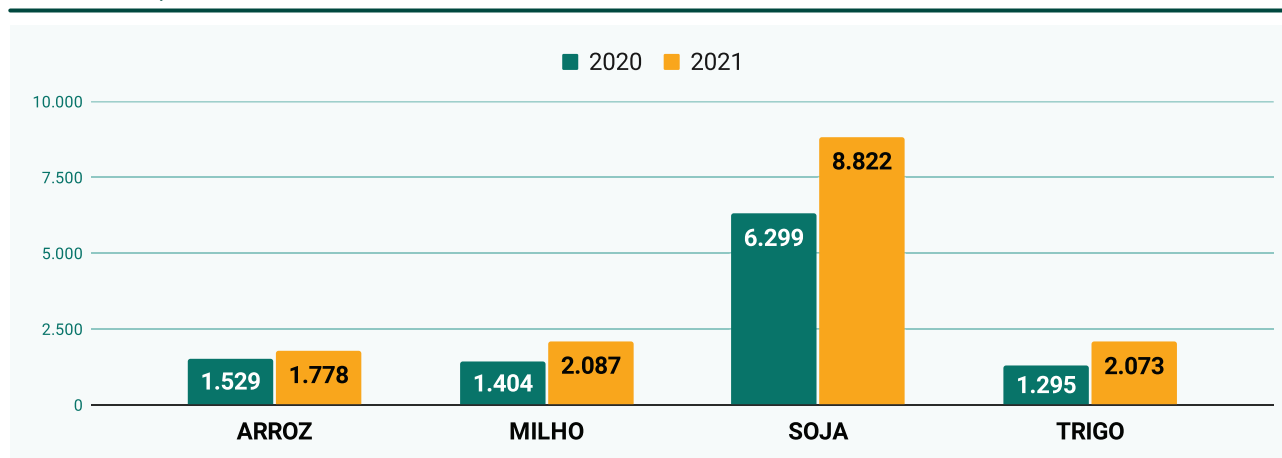


Fonte: Banco Central do Brasil / Elaboração: Sistema Farsul

Os valores totais sacados no Estado para custeio, no período de janeiro a outubro de 2021, apresentaram aumentos em todos os grãos analisados: Arroz (16%), Milho (49%), Soja (40%) e Trigo (60%). Essa ampliação dos

valores sacados está associada a aceleração da inflação dos custos de produção em 2021, principalmente os itens atrelados à taxa cambial, como fertilizantes, químicos e combustíveis.

Gráfico 38 - Total de valores tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2020 e 2021, em R\$ milhões.



Fonte: Banco Central do Brasil / Elaboração: Sistema Farsul

1.3.2 Análise do Investimento

O valor total no período de janeiro a outubro de 2021 aumentou 73% na relação com igual período de 2020. No que diz respeito ao número de contratos, houve aumento de 21% frente ao mesmo período de 2020. Os produtores seguem confiantes na hora de investir, mesmo com aumento considerável nas taxas praticadas nas principais linhas de crédito. A conjuntura de preços das commodities em patamares

elevados, e uma expectativa de câmbio elevado ainda em 2022, sustentando esses preços, contribuíram para um aumento da demanda por essa modalidade de crédito. Em 2021, os produtores seguem investindo fortemente em irrigação – depois da estiagem que o Estado passou na safra 2019/20 –, colheitadeiras e máquinas também vêm em alta. O cenário é de muita precaução para estes investimentos em máquinas e implementos, pois persiste a crise dos semicondutores e os prazos de entrega para esses equipamentos segue elevado.

Tabela 10 – Crédito Rural tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

MÊS	CONTRATOS		VALOR (R\$ milhões)		Variação 20/21	
	2020	2021	2020	2021	Contratos	Valor
JAN	3.009	2.756	330,69	410,32	-8%	24%
FEV	1.962	2.258	287,33	370,85	15%	29%
MAR	3.837	3.996	403,33	687,59	4%	70%
ABR	3.124	4.440	334,32	647,69	42%	94%
MAI	3.528	3.955	311,27	562,18	12%	81%
JUN	3.371	5.640	254,36	933,49	67%	267%
JUL	3.687	4.532	443,52	732,60	23%	65%
AGO	7.121	8.668	753,91	1.341,26	22%	78%
SET	7.356	7.554	834,88	1.270,01	3%	52%
OUT	5.510	7.473	756,70	1.210,46	36%	60%
TOTAL	42.505	51.272	4.710,30	8.166,45	21%	73%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIOR / Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) / Elaboração: Sistema Farsul

As taxas de juros praticadas no investimento para o Plano Safra 2021/22 subiram em média 15%, porém, isso não segurou o apetite dos produtores na hora de tomar crédito. Os produtores retiraram somente entre julho e outubro um montante 26% maior do que foi retirado em todo o primeiro semestre de 2021, mesmo que existam mais recursos disponíveis agora no segundo semestre, depois do lançamento do Plano Safra 21/22, é importante observar que mesmo com um aumento significativo dos juros, a boa safra de 2021 e o otimismo do setor em relação ao mercado de preços de commodities estimularam a demanda por essa modalidade de crédito.

Com a ampliação tanto no número de contratos quanto no valor sacado, houve um aumento no valor médio tomado por contrato de 44% em 2021. Importante

destacar que uma série de produtores tiveram sua capacidade de investimento reduzida ao longo dos anos por conta de alto endividamento, e conseqüentemente, acabaram sofrendo com uma defasagem alta do seu capital fixo. Devemos atentar que os investimentos devem ser realizados de maneira racional, visando melhora de lucratividade futura da atividade, ou quando a necessidade dele seja primordial, mas nunca devem ser realizados sem algum estudo prévio.

Mesmo com conjuntura favorável de tomada desse tipo de crédito, é importante que no cenário de aceleração do custo de produção os produtores visem investir em fluxo de caixa para o seu negócio.

Tabela 11 - Comparativo das taxas de juros de Investimento dentro da carteira do Crédito Rural de 2020 para 2021.

FINALIDADE	Taxa de juros 2020	Taxa de juros 2021	Variação 20/21
Moderfrota	7,5%	8,5%	13,3%
Programa ABC	6,0%	7,0%	16,7%
PCA	6,0%	7,0%	16,7%
Inovagro	6,0%	7,0%	16,7%
Pronamp	6,0%	6,5%	8,3%
Proirriga (Moderinfra)	6,0%	7,5%	25,0%
Moderagro	7,0%	7,5%	7,1%
Prodecoop	7,0%	8,0%	14,3%

Fonte: Ministério da Agricultura e Abastecimento / Elaboração: Sistema Farsul

Analisando os principais produtos que compõem a carteira de investimento no período de janeiro a outubro de 2021, observamos que somente a adubação intensiva do solo apresentou queda nos seus níveis de contratos e valores tomados. Em 2020, os produtores investiram bastante na

modalidade de adubação intensiva do solo, porém, em 2021 a escassez de fertilizantes no mundo, além da crise do transporte internacional, somado a aceleração das cotações desse insumo, impediram que houvesse investimentos maiores do que no ano passado.

Tabela 12 – Participação dos principais tipos de produtos dentro da carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

PRODUTOS	CONTRATOS			VALOR (R\$ milhões)		
	2020	2021	Var. 20/21	2020	2021	Var. 20/21
Adubação Intensiva do Solo	2.351	1.987	-15%	386,50	313,60	-19%
Armazém, Depósitos e Instalações	3.284	3.667	12%	467,70	671,20	44%
Caminhões, Veículos e Utilitários	1.645	1.680	2%	93,40	160,40	72%
Colheitadeiras	2.857	4.302	51%	579,10	1.288,70	123%
Irrigação	698	810	16%	123,60	302,80	145%
Máquinas, Equipamentos e Implementos	12.355	16.040	30%	987,20	1.858,80	88%
Trator	6.758	8.427	25%	750,80	1.364,40	82%
Frutas	785	890	13%	48,90	75,20	54%
Pecuária	5.394	6.003	11%	612,30	965,00	58%
Benfeitorias	5.578	5.999	8%	477,60	773,70	62%
Agroindústria	163	518	218%	117,30	149,90	28%
Outros	637	949	49%	66,00	242,70	268%
TOTAL GERAL	42.505	51.272	21%	4.710,30	8.166,50	73%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIOR / Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) / Elaboração: Sistema Farsul

Observando a tabela anterior, entre janeiro e outubro de 2021, os produtores gaúchos aumentaram os seus investimentos massivamente em todos os demais produtos. Destacamos os investimentos em colheitadeiras, tratores e máquinas, que apresentaram aumento nos contratos firmados e uma evolução ainda maior em termos de valores. Esse cenário evidencia a inflação dentro dos maquinários agrícolas, reflexo da baixa oferta por conta da persistente crise mundial dos semicondutores. Essa conjuntura é preocupante, pois os produtores começaram a investir em máquinas em um momento pouco oportuno, pois grande parte do maquinário está com suas entregas atrasadas e provavelmente só uma parcela desses investimentos estarão em operação na safra 21/22.

As taxas de juros se elevaram consideravelmente este ano, mas não se tornaram impeditivas na hora da retirada do crédito. Entretanto, devemos ter muita cautela, pois este é um momento de aceleração do custo de produção e com preços de insumos em patamares elevados, sustentados pela desvalorização cambial do real. Neste cenário, os investimentos devem ser feitos visando lucratividade, ou quando são de extrema necessidade para o negócio, sempre com estudos prévios de viabilidade de pagamento, caso contrário deve ser priorizado o investimento em caixa da empresa.

1.3.3 Análise da Comercialização

A comercialização teve um aumento significativo no valor, de 39% entre janeiro e outubro de 2021, se comparado com igual

período de 2020. Os contratos apresentaram uma elevação de 22%. O comportamento estável dos preços, principalmente de soja e arroz em 2021, e a recuperação da produção frente a estiagem do ano passado, estimularam os produtores a firmarem mais contratos de comercialização.

Tabela 13 - Crédito Rural tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2020 e 2021.

MÊS	CONTRATOS		VALOR (R\$ milhões)		Variação 20/21	
	2020	2021	2020	2021	Contratos	Valor
JAN	530	347	229,58	229,70	-35%	0%
FEV	336	229	126,79	176,00	-32%	39%
MAR	496	542	409,10	529,10	9%	29%
ABR	578	944	650,30	1.040,95	63%	60%
MAI	627	869	738,01	697,09	39%	-6%
JUN	498	1.000	491,49	799,25	101%	63%
JUL	307	546	211,91	267,35	78%	26%
AGO	267	298	144,85	273,88	12%	89%
SET	281	373	245,94	284,01	33%	15%
OUT	317	362	169,23	461,90	14%	173%
TOTAL	4.237	5.148	3.417,19	4.759,23	22%	39%

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE · Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) · Elaboração: Sistema Farsul

Dentro da carteira de comercialização do Crédito Rural, historicamente os principais produtos continuam sendo: arroz, milho, soja e trigo, que possuem a maior parcela em termos de contratos e valores tomados. Neste ano, as quatro principais culturas do Estado aumentaram sua dominância dentro da carteira de comercialização, subindo sua participação de 80% para 86%. Com um

aumento considerável tanto nos valores quanto nos contratos, se destacou a performance em especial da soja e do arroz com uma elevação em contratos e valores muito acima dos outros grãos. Comportamento, este, que evidencia a precaução que os produtores vêm dando a essas culturas - visando garantir margens futuras satisfatórias.

Tabela 14 - Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2020* e 2021*, em R\$ mil.

GRÃOS	CONTRATOS			VALORES		
	2020	2021	Var (20/21)	2020	2021	Var (20/21)
Arroz	1.293	1.716	33%	997.018	1.447.462	45%
Milho	411	368	-10%	237.845	290.425	22%
Soja	986	2.268	130%	1.189.993	2.007.775	69%
Trigo	359	328	-9%	317.851	351.833	11%

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE · Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) · Elaboração: Sistema Farsul

(*) acumulado entre janeiro e outubro

Todos os grãos analisados registraram aumento nos valores comercializados, apresentando uma ampliação de 45% para o arroz, 22% para o milho, 69% para a soja e 11% para o trigo. A conjuntura de câmbio desvalorizado que ancora os preços em patamares elevados, porém com comportamento mais estável em 2021 do que em 2020, aliado a um custo em trajetória de aceleração inflacionária, estimularam os produtores a procurarem firmar contratos de comercialização visando margens satisfatórias.

Por outro lado, o milho e o trigo registraram queda nos contratos de comercialização, o que evidencia o bom desempenho em termos de cotações dessas culturas, uma vez que os valores aumentaram mesmo com queda nas

contratações. A soja apresentou um aumento expressivo na comercialização, tanto em contratos quanto em valores retirados, por conta do bom desempenho da lavoura no RS. O número de contratos aumentou surpreendentemente para arroz (33%) e soja (130%).

O valor médio sacado em 2021 (janeiro até outubro), aumentou 15% em relação ao ano anterior por natureza da alta valorização do preço que se manteve em patamar recorde em 2021. Então, quem deu o tom para essa evolução considerável dos valores médios sacados para a comercialização, mesmo com aumento substancial no número de contratações, foi a manutenção dos preços das 4 principais culturas em patamares historicamente elevados.

1.4 Análise e Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira

Por Danielle Guimarães e Mateus Ludwig

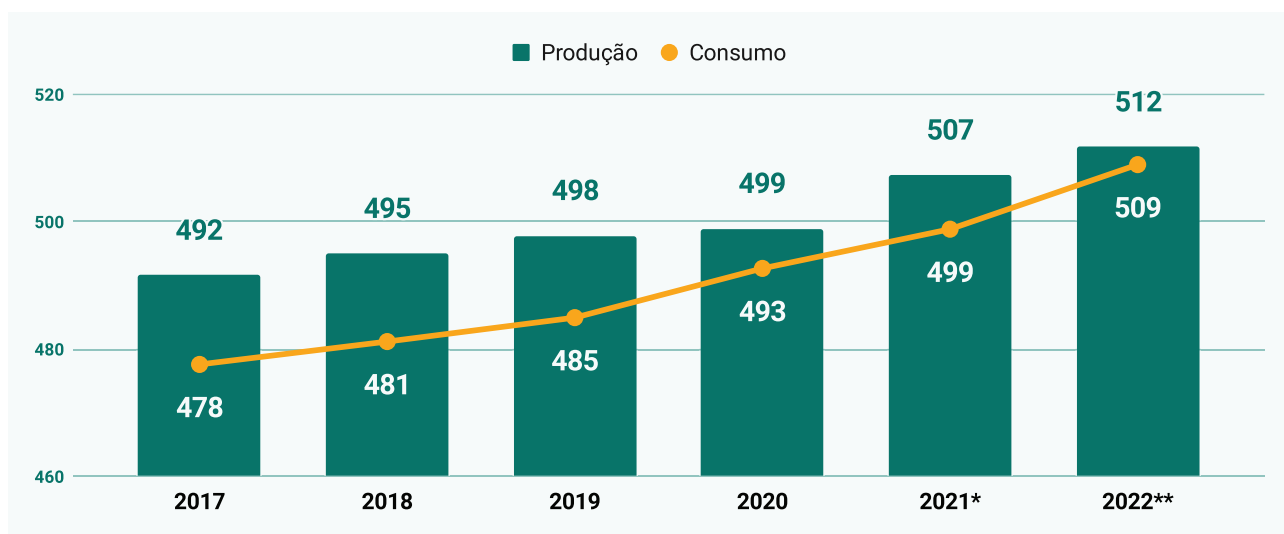
1.4.1 Arroz

A Tailândia, segundo maior exportador de arroz, enfrentou uma seca em 2019/20 que se repetiu no ciclo 2020/21. Apesar do nível de rendimento médio do país ter se mantido em patamar baixo, a produção da Tailândia avançou 7% neste período. Isso porque a seca em 2019/20 reduziu a oferta global disponível para exportação (na época, o país caiu para a posição de terceiro maior exportador global, pois foi ultrapassado pelo Vietnã),

valorizando os preços internacionais do grão e estimulando a ampliação da área plantada para o ano safra 2020/21. O aumento dos preços também estimulou maiores áreas na Índia e China. O resultado foi uma expansão de 1,7% da produção mundial em 2021.

Mantendo a tendência de expansão, o consumo de arroz da China ampliou em 2021, mas desta vez em volume maior: mais 5,35 milhões de toneladas em relação ao ano anterior. Este aumento irá estimular a expansão de 1,3% do consumo mundial.

Gráfico 39 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas



Fonte: FAS/USDA (Nov/21) - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Em 2021, o aumento mais acelerado da produção em relação ao consumo, especialmente nos países exportadores, permitiu maior fluxo de comercialização entre os países. As exportações devem expandir 14% até o final do ano, depois de as transações terem sido prejudicadas pelas restrições aplicadas em 2020, como reflexo da pandemia do Covid-19.

As projeções para a safra 2021/22 apontam para um estreitamento entre oferta e demanda

globais. Isso porque o consumo deverá crescer mais que o dobro que a capacidade produtiva. A maior produção deve ser estimulada por maiores áreas e melhora dos rendimentos médios, especialmente na Índia e em Bangladesh. O aumento do consumo global deve ser estimulado pela forte expansão estimada para o consumo da China e retomada na Índia. O uso para alimentação representa a maior parte da demanda global, mas o consumo para outros destinos, como ração e etanol têm crescido substancialmente.

Tabela 15 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado por país, em milhões de toneladas

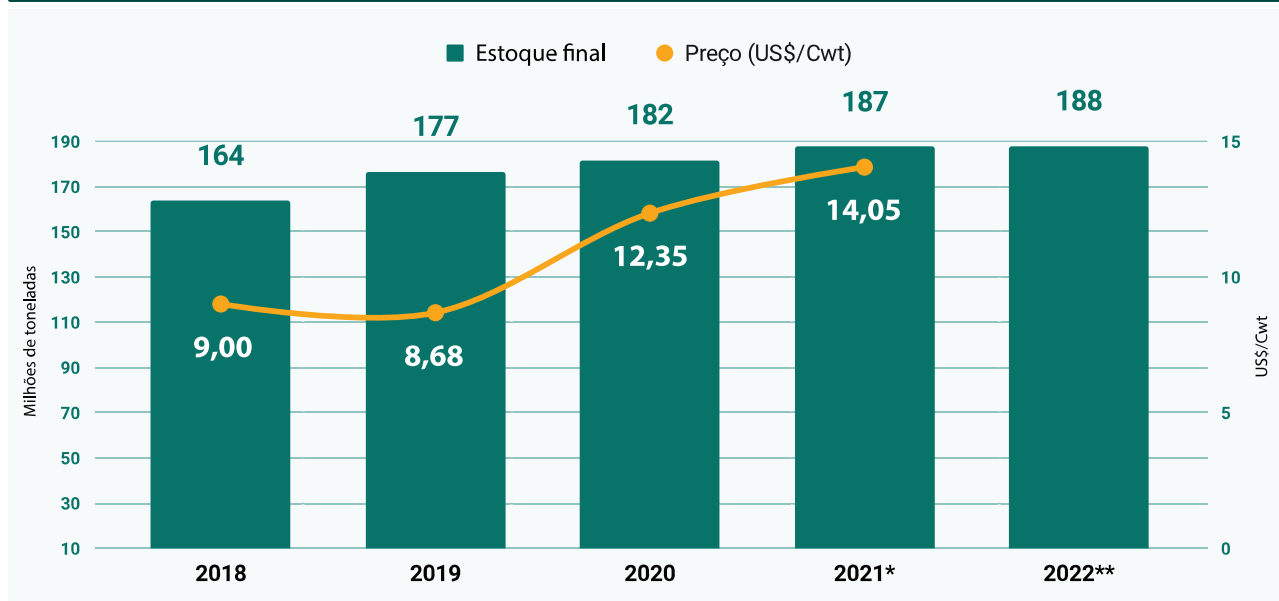
	2018	2019	2020	2021*	2022**	Var % 20/21	Var % 21/22	Participação
PRODUÇÃO								
China	148,9	148,5	146,7	148,3	149,0	1,1%	0,5%	29,1%
Índia	112,8	116,5	118,9	122,3	125,0	2,9%	2,2%	24,4%
Bangladesh	32,7	34,9	35,9	34,6	36,3	-3,5%	4,8%	7,1%
Indonésia	37,0	34,2	34,7	35,3	35,4	1,7%	0,1%	6,9%
Vietnã	27,7	27,3	27,1	27,4	27,1	1,2%	-1,2%	5,3%
Tailândia	20,6	20,3	17,7	18,9	19,5	6,8%	3,4%	3,8%
Burma	13,2	13,2	12,7	12,6	12,6	-0,4%	0,0%	2,5%
Filipinas	12,2	11,7	11,9	12,4	12,3	4,1%	-0,9%	2,4%
Paquistão	7,5	7,2	7,4	8,2	8,2	10,4%	0,2%	1,6%
Brasil	8,2	7,1	7,6	8,0	8,0	5,2%	0,3%	1,6%
Japão	7,8	7,7	7,6	7,6	7,6	-0,5%	-0,2%	1,5%
Outros	66,6	69,1	70,8	71,8	70,8	1,3%	-1,3%	13,8%
Total	495,0	497,8	498,9	507,3	511,7	1,7%	0,9%	100,0%
CONSUMO								
China	142,5	142,9	145,2	150,6	154,9	3,7%	2,9%	30,4%
Índia	98,7	99,2	102,0	100,0	103,5	-1,9%	3,5%	20,3%
Bangladesh	35,2	35,4	35,7	36,1	36,7	1,1%	1,7%	7,2%
Indonésia	37,0	36,3	36,0	35,8	35,6	-0,6%	-0,6%	7,0%
Vietnã	21,5	21,2	21,3	21,5	21,4	1,2%	-0,7%	4,2%
Filipinas	13,3	14,1	14,3	14,5	14,6	1,0%	0,7%	2,9%
Tailândia	11,0	11,8	12,3	12,7	13,0	3,3%	2,4%	2,6%
Burma	10,2	10,3	10,4	10,6	10,7	1,9%	0,9%	2,1%
Japão	8,6	8,4	8,4	8,3	8,2	-1,2%	-0,6%	1,6%
Brasil	7,7	7,4	7,3	7,5	7,5	2,1%	0,0%	1,5%
Outros	95,6	98,1	99,9	101,4	103,0	1,5%	1,6%	20,0%
Total	481,2	484,2	492,7	498,8	509,0	1,3%	2,0%	100,0%

Fonte: FAS/USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Um estreitamento entre a oferta e a demanda global tende a refletir em menores estoques finais. Entretanto, apesar de termos este cenário projetado para 2022, o USDA espera estoques nos mesmos patamares que os observados em 2021.

Isso porque a China e a Índia, que detêm cerca de 80% dos estoques globais, devem ampliar seus níveis de estoques - em função da queda estimada para as exportações - e contrabalancear com os menores estoques nos demais países.

Gráfico 40 - Comparação entre o estoque final mundial do arroz beneficiado e o preço internacional



Fonte: FAS/USDA (Nov/21); CBOT · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA; Preços até Nov/21 (**) Projeção USDA

O Brasil é o maior produtor de arroz fora da Ásia e os preços da saca de arroz praticamente dobraram entre janeiro e dezembro de 2020, estimulando uma expansão da área plantada na safra 2020/21. Somado a isto, o rendimento médio, que havia atingido bom desempenho em 2020, teve resultado recorde em 2021. Estes dois fatores contribuíram para uma safra 5,3% superior. Ainda do lado da oferta, o Brasil deverá importar volume 19,5% inferior em 2021, depois do aumento observado em 2020. A queda das importações, de um lado, é suportada pela maior oferta interna, possibilitada pela maior safra; por outro, a queda da demanda total brasileira fez não mais necessário o volume de importações

tão elevado como observado no ano passado.

Do lado da demanda, as exportações devem cair depois da alta significativa observada em 2020. Por outro lado, o consumo interno de arroz deve crescer depois de dois anos de queda. Como a queda das exportações deverá ser mais abrupta que a retomada do consumo interno, a demanda total brasileira deve encolher 2,6% em 2021. Isso deve fazer com que os estoques finais de arroz quase tripliquem neste período. Diante deste cenário de acúmulo de estoques, os preços da saca de arroz no Rio Grande do Sul apresentaram queda de 26% de janeiro a novembro de 2021.

Tabela 16 - Fundamentos do mercado brasileiro de arroz em casca, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2018	2019	2020	2021*	2022**	Variação 20/21	Variação 21/22
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	1,97	1,70	1,67	1,68	1,70	1,0%	1,1%
Estoque inicial	0,93	0,87	0,37	0,31	0,90	-16,00%	190,50%
Produção	12,07	10,50	11,18	11,77	11,80	5,30%	0,30%
Importação	0,82	1,10	1,28	1,03	0,96	-19,50%	-7,10%
OFERTA TOTAL	13,82	12,47	12,83	13,10	13,65	2,20%	4,20%
Consumo interno	11,25	10,81	10,73	10,96	10,96	2,10%	0,00%
Exportação	1,69	1,29	1,79	1,25	1,54	-30,30%	23,50%
DEMANDA TOTAL	12,94	12,10	12,53	12,21	12,50	-2,6%	2,40%
ESTOQUE FINAL	0,87	0,37	0,31	0,90	1,15	190,5%	27,90%
Estoque/Consumo	7,70%	3,40%	2,90%	8,20%	10,50%	184,60%	27,90%

Fonte: FAS/USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

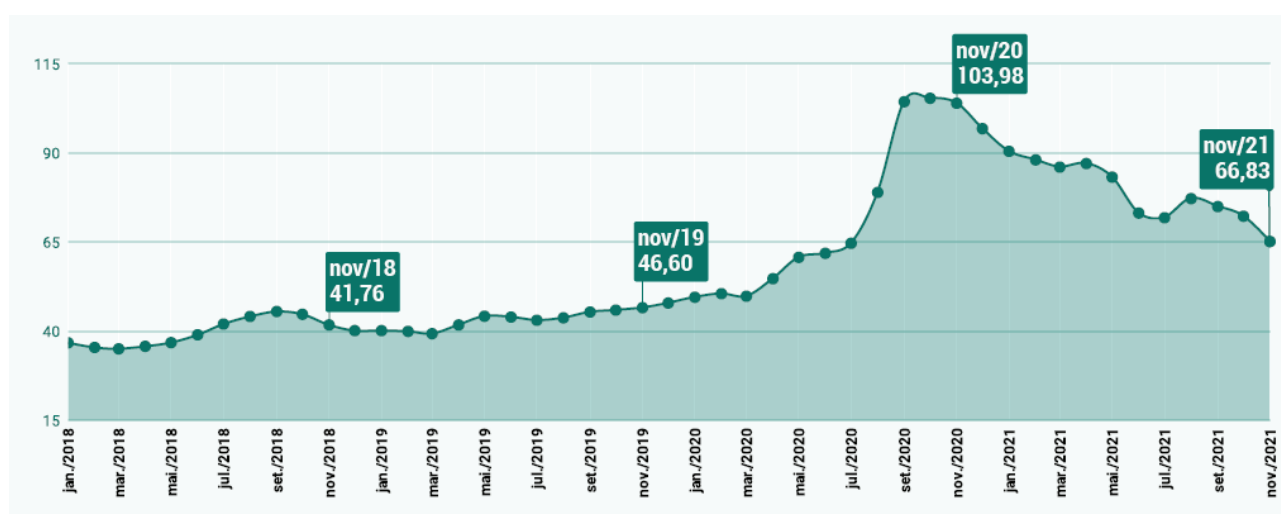
De acordo com o USDA, a produção brasileira deve se manter praticamente estável em 2022, com aumento de 0,3%. Apesar da queda dos preços no decorrer de 2021, ainda assim a saca de arroz ainda tem patamares historicamente elevados, o que deve estimular nova expansão de área. Porém, o aumento da área deve ser contrabalanceado com a queda no rendimento médio - que na verdade irá se tratar de uma queda em relação a uma base elevada, visto que 2021 teve rendimento médio recorde. Entretanto, a oferta brasileira será significativamente superior, em função dos estoques de carregamento da safra 2021.

Com a expectativa de estabilidade da economia brasileira em 2022, o consumo interno de arroz deve se manter no mesmo patamar. Por outro lado, as exportações devem retomar o ritmo de crescimento e

estimular um aumento de 2,4% da demanda total. Dessa forma, a oferta brasileira deve crescer em ritmo mais acelerado que a demanda, o que significa esperar novo aumento dos estoques finais em 2022, caso estas projeções se confirmem.

A expectativa de maiores estoques já vem se refletindo em menores preços no Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que, se confirmado este cenário, os preços podem apresentar novas quedas, mas provavelmente ainda se mantenham em patamares historicamente elevados. Infelizmente, os custos de produção se valorizaram drasticamente nesta última safra, caso os preços se mantenham nestes patamares atuais, no período da comercialização da safra 2021/22, a receita não irá cobrir os custos de produção e muitos produtores poderão enfrentar prejuízos.

Gráfico 41 - Preço do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg



Fonte: Cepea · Elaboração: Sistema Farsul

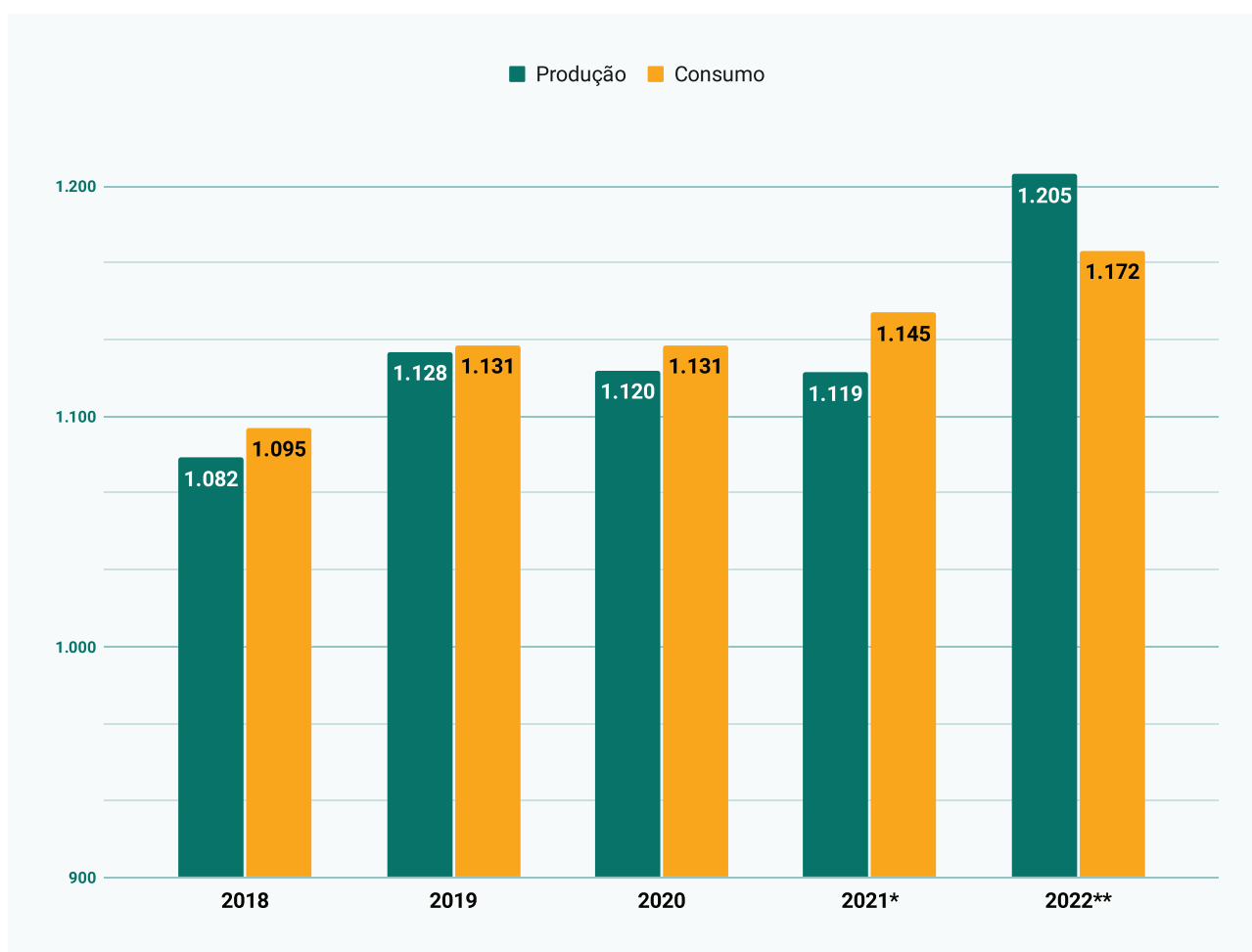
1.4.2 Milho

Apesar da expansão da área plantada de milho ao redor do mundo, a baixa produtividade alcançada em algumas importantes regiões produtoras afetou a produção global em 2021. O Brasil, terceiro maior produtor, enfrentou seca no centro oeste, prejudicando o desempenho da safra. Na Ucrânia, o rendimento das lavouras também foi fortemente afetado por dificuldades climáticas. Estas quebras foram parcialmente compensadas pelas boas produções nos

Estados Unidos e na Índia. No total produzido mundialmente a queda foi de 0,1% em relação à safra anterior.

O consumo mundial avançou em 1,2% em 2021, com maiores demandas especialmente da China e do Brasil. Dessa forma – e considerando que a produção global se manteve praticamente estável – o consumo mundial excedeu a produção em 25,7 milhões de toneladas, mais que o dobro do registrado no ano anterior, levando a retração dos estoques finais, que pode ser observado no **gráfico 43**.

Gráfico 42 - Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas



Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

De acordo com o USDA, em 2022 a produção mundial deverá expandir em 85,6 milhões de toneladas e, caso se confirme a projeção, será o recorde global. O aumento deve ocorrer praticamente em todos os principais produtores, com destaque para Brasil, Estados Unidos e China. A exceção será a Índia, que deve reduzir a produção em quase 5%, lembrando que 2021 foi um ano recorde, portanto, irá se tratar de uma queda comparada com um ano de produção recorde.

O consumo mundial também está projetado em nível recorde, com avanço de 2,4% em relação a 2021. O aumento virá especialmente da China, onde a maior disponibilidade interna do grão o tornará mais atrativo para a produção de ração. A demanda chinesa de milho para diesel deve reduzir diante da possibilidade de utilização de alternativas mais econômicas, como a mandioca. Se este cenário se confirmar, será a primeira vez em cinco anos que a produção excede o consumo à nível global.

Tabela 17 - Produção e Consumo de milho por país, em milhões de toneladas

	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22	Participação
PRODUÇÃO								
Estados Unidos	371,1	364,3	346,0	358,4	382,6	3,6%	6,7%	32%
China	259,1	257,2	260,8	260,7	273,0	0,0%	4,7%	23%
Brasil	82,0	101,0	102,0	86,0	118,0	-15,7%	37,2%	10%
União Europeia	62,0	64,4	66,7	64,4	67,9	-3,5%	5,3%	6%
Argentina	32,0	51,0	51,0	50,5	54,5	-1,0%	7,9%	5%
Ucrânia	24,1	35,8	35,9	30,3	38,0	-15,6%	25,4%	3%
Índia	28,8	27,7	28,8	31,5	30,0	9,5%	-4,8%	2%
Outros	222,6	226,4	228,5	237,2	240,7	3,8%	1,5%	20%
TOTAL	1.081,7	1.127,7	1.119,7	1.119,0	1.204,6	-0,1%	7,7%	100%
CONSUMO								
Estados Unidos	314,0	310,4	309,5	306,5	313,2	-1,0%	2,2%	27%
China	263,0	274,0	278,0	285,0	294,0	2,5%	3,2%	25%
União Europeia	75,2	85,0	78,8	76,1	78,0	-3,4%	2,5%	7%
Brasil	63,5	67,0	68,5	72,0	73,0	5,1%	1,4%	6%
México	42,5	44,1	43,8	43,7	44,2	-0,2%	1,1%	4%
Índia	26,7	28,5	27,2	27,8	28,6	2,0%	3,1%	2%
Egito	15,9	16,2	16,9	16,4	16,4	-3,0%	0,0%	1%
Outros	294,7	305,6	308,2	317,2	324,6	2,9%	2,3%	28%
TOTAL	1.095,5	1.130,7	1.131,0	1.144,7	1.172,0	1,2%	2,4%	100%

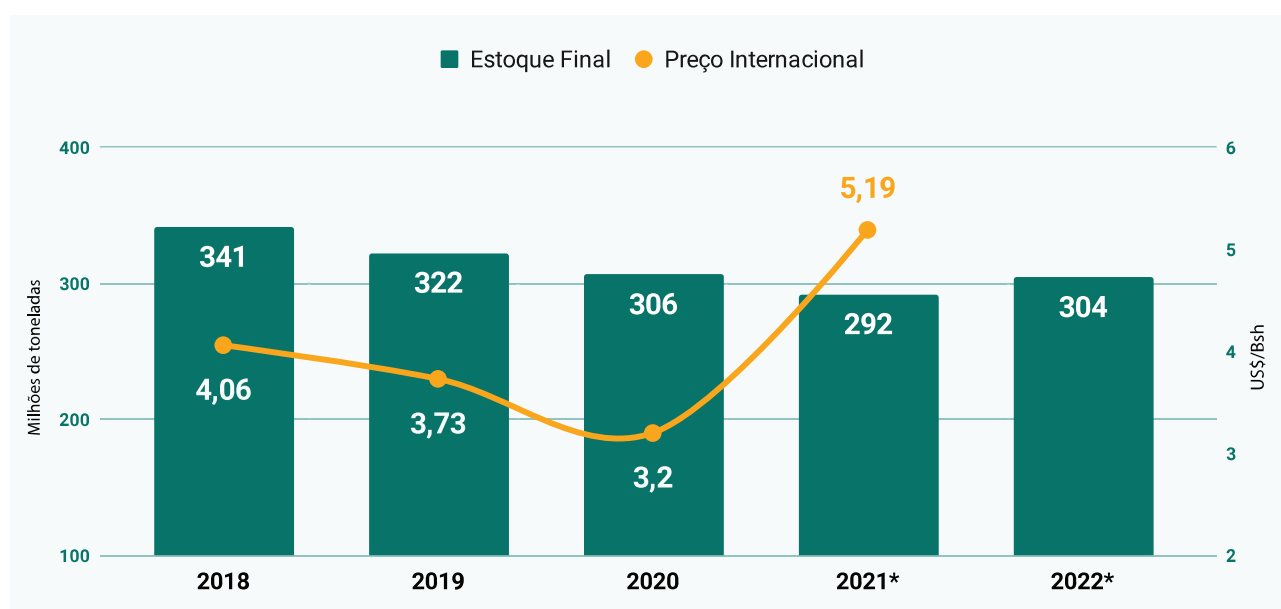
Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

O mercado global de milho é basicamente suprido por quatro países exportadores: Estados Unidos, Brasil, Argentina e Ucrânia. Juntos, estes países correspondem à cerca de 85% das exportações totais. Em 2021, as exportações do Brasil e da Ucrânia devem retrair 50% e 18%, respectivamente, em função da queda da disponibilidade de milho nestes países, reflexo de problemas climáticos. Diante deste cenário, muitos importadores buscaram milho nos Estados Unidos, que deve expandir em 55% suas exportações até o final do ano e bater seu recorde de volume exportado; entretanto, este movimento gera a necessidade de recorrer aos estoques para suprir a

crecente demanda externa. Puxado por este movimento de queda dos estoques nos Estados Unidos – a estimativa é de retração de 36% – os estoques globais devem fechar o ano quase 15 milhões de toneladas inferiores ao ano passado.

O único país que deve apresentar aumento considerável dos estoques será a China. Isso porque, até o final do ano, a China deve importar um volume quase três vezes maior que o ano passado, saindo de 7,6 milhões de toneladas importadas em 2020 para 29,51 milhões de toneladas em 2021. Caso este cenário se confirme, será o recorde de importação de milho do país.

Gráfico 43 - Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional



Fonte: USDA (Nov/21) / CME Group - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Depois de quatro anos de consecutivas quedas, em 2022 os estoques globais devem expandir 4,3%, equivalente a 13,6 milhões de toneladas a mais. A maior parte deste montante deve se concentrar nos Estados Unidos, que voltará a enfrentar a concorrência do Brasil no mercado global

em 2022. A China também deve acumular um volume maior de estoques, resultado da junção de altos estoques de carregamento da safra 2021 com a projeção de safra maior. No Brasil também deverá haver ampliação dos estoques diante da estimativa de safra recorde.

Tabela 18 - Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	16,60	17,50	18,50	19,83	20,80	7,20%	4,90%
Estoque inicial	14,02	9,32	5,31	5,23	5,23	-1,50%	0,00%
Produção	82,00	101,00	102,00	86,00	118,0	-15,70%	37,20%
Importação	0,92	1,66	1,65	3,50	1,70	112,40%	-51,40%
OFERTA TOTAL	96,94	111,97	108,96	94,73	124,93	-13,10%	31,90%
Consumo interno	63,50	67,00	68,50	72,00	73,00	5,10%	1,40%
Exportação	24,12	39,66	35,23	17,50	43,00	-50,30%	145,70%
DEMANDA TOTAL	87,62	106,66	103,73	89,50	116,00	-13,70%	29,60%
ESTOQUE FINAL	9,32	5,31	5,23	5,23	8,93	0,00%	27,90%
Estoque/Consumo	14,70%	7,90%	7,60%	7,30%	12,20%	-4,90%	68,40%

Fonte: USDA (Nov/21) - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

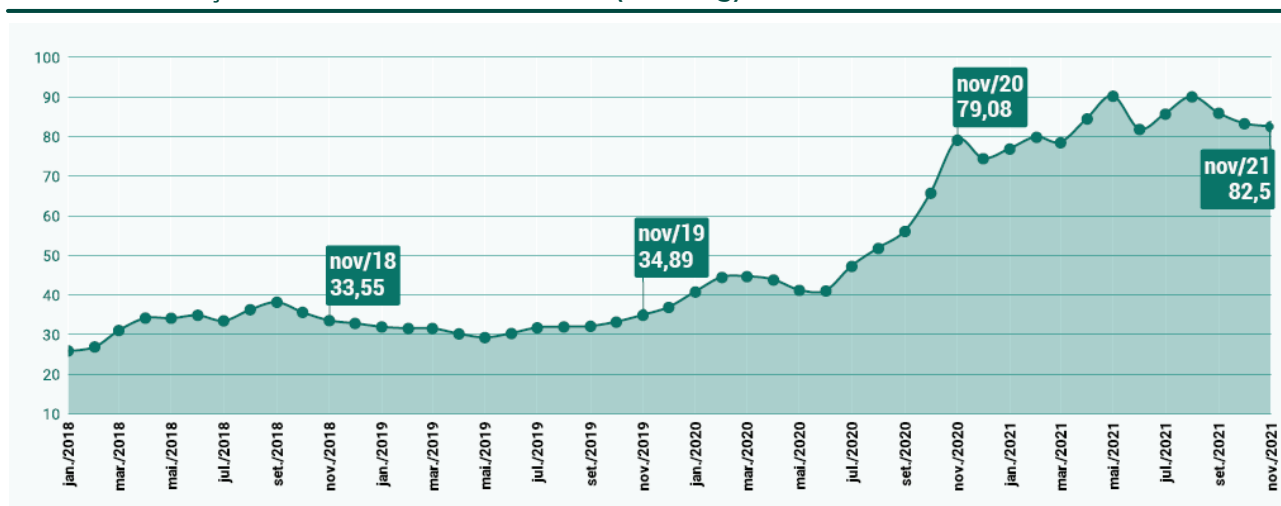
Desde 2012, o Brasil é o terceiro maior produtor de milho e segundo maior exportador. Na safra 2021, apesar do incremento de 7,2% de área plantada, a queda do rendimento médio das lavouras resultou em retração de 15,7% da nossa produção. De acordo com o IBGE², a primeira safra registrou queda de 4,3% do rendimento médio, enquanto a segunda safra teve retração de 26,5%. A razão para a menor produtividade foi o clima seco que atingiu a região do centro oeste, onde a segunda safra de milho é produzida. A segunda safra é majoritariamente destinada às exportações. Logo, a menor produção resultou na retração de 50% das exportações em 2021, o que permitiu que Argentina e Ucrânia ultrapassem o Brasil no ranking de volume exportados, nos colocando na quarta posição global.

Em meio à piora das perspectivas da segunda safra, os preços domésticos do milho escalaram a um nível recorde³ nos estados do sul, onde se concentra a produção de aves e suínos. Na tentativa de conter os preços, o Governo Federal decretou, em abril de 2021, tarifa zero nas importações de países de fora do Mercosul. O resultado foi um aumento das importações, que deve fechar o ano com incremento de 112% em relação ao ano anterior. Caso esta estimativa se confirme, será o recorde de importação de milho no Brasil.

As projeções para a safra 2022 apontam para uma recuperação da produção brasileira, contando com clima favorável. Se esta projeção se confirmar, atingiremos produção e exportação recordes e retomaremos a posição de segundo maior exportador mundial. Diante da expectativa de maior disponibilidade interna, as importações devem retornar aos patamares anteriores a 2021.

Com um cenário de expansão da oferta em magnitude superior à expansão da demanda, o Brasil deverá acumular estoques finais 70% superiores a 2021. A relação estoque/consumo deve se elevar, saindo de 7,3% para 12% em 2022, o que significa que os estoques estão se acelerando mais rapidamente que a capacidade interna de absorção. O aumento da relação estoque/consumo já apresenta efeito nos preços domésticos de milho no Rio Grande do Sul, o preço médio em Passo Fundo atingiu a média de R\$ 82,50 em novembro de 2021, uma queda de 8,5% em relação ao pico atingido em maio do mesmo ano, mas ainda 4,3% superior a novembro do ano passado. É possível que a confirmação da safra recorde pressione os preços internos do milho gaúcho para baixo, porém não pode ser ignorada a influência que a taxa de câmbio tem nos preços dos grãos no Brasil, e a expectativa é de que a taxa de câmbio se mantenha em patamares elevados⁴ no decorrer de 2022.

Gráfico 44 - Preço do milho em Passo Fundo/RS (R\$/60 kg)



Fonte: Broadcast · Elaboração: Sistema Farsul

² Fonte: Levantamento Sistemático de Produção Agrícola / IBGE (outubro de 2021)

³ O preço médio da saca (60 kg) do milho em Rio Grande atingiu R\$ 97,94 em abril de 2021, quase o dobro do valor registrado no mesmo mês do ano anterior.

⁴ O Relatório Focus do Banco Central do Brasil aponta para uma taxa de câmbio de R\$ 5,50/US\$ no final de 2021 e mantém a projeção para o final de 2022.

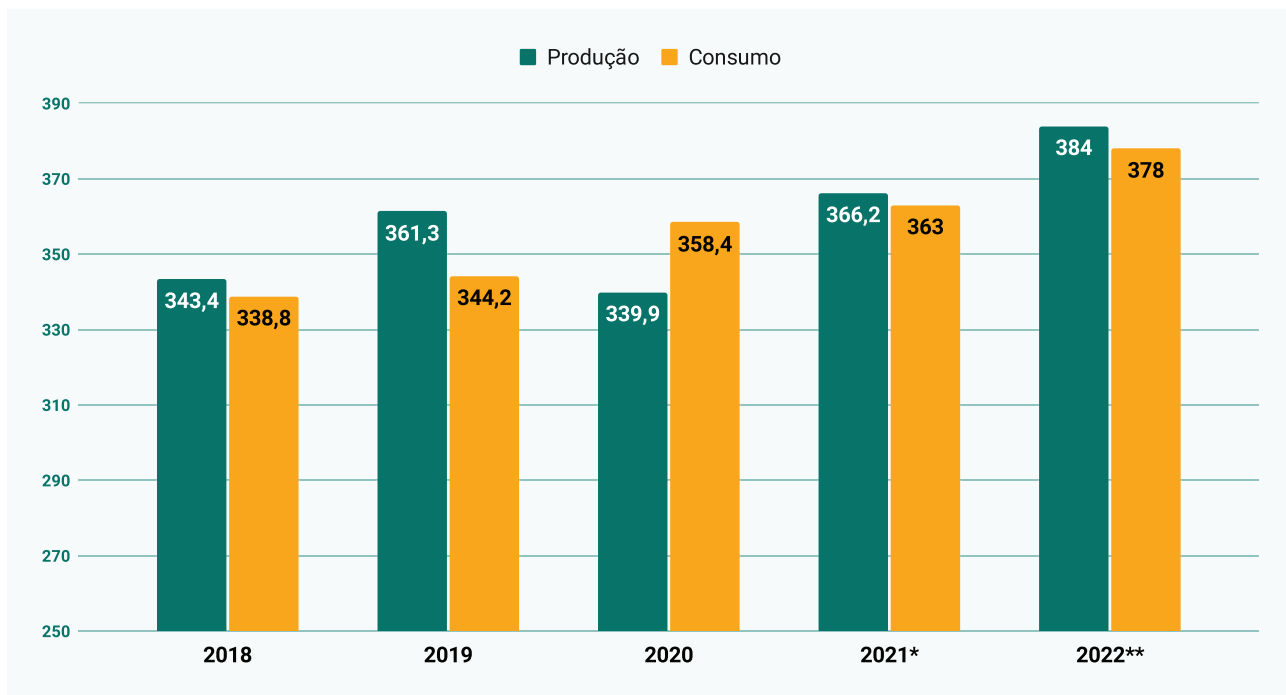
1.4.3 Soja

Em 2020, a menor área plantada de soja e a queda do rendimento médio das lavouras estadunidenses refletiram em uma produção 20% menor no país e contribuíram para a retração de quase 6% da produção mundial. Por outro lado, naquele mesmo ano, o consumo seguiu crescendo, especialmente estimulado pela demanda chinesa, que começava o processo de recuperação das suas indústrias de suínos

depois do episódio da Peste Suína Africana.

A retomada da produção dos Estados Unidos em 2021 e a significativa expansão da área plantada no Brasil permitiram aumento da produção mundial em 7,8%. Juntos, estes países representam quase 70% da produção global e foram os principais responsáveis pelo avanço da quantidade produzida. O consumo mundial avançou 4,1% em 2021, nova alta importante e, mais uma vez, alavancada pela demanda chinesa.

Gráfico 45 - Comparação entre produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas



Fonte: USDA (Nov/21) - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

A projeção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, sigla em inglês) é de que a safra mundial de soja atinja 384 milhões de toneladas em 2022, o que representaria um aumento de 4,9% em relação a 2021. A tendência é de aumento da produção nos principais países exportadores: Brasil e Estados Unidos. A área colhida no Brasil deve atingir o maior valor desde 2010, dada a valorização do preço da saca em Reais - uma vez que a moeda nacional brasileira se encontra

desvalorizada frente ao Dólar. A safra da Argentina também deve expandir em 2022, reflexo da expansão da área plantada e da expectativa de clima mais favorável à cultura na região. O aumento de 1,3% estimado para o consumo mundial, caso se confirme, deve significar uma demanda superior em 15 milhões de toneladas em relação a 2021. De acordo com o USDA, mais de 40% deste aumento deve vir da nova expansão esperada da demanda chinesa.

Tabela 19 - Produção e Consumo de soja por país, em milhões de toneladas

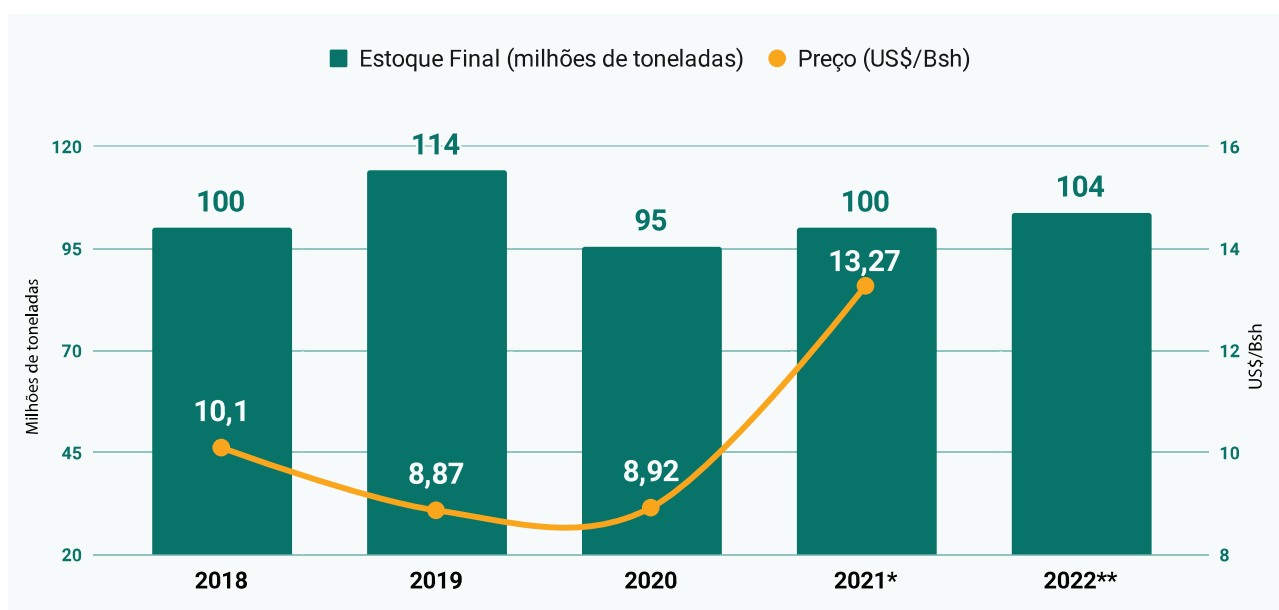
	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22	Participação
PRODUÇÃO								
Brasil	123,40	119,70	128,50	138,00	144,00	7,40%	4,30%	37,50%
Estados Unidos	120,07	120,52	96,67	114,75	120,43	18,70%	4,90%	31,40%
Argentina	37,80	55,30	48,80	46,20	49,50	-5,30%	7,10%	12,90%
China	15,28	15,97	18,10	19,60	19,00	8,30%	-3,10%	4,90%
Índia	8,35	10,93	9,30	10,45	11,90	12,40%	13,90%	3,10%
Paraguai	10,26	8,51	10,25	9,90	10,50	-3,40%	6,10%	2,70%
Canadá	7,72	7,42	6,15	6,36	5,90	3,50%	-7,20%	1,50%
Outros	20,53	22,98	22,12	20,97	22,78	-5,20%	8,60%	5,90%
TOTAL	343,40	361,32	339,89	366,23	384,01	7,80%	4,90%	100%
CONSUMO								
China	106,30	102,00	109,20	111,60	117,70	2,20%	5,50%	31,10%
Estados Unidos	58,87	60,36	61,85	60,94	62,76	-1,50%	3,00%	16,60%
Brasil	46,86	45,18	49,39	49,42	50,35	0,10%	1,90%	13,30%
Argentina	43,63	47,45	45,92	47,41	49,40	3,30%	4,20%	13,10%
União Europeia	15,89	16,60	17,32	17,82	17,62	2,90%	-1,10%	4,70%
Índia	8,84	10,88	9,70	10,89	11,79	12,30%	8,20%	3,10%
México	5,29	6,20	6,05	6,25	6,45	3,30%	3,20%	1,70%
Rússia	5,11	5,26	5,20	5,16	5,41	-0,80%	4,80%	1,40%
Egito	3,24	3,54	4,74	4,14	4,74	-12,70%	14,50%	1,30%
Tailândia	2,56	3,16	3,81	4,19	4,19	9,80%	0,10%	1,10%
Outros	42,16	43,56	45,23	45,23	47,62	0,00%	5,30%	12,60%
TOTAL	338,75	344,18	358,40	363,05	378,03	4,10%	1,30%	100,00%

Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

No decorrer do ano safra 2019/20, a estimativa de estoques globais foi inúmeras vezes ajustada para baixo. A primeira projeção, divulgada em maio de 2019, apontava um estoque final de 113 milhões de toneladas; o ano safra finalizou com estoque de 95 milhões de toneladas. Isso porque as exportações brasileiras foram revisadas

para cima diversas vezes, diante da baixa oferta do seu principal concorrente - os Estados Unidos -, e da crescente importação chinesa. Durante aquele ano, se observou a valorização do preço da tonelada exportada paga aos principais exportadores (Brasil, Estados Unidos e Argentina).

Gráfico 46 - Comparação entre o estoque final mundial de soja e o preço internacional



Fonte: USDA (Nov/21) / CME Group - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Na safra 2020/21, diante das melhores condições climáticas, a expansão da produção dos Estados Unidos contribui para o alargamento da oferta global. O crescimento da oferta acaba sendo mais acelerado que a capacidade de absorção da demanda, o que leva a estimativa de aumento de 3,9% dos estoques. A maior parte do aumento dos estoques globais deve se concentrar no Brasil, que exporta menos em 2021 diante da maior oferta dos Estados Unidos e da melhora das relações comerciais do país com a China. Outra grande parte do aumento dos estoques deve se concentrar na China, que vem formando estoques nos últimos anos – nos últimos 5 anos os estoques chineses representavam, em média, 20% do seu consumo interno; em 2021 passaram a representar um terço.

Apesar do maior acúmulo de estoques, o preço futuro da soja se valorizou no decorrer deste ano. No começo do ano safra, os fatores que provavelmente contribuíram foram: a retomada das compras da soja estadunidense por parte da China; a falta de chuvas no começo do plantio das lavouras da América do Sul; e as incertezas em torno da área plantada da Argentina e sua participação no comércio internacional, diante dos aspectos políticos e econômicos enfrentados pelo país. Com o avanço do ano safra, a expectativa de

produção nos Estados Unidos foi ajustada para baixo e as exportações brasileiras se aceleraram, gerando um ambiente mais acirrado no mercado internacional e valorizando os preços futuros.

A área colhida de soja no Brasil expandiu 5,4% em 2021, estimulada pela escalada do preço da soja, em reais, observada durante o ano de 2020. Aliada a maior área, a condição climática favorável permitiu uma produção de 138 milhões de toneladas, ou seja, aumento de 7,4% em relação à safra anterior. Entretanto, apesar do crescimento da produção, o menor carregamento de estoque reduz a oferta brasileira de soja em 2,5 milhões de toneladas.

Por outro lado, a demanda brasileira deve reduzir cerca de 10,5 milhões de toneladas em 2021. Este movimento se deve à queda das exportações diante da retomada da produção do nosso principal concorrente no mercado internacional: Estados Unidos. O resultado desta queda abrupta da demanda será o aumento do acúmulo de estoques.

A projeção do USDA para a safra brasileira 2021/22 é de que a área de soja continue crescendo à medida que a taxa de câmbio depreciada aumenta o retorno do produtor. Se a projeção se confirmar, será o 15º ano seguido de expansão das lavouras brasileira.

Entretanto, a expectativa de recorde de volume exportado deve criar um cenário onde a demanda se expandirá mais que a oferta.

Apesar disso, a distância entre a oferta e a demanda deve aumentar, resultando em nova expansão dos estoques finais.

Tabela 20 - Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas

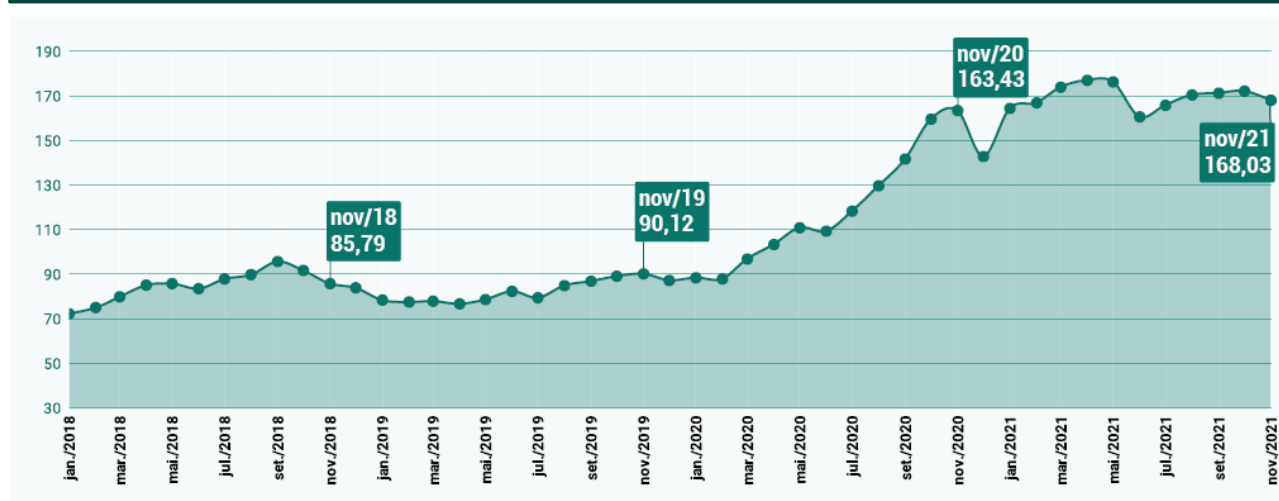
FUNDAMENTOS	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	35,15	35,90	36,90	38,90	40,40	5,40%	3,90%
Estoque inicial	32,11	32,70	32,47	20,00	27,95	-38,40%	39,80%
Produção	123,40	119,70	128,50	138,00	144,00	7,40%	4,30%
Importação	0,18	0,14	0,55	1,02	0,65	84,90%	-36,00%
OFERTA TOTAL	155,69	152,54	161,52	159,02	172,60	-1,60%	8,50%
Consumo interno	46,86	45,18	49,39	49,42	50,35	0,10%	1,90%
Exportação	76,14	74,89	92,14	81,65	94,00	-11,40%	15,10%
DEMANDA TOTAL	122,99	120,06	141,52	131,07	144,35	-7,40%	10,10%
ESTOQUE FINAL	32,70	32,47	20,00	27,95	28,25	39,80%	1,10%
Estoque/Consumo	27,00%	27,00%	14,00%	21,00%	20,00%	50,90%	-8,20%

Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

O ano de 2020 foi marcado pela forte valorização do preço da saca de soja, atingindo patamares historicamente elevados. Dentre as razões para este processo de aceleração dos preços, destaca-se: (1) o desequilíbrio cambial; (2) o forte aumento das exportações brasileiras, que levou a relação estoque/demanda para o patamar mais baixo que se tem registro; (3) e a aceleração do consumo interno, reflexo do aumento dos gastos com alimentação em geral causado pelo Auxílio Emergencial.

O aumento de estoques – ou a expectativa de aumento – geralmente pressiona os preços para baixo. Entretanto, apesar de vislumbrarmos um aumento da quantidade de soja estocada em 2021, ainda assim, os preços persistiram na trajetória de valorização no decorrer do ano. Isso porque a nossa moeda segue se desvalorizando frente ao dólar, o que reflete em preços da soja, em reais, mais elevados, independente do que apontam os fundamentos de mercado.

Gráfico 47 - Preço da soja em Rio Grande/RS (R\$/60 kg)



Fonte: Broadcast · Elaboração: Sistema Farsul

Enquanto escrevemos este relatório, as expectativas de mercado são de que a taxa de câmbio em 2022 se mantenha em patamares semelhantes à deste ano, ou seja, permaneça em nível elevado. Por esta razão, a projeção do USDA de que o Brasil acumule estoques de soja ainda maiores na safra 2021/22 não surtiriam efeito negativo sobre os preços no mercado interno. Com as informações que se tem atualmente, podemos esperar uma desaceleração do preço da saca de soja no Rio Grande do Sul, mas ainda se mantendo em patamares altos.

1.4.4 Trigo

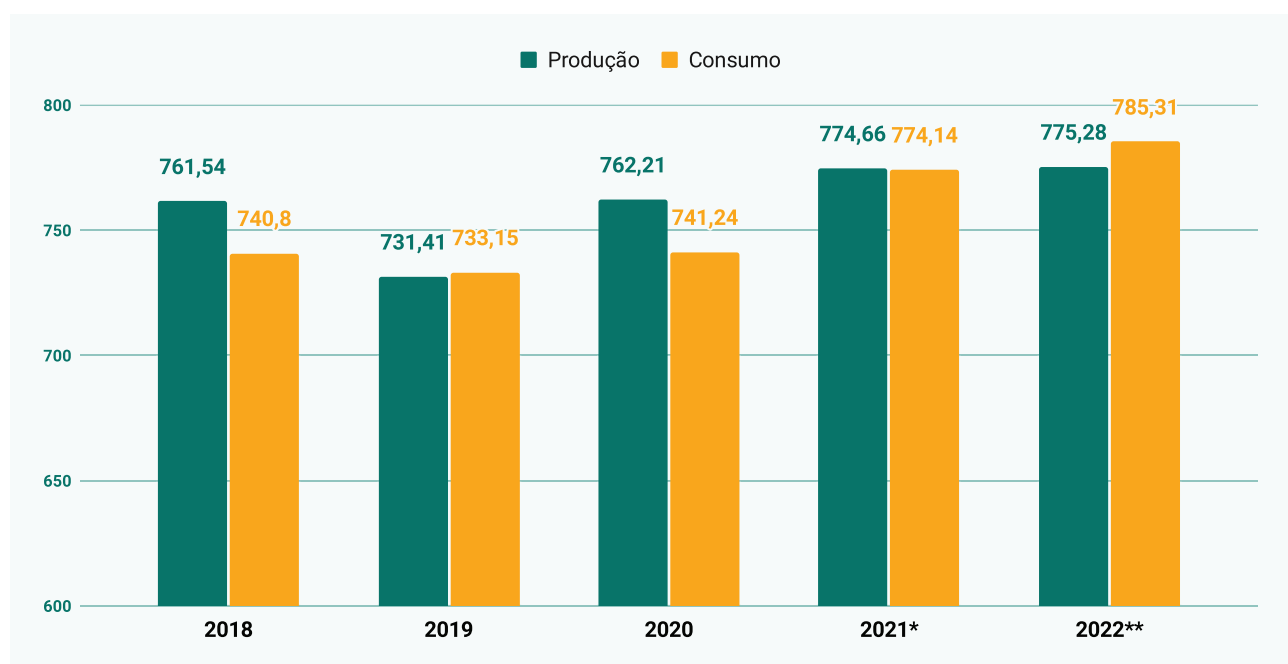
O avanço de 1,6% na produção global de trigo em 2021 foi especialmente estimulado pelas maiores safras em dois grandes exportadores: Rússia e Austrália. Ambos os países ampliaram as áreas e obtiveram boas produtividades médias. Depois de anos de seca comprometendo o desempenho das lavouras na Austrália, a safra 2021 apresentou clima favorável, permitindo aumento significativo da produção do país. Na contramão, algumas

importantes regiões produtoras da União Europeia enfrentaram clima seco, e o impacto foi a retração de 9% da produção do bloco.

A demanda de trigo é destinada a dois principais tipos de consumo: o uso para ração e o uso para alimentação. O uso para ração tende a ser mais volátil, uma vez que depende da demanda por proteína animal e dos preços dos produtos substitutos, em especial o milho. Em 2021 o aumento da demanda global será alavancado pela maior demanda de trigo para ração, concentrado especialmente na China, que deve mais que dobrar a demanda até o final do ano.

O uso para alimentação tende a crescer a medida em que a população global aumenta, a renda per capita cresce e os hábitos alimentares mudam. Apesar do enfraquecimento de muitas economias neste ano, o aumento populacional e as mudanças de hábitos alimentares, especialmente na Índia e na China, devem estimular uma ampliação de 15 milhões de toneladas na demanda mundial de trigo para consumo alimentar até o final do ano.

Gráfico 48 - Comparação entre produção e consumo mundiais de trigo, em milhões de toneladas



Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

De acordo com as projeções do USDA, o volume de produção da safra 2021/22 deve se manter praticamente inalterado. Maiores produções na União Europeia, Ucrânia e China devem ser contrastadas por quedas na Rússia, Canadá e Estados Unidos. A expectativa de aumento de 10% da produção da União Europeia marcará a retomada das perdas na safra 2020/21, que sofreu com seca. Já a expansão da safra da China deve ser reflexo das políticas de estímulo adotadas pelo governo local. Do outro lado, a menor produção na Rússia e nos Estados Unidos será a junção de menor área com produtividades inferiores, enquanto no Canadá deve ser reflexo da queda da área em detrimento de outras culturas, como cevada e canola.

O consumo mundial em 2022 deverá crescer em função do aumento da demanda para alimentação, que deve seguir estimulado pelo crescimento populacional e a mudança nos hábitos de consumo da Índia e da China. Outros países em desenvolvimento devem apresentar avanços tímidos no consumo de trigo para alimentação, visto que os impactos econômicos da pandemia limitaram a capacidade de compra destes países. O consumo para ração também deve crescer, mas em magnitude inferior ao consumo para alimentação. Destaque para União Europeia, Reino Unido e Estados Unidos, onde a retomada da produção deverá tornar o preço do trigo para ração novamente competitivo, em comparação com grãos alternativos.

Tabela 21 - Produção e Consumo de trigo por país, em milhões de toneladas

	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22	Participação
PRODUÇÃO								
União Europeia	136,7	123,1	138,7	126,0	138,4	-9%	10%	18%
China	134,2	131,4	133,6	134,3	136,9	0%	2%	17%
Índia	98,5	99,9	103,6	107,9	109,5	4%	2%	14%
Rússia	85,2	71,7	73,6	85,4	74,5	16%	-13%	11%
Estados Unidos	47,4	51,3	52,6	49,8	44,8	-5%	-10%	6%
Ucrânia	27,0	25,1	29,2	25,4	33,0	-13%	30%	3%
Austrália	20,9	17,6	14,5	33,0	31,5	128%	-5%	4%
Outros	211,6	211,3	216,4	213,0	206,7	-2%	-3%	27%
TOTAL	761,5	731,4	762,2	774,7	775,3	2%	0%	100%
CONSUMO								
China	121,0	125,0	126,0	150,0	149,0	19%	-1%	19%
União Europeia	113,5	106,3	107,7	104,3	107,5	-3%	3%	13%
Índia	95,7	95,6	95,4	102,2	104,5	7%	2%	13%
Rússia	43,0	40,5	40,0	42,5	41,0	6%	-4%	5%
Estados Unidos	29,2	30,0	30,4	30,5	31,7	0%	4%	4%
Paquistão	25,0	25,4	25,5	26,2	27,2	3%	4%	3%
Turquia	18,3	18,8	20,0	20,6	21,5	3%	4%	3%
Outros	295,1	291,5	296,2	297,9	303,0	1%	2%	38%
TOTAL	740,8	733,2	741,2	774,1	785,3	4%	1%	100%

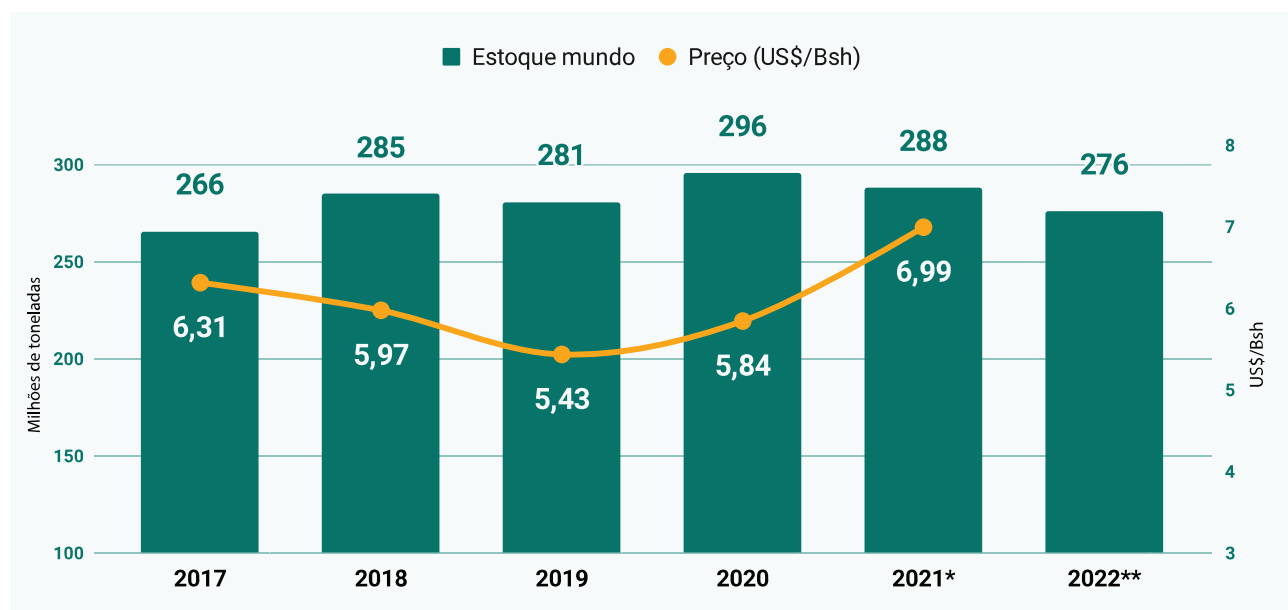
Fonte: USDA (Nov/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Em 2021, o crescimento mais acelerado do consumo cria um cenário de oferta e demanda globais praticamente idênticas, refletindo em retração dos estoques finais. O principal responsável por esta conjuntura deve ser a China, que detém mais da metade dos estoques de trigo do mundo e deve ter a primeira queda dos seus estoques finais desde 2013. Isso porque o governo chinês comprou volumes abundantes de trigo nos últimos anos e, em 2021, diante da valorização do preço doméstico do milho, aumentou significativamente as vendas deste estoque em leilões. Grande parte foi usada para rações, o que explica a demanda de trigo para ração na China ter mais que dobrado em relação a 2020. Menor estoques também nos Estados Unidos, diante da menor safra e necessidade de recorrer aos estoques para atender a demanda.

O preço do trigo na Bolsa de Chicago subiu em 2021, apesar do recorde global de produção. Os preços acham apoio na queda dos estoques, especialmente nos países exportadores, mas também pela maior procura ao redor do mundo, destacando as importações sem precedentes por parte da China, atingindo nível máximo dos últimos 25 anos.

Caso se confirme a conjuntura projetada para 2022 - de produção global praticamente estável e crescimento tímido do consumo - será necessário recorrer aos estoques para atender a demanda, o que irá configurar uma nova queda dos estoques globais. Destaque para os Estados Unidos, onde deve ocorrer a maior queda de estoques, reflexo da menor safra estimada.

Gráfico 49 - Comparação entre o estoque final mundial de trigo e o preço internacional



Fonte: USDA Nov/21) / CME Group - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Depois de enfrentar queda na produção em função de problemas climáticos na safra passada, a produção brasileira de trigo deve expandir 20% em 2021. A melhora no rendimento médio por hectare e o aumento da área, estimulando bons preços, são os fatores que devem contribuir para este resultado. O aumento da produção deverá refletir na queda no volume importado, apesar da adoção da política de isenção da tarifa de importação para países de fora do Mercosul no ano de 2020.

Apesar do aumento expressivo da produção, o menor estoque inicial e a expectativa de menores importações até o final do ano devem resultar em uma oferta timidamente superior à observada em 2020. Enquanto isso, apesar da queda do consumo interno, estima-se que a demanda deve crescer em ritmo mais acelerado que a oferta alavancada pelo aumento das exportações. Portanto, será necessário recorrer aos estoques a fim de atender a demanda crescente; estima-se que os estoques finais

brasileiros devam retrair mais de 40% até o final de 2021 em relação ao ano anterior. A queda dos estoques combinado com a desvalorização

cambial contribuíram para a valorização dos preços do trigo no mercado doméstico, conforme pode ser **analisado no gráfico 50**.

Tabela 22 - Fundamentos do mercado brasileiro de trigo, em milhões de toneladas

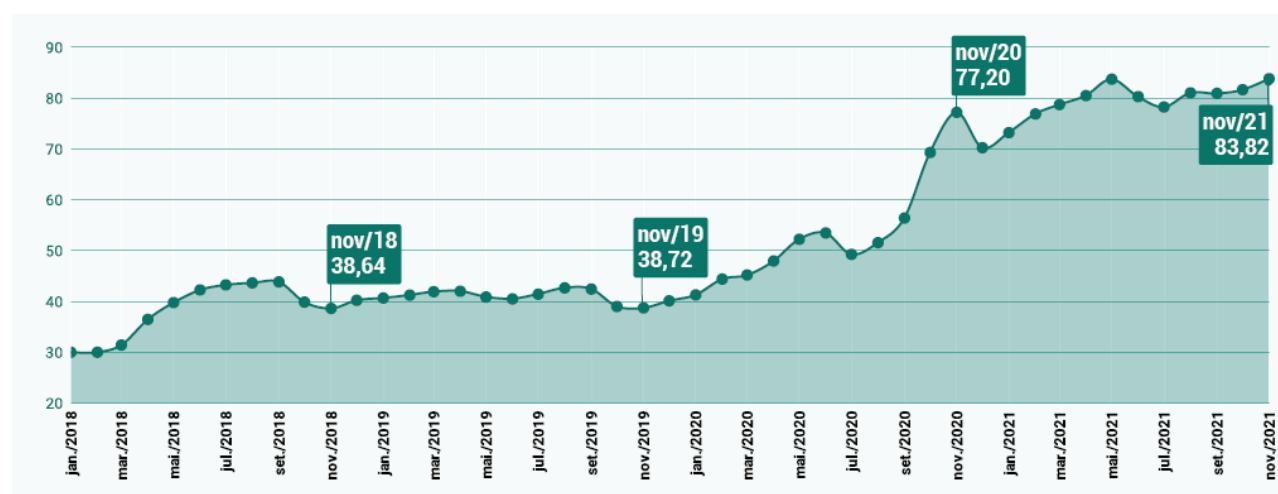
FUNDAMENTOS	2018	2019	2020	2021*	2022**	Var % 20/21	Var % 21/22
ÁREA COLHIDA (MILHÕES DE HA)	1,92	2,04	2,04	2,34	2,70	14,7%	15,4%
Estoque Inicial	2,26	1,31	1,06	0,76	0,43	-28,0%	-43,4%
Produção	4,26	5,43	5,20	6,25	7,90	20,2%	26,4%
Importação	7,02	7,02	7,03	6,40	6,50	-9,0%	1,6%
OFERTA TOTAL	13,54	13,76	13,29	13,41	14,83	0,9%	10,6%
Consumo Interno	12,00	12,10	12,10	12,05	12,60	-0,4%	4,6%
Exportação	0,23	0,60	0,43	0,93	1,30	117,6%	40,5%
DEMANDA TOTAL	12,23	12,70	12,53	12,98	13,90	3,6%	7,1%
ESTOQUE FINAL	1,31	1,06	0,76	0,43	0,93	-43,4%	116,0%
Estoque/Consumo	10,9%	8,7%	6,3%	4,2%	8,0%	-32,6%	89,2%

Fonte: USDA (Out/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

A área deve continuar aumentando em 2022, de acordo com as projeções do USDA. Atrelado a isto, espera-se um clima favorável possibilitando boas produtividades e uma nova expansão da safra brasileira de trigo. Caso este cenário se confirme, o Brasil deve atingir seu recorde de produção. Somase a maior da produção o aumento do volume importado, refletindo em oferta 10,6% superior.

Do lado da demanda, o consumo interno deve retomar o fôlego em 2022, principalmente em função do aumento do consumo para ração, que deve dobrar. As exportações devem continuar expandindo mesmo depois do forte aumento em 2021, ainda contando com os efeitos da desvalorização cambial.

Gráfico 50 - Preço do trigo em Passo Fundo/RS (R\$/60 kg)



Fonte: Broadcast · Elaboração: Sistema Farsul

Caso se confirme estas projeções para a safra 2021/22, os estoques brasileiros devem mais que dobrar e atingir 930 mil toneladas. Apesar da projeção de aumento do acúmulo de estoques, ainda assim os preços do trigo no mercado interno permanecem em patamares historicamente elevados. Ou seja, os fundamentos mostram que o preço tem espaço para ceder no ano que vem, mas a taxa de câmbio alta e o aumento da demanda interna e externa têm possibilitado a valorização dos preços. Com as informações que se tem atualmente, podemos esperar uma desaceleração do preço da saca de trigo no Rio Grande do Sul, mas ainda se mantendo em patamares altos.

1.4.5 Carne Bovina

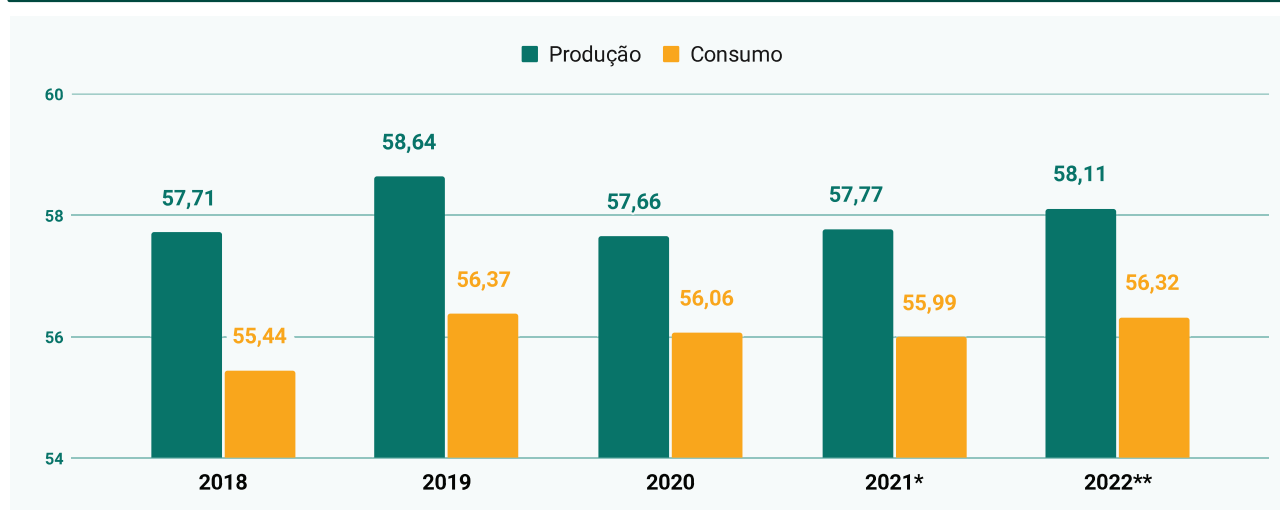
A produção global de carne bovina se manteve praticamente estável em 2021, com aumento de 0,2% em relação ao ano anterior. O aumento deve acontecer principalmente nos Estados Unidos, que deve contar com aumento do peso das carcaças e do volume de abates, e na China. Por outro lado, menores produções devem ser registradas no Brasil, Austrália e Argentina. No Brasil, a demanda interna fraca e com menores abates de gado até o final do ano, em relação a 2020. Na Austrália a produção deve ser a menor em 23 anos, visto que deve reduzir significativamente os abates com a intenção

de reconstruir seu rebanho nacional depois de anos de seca. Enquanto na Argentina, a medida de restrição às exportações – como tentativa de impulsionar o abastecimento doméstico e controlar a subida dos preços internos – deve desestimular o mercado.

No ano de 2021, o consumo global deve retrair 0,1% em relação a 2020, principalmente ancorada pelas menores demandas no Brasil e Argentina, países que viram os preços da carne bovina se valorizarem significativamente no decorrer do ano e que enfrentam momentos turbulentos deixados pela pandemia, apesar da retomada das atividades econômicas. Por outro lado, o consumo deve ser maior na China apesar da recessão global, o que deve refletir em aumento de 7,8% das importações chinesas de carne bovina, especialmente porque o país ainda se recupera da Febre Suína Africana que se instalou em 2018 e comprometeu o rebanho suíno, mas refletiu nos demais mercados de proteína animal.

O aumento da demanda chinesa e o enfraquecimento do Real frente ao Dólar Americano (moeda internacional), refletiram na expansão das exportações brasileiras de carne bovina. Estados Unidos também retomou o volume de exportação, depois de dois anos de quedas, sustentado pelo aumento da oferta e da vantagem competitiva em relação à Austrália, que abateu menos no decorrer do ano.

Gráfico 51 - Comparação entre produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)



Fonte: USDA (Out/21) - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

A produção global deve aumentar 0,6% em 2022 diante da expansão da oferta de bois prontos para abate, além da expectativa de maior produtividade. Os maiores aumentos devem acontecer principalmente no Brasil, China e Austrália, que devem mais que compensar a queda de 3,0% esperada para a produção dos Estados Unidos. No Brasil destaca-se a expectativa de aumento da produtividade diante da maior taxa de abatimento de machos, enquanto na Austrália se justifica pela melhora nas condições de pastagem depois das secas. A Índia, quinto maior produtor global, se destaca pela produção de búfalos e deve ter novo aumento de produção em 2022.

Depois do aumento das exportações em 2021, a projeção é de nova expansão, de 1,6%, em 2022. Com destaque para a retomada das exportações australianas diante da maior oferta. O Brasil também deve registrar nova expansão do volume exportado, resultado do aumento da oferta e da maior demanda dos seus principais mercados compradores. Na contramão, as exportações dos Estados Unidos devem retrair depois da significativa alta em 2021, refletindo a expectativa de menor produção. Dentre os importadores, mais uma vez o maior aumento deverá vir da China.

Tabela 23 – Produção e consumo de carne bovina por país, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)

	2018	2019	2020	2021*	2022**	Variação 20/21	Variação 21/22	Participação
PRODUÇÃO								
Estados Unidos	12,26	12,39	12,39	12,68	12,31	2,4%	-3,0%	21,2%
Brasil	9,90	10,20	10,10	9,50	9,70	-5,9%	2,1%	16,7%
China	6,44	6,67	6,72	6,83	7,00	1,6%	2,5%	12,0%
União Europeia	7,07	6,96	6,88	6,84	6,83	-0,6%	-0,1%	11,8%
Índia	4,24	4,27	3,76	4,10	4,25	9,0%	3,7%	7,3%
Argentina	3,05	3,13	3,17	3,05	3,02	-3,9%	-0,8%	5,2%
México	1,98	2,03	2,08	2,12	2,19	2,0%	3,3%	3,8%
Austrália	2,31	2,43	2,13	1,92	2,07	-9,9%	8,1%	3,6%
Outros	10,48	10,57	10,43	10,74	10,75	3,0%	0,1%	18,5%
TOTAL	57,72	58,64	57,66	57,78	58,12	0,2%	0,6%	100,0%
CONSUMO								
Estados Unidos	12,18	12,41	12,53	12,62	12,26	0,7%	-2,8%	21,8%
China	7,81	8,83	9,49	9,81	10,23	3,4%	4,3%	18,2%
Brasil	7,93	7,93	7,61	7,00	7,12	-8,0%	1,8%	12,6%
União Europeia	6,75	6,70	6,52	6,48	6,47	-0,7%	-0,1%	11,5%
Índia	2,73	2,78	2,48	2,55	2,65	3,0%	3,9%	4,7%
Argentina	2,57	2,38	2,37	2,33	2,35	-1,4%	0,6%	4,2%
México	1,90	1,90	1,90	1,99	2,02	4,8%	1,5%	3,6%
Rússia	1,79	1,76	1,71	1,66	1,62	-3,1%	-2,1%	2,9%
Outros	11,79	11,70	11,48	11,57	11,61	0,8%	0,4%	20,6%
TOTAL	55,45	56,38	56,07	55,99	56,33	-0,1%	0,6%	100,0%

Fonte: USDA (Out/21) - Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Conforme já mencionado anteriormente, a retração da economia brasileira em 2021 refletiu em menor consumo de carne bovina no país, que deve atingir o menor nível registrado desde 2005. Além da menor demanda interna, o número de abates deve ser menor em função da recomposição das matrizes, uma vez que em 2020 a relação entre fêmeas e machos abatidos foi reduzido; de acordo com o IBGE os abates tiveram retração de 7% nos dois primeiros trimestres do ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

De acordo com as expectativas do USDA, o volume de carne bovina exportada em 2021 deve expandir 1,4% em relação ao ano passado.

Entretanto, a Farsul acredita que dificilmente este cenário irá se confirmar. Isso porque as exportações brasileiras de carne bovina acumuladas entre janeiro e outubro de 2021 já são inferiores (-3,2%) que o exportado no mesmo período no ano passado. Essa queda foi reflexo, especialmente, da suspensão das importações chinesas a partir de setembro deste ano. **No gráfico 52**, é possível observar o impacto da interrupção das importações chinesas no preço do boi no Rio Grande do Sul, que já sofria influência do fraco desempenho do consumo interno. No final de novembro, a China retomou as importações de carne bovina brasileira, o que permitiu uma leve recuperação dos preços no Rio Grande do Sul.

Tabela 24 - Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas (peso equivalente carcaça)

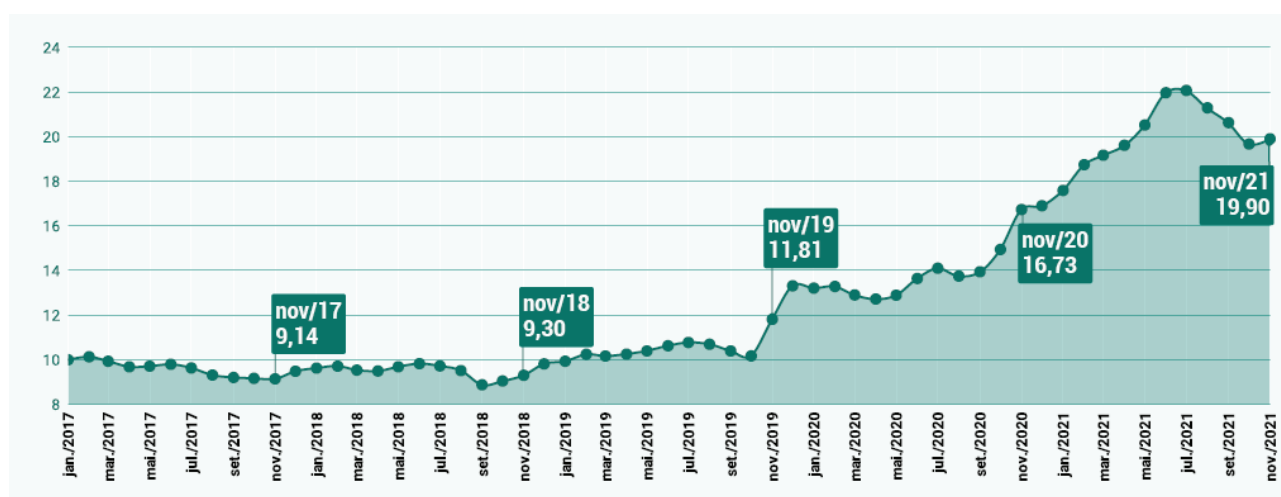
FUNDAMENTOS	2018	2019	2020	2021*	2022**	Varição 20/21	Varição 21/22
Produção	9,90	10,20	10,10	9,50	9,70	-5,9%	2,1%
Importação	0,05	0,04	0,05	0,07	0,08	50%	4%
OFERTA TOTAL	9,95	10,24	10,15	9,57	9,78	-6%	2%
Consumo	7,93	7,93	7,61	7,00	7,12	-8,0%	1,8%
Exportação	2,02	2,31	2,54	2,58	2,66	1,4%	3,1%
DEMANDA TOTAL	9,95	10,24	10,15	9,57	9,78	-6%	2%

Fonte: USDA (Out/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Em 2022, o USDA projeta para o mercado de carne bovina brasileiro a retomada do consumo interno e recorde das exportações, estimulando a produção. Entretanto, a Farsul não descarta a possibilidade de estabilidade do consumo interno, visto que projetamos baixo crescimento para o PIB brasileiro em 2022 (ver seção 2.0 – Conjuntura Econômica). Isso porque, caso a inflação mantenha a trajetória de alta no ano que vem, a renda média do brasileiro será pressionada ainda mais, o que pode continuar prejudicando o consumo interno. Portanto, caso venha a ter aumento da demanda total brasileira, é provável que venha do lado das exportações, uma vez que – ao que tudo indica neste momento – a taxa de câmbio deva permanecer em patamares elevados.

Se de um lado a retomada das exportações traz espaço para valorização dos preços, do outro a possibilidade de menor consumo interno pode dar espaço para redução dos preços. Portanto, o cenário ainda se encontra indefinido, dependendo de como estarão as condições de renda e consumo dos brasileiros e como será o desempenho das exportações para se ter um pouco mais de clareza para onde os preços devem caminhar no decorrer do ano que vem. É importante os produtores ficarem atentos aos indicadores econômicos que refletem diretamente no comportamento do mercado brasileiro de carne bovina, como inflação, desempenho, renda e taxa de câmbio.

Gráfico 52 - Preço médio do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça



Fonte: Cepea · Elaboração: Sistema Farsul

1.4.6 Leite Fluído

No mercado de leite fluído existe uma semelhança entre as quantidades ofertada e demandada em função da própria característica do produto, que impossibilita o estoque por longos períodos e pelo fluxo de comércio intenso. Logo, a produção geralmente surge como resposta à demanda doméstica por produtos lácteos e quaisquer variações nestes fundamentos refletem em impactos nos preços.

O maior produtor e consumidor mundial de leite é a Índia, sendo que pouco menos da metade da sua produção é composta por leite de vaca (46%) e a maior parte (52%) de leite de outros animais, bem diferente do que se observa na maioria dos países produtores ao redor do mundo. Em 2020, o aumento do consumo de produtos lácteos da Índia, apesar do ambiente global de instabilidade gerado pela pandemia da Covid-19, estimulou o aumento de 2,0% da produção no país.

Tabela 25 - Produção de leite fluído por país, em milhões de toneladas

PAÍS/REGIÃO	2017	2018	2019	2020	2021*	Varição 20/21	Participação
Índia	176,1	187,7	191,0	194,8	199,0	2,2%	30%
União Europeia	158,0	159,3	159,9	162,2	163,3	0,6%	25%
Estados Unidos	97,8	98,7	99,1	101,3	103,5	2,2%	16%
China	31,9	32,3	33,0	35,5	35,8	0,8%	5%
Rússia	30,0	30,4	31,2	31,7	31,8	0,5%	5%
Brasil	26,8	26,7	27,3	26,5	27,0	1,8%	4%
Nova Zelândia	21,5	22,0	21,9	22,0	22,4	1,9%	3%
México	12,3	12,5	12,8	12,9	13,0	0,8%	2%
Argentina	10,1	10,8	10,6	11,4	11,7	2,2%	2%
Canadá	9,7	9,9	9,9	10,0	10,0	0,3%	2%
Austrália	9,5	9,5	8,8	9,1	9,2	1,4%	1%
Ucrânia	10,5	10,3	9,9	9,2	8,7	-5,5%	1%
Outros	17,1	17,1	17,2	17,7	17,9	1,1%	3%
TOTAL	611,1	627,2	632,6	644,2	653,2	1,4%	100%

Fonte: USDA (Jul/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Em 2021, a produção global deve ser maior, com importantes incrementos na produção da Índia e dos Estados Unidos, alavancados pelo consumo interno. Dentre os principais exportadores, a produção deve crescer estimulada pela maior demanda de importação de produtos lácteos por parte do mercado chinês, que estimula preços em patamares elevados, melhorando as margens apesar da alta dos preços da ração no mercado internacional.

Na União Europeia, maior exportador, apesar da queda do rebanho leiteiro, a produção deve ser maior diante da expectativa de incrementos na produtividade por vaca. Na Austrália o cenário deve ser semelhante, produção será superior em 2021 apesar do menor rebanho, em função das melhores produtividades, reflexo das boas condições de pasto; a redução do rebanho é consequência da retração da produção leiteira em prol da pecuária de corte.

Tabela 26 - Consumo de leite fluído por país, em milhões de toneladas

PAÍS/REGIÃO	2017	2018	2019	2020	2021*	Varição 20/21	Participação
Índia	176,1	187,7	191,0	194,8	199,0	2,2%	30%
União Europeia	157,2	158,5	159,0	161,2	162,0	0,5%	25%
Estados Unidos	97,7	98,6	99,0	101,1	103,4	2,2%	16%
China	32,5	32,9	33,8	36,5	37,2	1,8%	6%
Rússia	30,3	30,6	31,4	31,9	32,0	0,4%	5%
Brasil	26,8	26,7	27,3	26,5	27,0	1,8%	4%
Nova Zelândia	21,3	21,8	21,6	21,7	22,1	1,9%	3%
México	12,3	12,6	12,8	12,9	13,0	0,7%	2%
Argentina	10,1	10,8	10,6	11,4	11,7	2,2%	2%
Canadá	9,7	10,0	9,9	10,0	10,0	0,3%	2%
Austrália	9,3	9,2	8,6	8,8	8,9	0,7%	1%
Ucrânia	10,5	10,3	9,8	9,2	8,7	-5,3%	1%
Outros	17,0	17,0	17,2	17,7	17,9	1,1%	3%
TOTAL	610,6	626,7	632,1	643,8	652,9	1,4%	100%

Fonte: USDA (Jul/21) · Elaboração: Sistema Farsul (*) Estimativa USDA (**) Projeção USDA

Na Argentina, o USDA estima crescimento da produção em 2021 em função dos bons desempenhos observados na primeira metade do ano. No entanto, a segunda metade do ano deve ser mais moderada, uma vez que os produtores vizinhos enfrentam incertezas no campo da economia. Durante o ano, o governo argentino impôs uma série de controles no mercado de produtos lácteos com o objetivo de controlar a inflação dos preços dos alimentos. Consequentemente, o controle de preços e o desestímulo à exportação dos produtos lácteos em conjunto com os elevados custos de produção no país, apontam para estreitamento

das margens dos produtores.

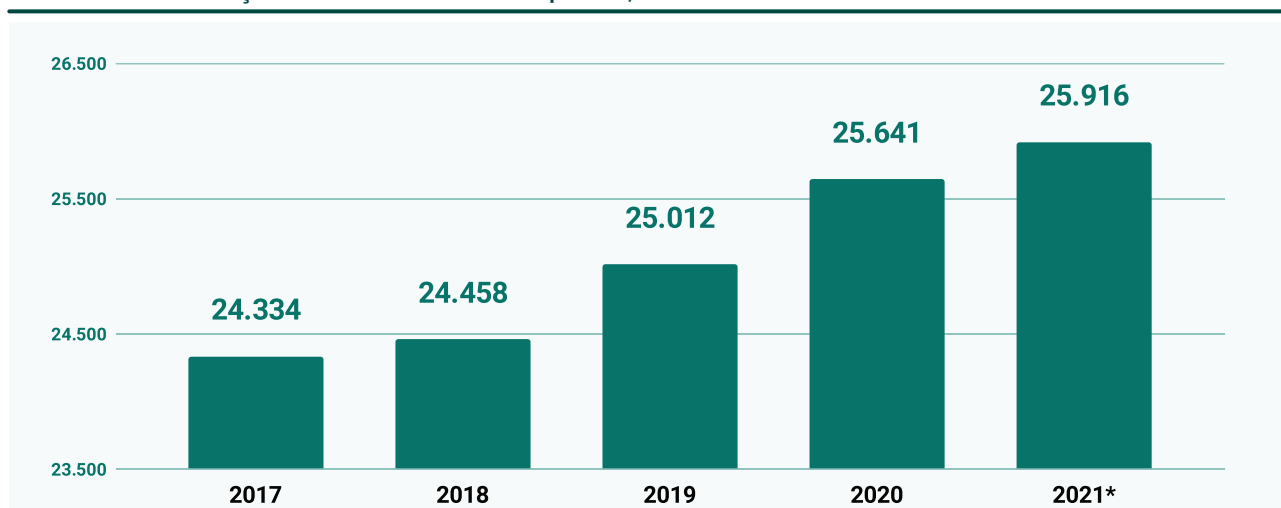
O mercado brasileiro de leite e derivados é extremamente sensível ao ambiente econômico interno. Desemprego alto, queda da renda das famílias e aumento da inflação são fatores que resultam na retração do mercado consumidor destes produtos que, por sua vez, refletem em menor produção.

Conforme ilustra **o gráfico a seguir**, a produção de leite no Brasil vinha em trajetória de crescimento até a crise econômica em 2015 e 2016, quando começou a cair desestimulada

pela queda do consumo interno. Nos anos posteriores, observamos lenta recuperação da

economia, o que permitiu a retomada gradual do mercado de lácteos.

Gráfico 53 - Produção brasileira de leite adquirido, em milhões de litros

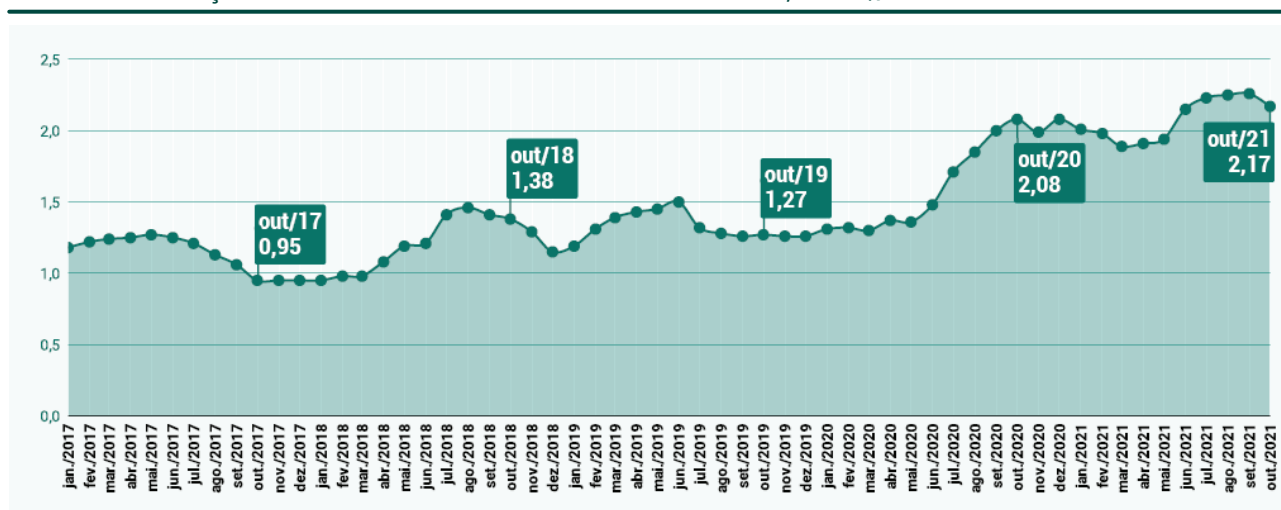


Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE (*) Projeção Sistema Farsul

Em 2020, mesmo diante das dificuldades econômicas trazidas pela pandemia, de acordo com os dados do USDA o consumo de leite fluído e derivados ampliou. Isso porque a ajuda prestada às famílias mais vulneráveis através do Auxílio Emergencial possibilitou

o aumento da demanda por uma série de produtos alimentícios, apesar do cenário adverso. Este aumento de consumo permitiu a valorização do preço do leite ao produtor no Rio Grande do Sul, conforme ilustra o **gráfico na sequência.**

Gráfico 54 - Preço médio mensal do leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros



Fonte: Cepea;Esalq

A elevação dos preços no decorrer dos últimos anos permitiu um dos maiores preços já observado no mercado gaúcho, que no ano passado já ultrapassava o patamar de R\$ 2,0/litro e no momento atinge a média R\$ 2,17/litro. Este movimento estimulou aumento da produção em 2020 e deve também refletir em produção timidamente maior em 2021.

Infelizmente, apesar dos preços se encontrarem em

patamares elevados em relação ao mesmo período do ano anterior - que já foi um ano de alta -, nos últimos dias já apresentam viés de queda. Além do mais, o produtor de leite se encontra pressionado pelos elevados custos de produção e provavelmente terá margens mais apertadas em 2021. A Farsul alerta que novos produtores podem vir a desistir da atividade no ano que vem diante destas dificuldades apontadas.



2.

Conjuntura econômica

Por Antônio da Luz

A análise de conjuntura econômica realizada pelos economistas da entidade baseia-se na leitura dos dados atuais. Nossas projeções e perspectivas são construídas a partir destes dados, podendo, portanto, serem alteradas de acordo com a dinâmica da economia e da sociedade.

2.1 Economia brasileira

É uma tarefa e tanto definir o ano de 2021 quando se tenta revê-lo sob uma perspectiva econômica. De um lado, temos o avanço da vacinação, que foi sem dúvidas um dos maiores feitos da ciência e da humanidade de todos os tempos, uma vez que foi possível interromper um ciclo crescente de contaminados e mortos através da cadeia de eventos composta por: criação da vacina, produção em massa e distribuição. Um feito que irá nos orgulhar todas as vezes que olharmos para trás. Mas não foram apenas pessoas físicas salvas física e mentalmente; tivemos também o resgate de um incontável número de pessoas jurídicas que sobreviveram, mas que não sobreviveriam caso não houvesse uma retomada mais segura da circulação de pessoas. Isso não quer dizer, em absoluto, que concordamos com as medidas de distanciamento tal qual foram definidas, inclusive já manifestamos nossa opinião sobre elas no relatório anterior, mas é fato que a vacinação deixou esse debate no passado.

Sob essa perspectiva, o ano de 2021 foi muito bom para a economia e deveremos ter um crescimento significativo, recuperando do tombo do ano passado, ainda que o resultado do biênio – se houver - será pequeno...

Entretanto, essa não é a única perspectiva possível para se observar o ano de 2021. Primeiro lugar, vivemos uma “ressaca” violenta das medidas de estímulo adotadas no Brasil e no mundo em 2020. Por aqui, os efeitos do Auxílio Emergencial, Pronamp, Auxílio à Estados e Municípios, BEM, aumento dos meios de pagamento (M1), repasse ao Tesouro Nacional do criado “lucro contábil das Reservas Internacionais”, entre outras medidas menores, salvaram o país de uma queda no ano passado – o FMI projetava no início da pandemia queda de -9,5% - que poderia danificar com contundência o tecido econômico do país, fazendo que mergulhássemos em uma depressão econômica que perduraria

por muito tempo. Mas, por outro lado, tais medidas nos deixaram como efeito colateral uma inflação galopante - como não se via desde 2015 – e um desequilíbrio fiscal sem precedentes desde a estabilização econômica em 1995, com recrudescimento do endividamento e prognóstico sombrio para o direcionamento de recursos orçamentários para o serviço da dívida em um cenário onde o endividamento e juros estão mais elevados.

E não será nada fácil lidar com essa situação. Quando há uma conjugação de fatores como baixo crescimento – que é o que esperamos para 2022 - e inflação alta, as saídas são todas de médio e longo prazos e os remédios costumam ser impopulares. O próprio aumento da taxa de juros (Selic) é uma medida que precisa ser tomada, de forma a trazer a inflação novamente para convergência com a meta do Banco Central, mas a desejável contração da base monetária causada pelo ciclo de elevação da Selic torna mais difícil o crescimento econômico, mas não tem jeito... Não trazer a inflação para convergência das metas significará ter forte crescimento nominal e baixo ou nenhum real, será pura ilusão. Trazer para convergência traz baixa atividade no curto prazo, mas crescimento consistente nos médios e longo prazos, mas o problema é o meio político ter maturidade e paciência para tomar medidas amargas de curto prazo para gerar benefícios lá na frente, sobretudo em ano eleitoral, onde o cálculo político se sobrepõe as necessidades da economia e as frases de efeito ganham luz e voz.

O fato é que o Brasil precisa, definitivamente, acelerar em uma agenda de reformas estruturais de modo a crescer mais e com maior rapidez a atividade econômica, para que esta se mova na direção oposta dos problemas fiscais que o governo enfrenta e enfrentará nos próximos anos.

Para que haja um melhor enfrentamento dos desafios do setor público, indispensável se faz uma dissociação de agendas, de modo que o setor privado, o lado real da economia, aquele que gera atividade econômica, e através dela arrecadação de impostos, possa ter maior leveza, competitividade e produtividade.

Sei que nossos leitores devem estar com uma sensação de “déjà vu”, com sentimento de já ter lido essas recomendações por aqui em anos anteriores. Não, não é impressão sua, pois de fato há bastante tempo cobramos dos governos reformas estruturais que não são prioridades, que não são simpáticas, que são como “enterrar canos”, onde não há ganhos políticos imediatos a tempo de serem colhidos no certame eleitoral, mas que são o único caminho para crescimento e o desenvolvimento econômico sustentado.

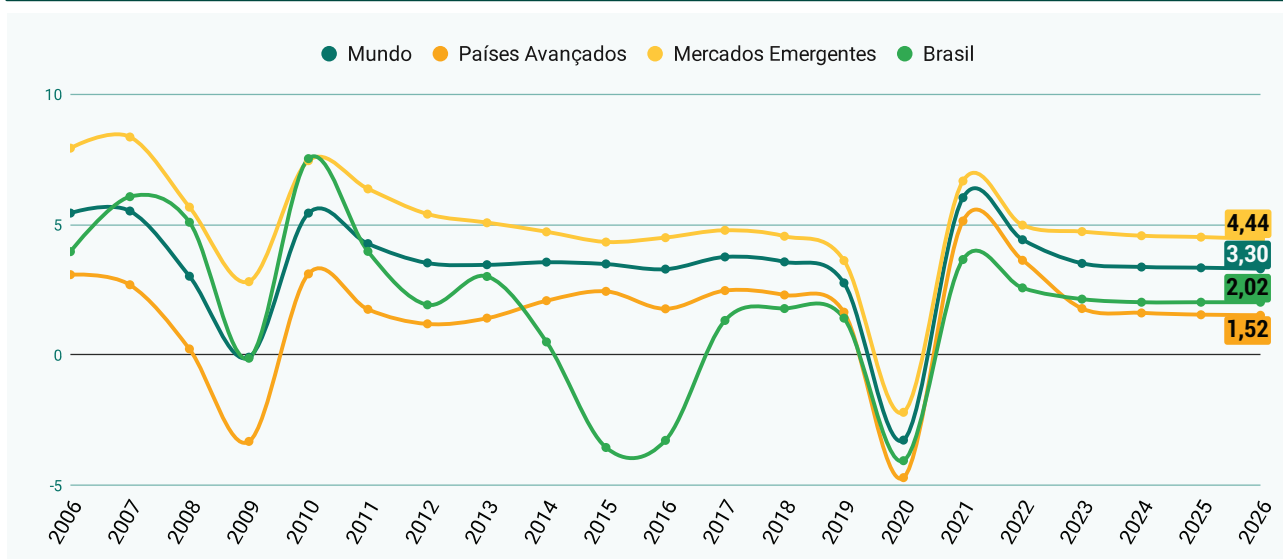
2.1.1 Economia brasileira no contexto mundial

De acordo com o mais recente levantamento do FMI, o mundo deve apresentar uma “recuperação em V” e voltar a crescer no ritmo anterior à pandemia quando observa-se um horizonte até 2026. Se para o mundo, de forma geral, isso é uma ótima expectativa (com a qual não concordamos), para o Brasil não é.

Nosso país é emergente e, portanto, deveria performar como tal. Entretanto, não é isso que vemos, ao contrário, assistimos a uma baixa taxa de crescimento que nos empobrece relativamente as demais nações.

Sendo assim, recuperar os níveis anteriores não nos basta, pois precisamos é sim ter crescimento econômico superior à média mundial, pois é isso que se espera de um emergente: crescer acima da média.

Gráfico 55 - Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)



Fonte: FMI/ World Economic Outlook - April 2021

Nossa discordância das perspectivas do FMI pode ser decorrente da data em que escrevemos esse relatório versus o mês (abril) em que elas foram divulgadas. O fato é que temos um pensamento distinto nesse momento quanto ao crescimento e recuperação mundial a qual devemos compartilhar.

Em primeiro lugar, a gradual, mas consistente retirada dos estímulos monetários que estão superaquecendo a inflação global, sobretudo aquela vinda dos Estados Unidos, deve causar um enfraquecimento do crescimento econômico. Além do mais, dependendo da persistência da inflação frente a retirada dos estímulos pode trazer uma reavaliação dos

juros em economias desenvolvidas, podendo antecipar movimentos contracionistas que podem desacelerar ainda mais o crescimento em 2022 e 2023 e elevar ainda mais a taxa de câmbio.

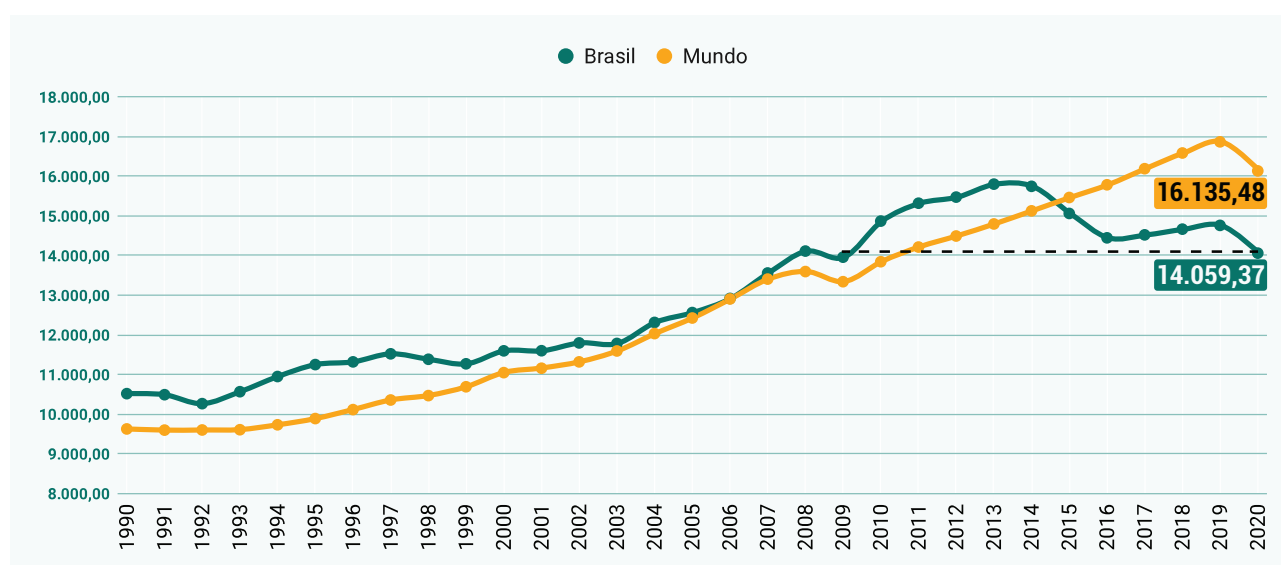
Em segundo lugar, uma crise energética de grandes proporções pode ocorrer na Europa e na Ásia em 2022. Várias são as razões, mas são puxadas pela falta de investimento em extração e refino do petróleo, atendendo demandas radicais de grupos de ambientalistas em torno da Governança ambiental, social e corporativa⁵ (ESG, *Environmental, social and corporate governance*). Essas demandas são responsáveis pelo forte aumento do petróleo, do gás natural e até mesmo – pasme! – do carvão, já que este tem sido a solução imediata para que não haja colapso nos sistemas, sobretudo asiáticos.

Em terceiro e último, existem graves desconexões no comércio global, com escassez de equipamentos para o transporte, sejam navios, espaços de embarque e desembarque nos portos mundiais ou containers.

Diante desses três vetores de grandes preocupações entendemos que há chances concretas – nunca definitivas – de ao contrário das perspectivas preliminares positivas para o crescimento mundial, termos uma reversão de expectativas e, ao contrário, um baixo crescimento ou até recessão temporária.

Do ponto de vista da renda per capita, o peso do baixo crescimento brasileiro de forma estrutural, que foi agravado pelo fato de termos tido duas décadas perdidas nas últimas quatro, com especial atenção para esta última.

Gráfico 56 - Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2017)



Fonte: World Bank / Outubro de 2021

Como fica claro no **gráfico anterior**, desde 2014 a renda per capita no Brasil está em queda e desde 2015 a renda do brasileiro foi superada pela média mundial.

Isso significa dizer que, infelizmente, se fossemos dividir o mundo em apenas dois grupos, ricos e pobres, o Brasil

estaria entre os pobres, uma vez que não consegue crescer o suficiente para sequer acompanhar a média mundial. Além do mais, a renda do brasileiro esteve em 2020 em termos reais o equivalente ao que era entre 2009 e 2010, ou seja, paramos pelo menos 11 anos no tempo em termos de renda per capita.

⁵ Environmental, social and corporate governance (ESG) é uma avaliação da consciência coletiva de uma empresa em relação aos fatores sociais e ambientais.

Para nós, nada é mais revelador da necessidade de se fazer reformas estruturais importantes do que essa relação, pois deixa claro que nossa burocracia, ambiente de negócios tóxico, intromissão e atropelo de instituições, órgãos dos Poderes Executivo e Judiciário no regramento da produção, sem o devido processo parlamentar nas três esferas, entre outros aspectos, está empobrecendo o país, ceifando o desenvolvimento econômico de gerações de brasileiros.

2.1.2 Economia brasileira pela ótica da oferta

A falta de tração da economia brasileira relatada na comparação mundial também

se revela, como nem poderia deixar de ser, nos dados do PIB. No entanto, a avaliação trimestral como mostraremos a seguir pode gerar no leitor uma sensação de períodos de crescimentos interessantes, mas que em sua maioria não passam de recuperações de quedas fortes ou “voos de galinha”. No ano de 2021, a condição de crescimento se repete e deveremos ter forte crescimento, mas em virtude das significativas quedas trimestrais experimentadas no ano passado, decorrentes dos efeitos perversos da pandemia em nossa economia.

Nossa projeção para o PIB Brasil em 2021 é de 4,26% e para 2022 nossa projeção é de crescimento 0,31%.

Gráfico 57 - PIB do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



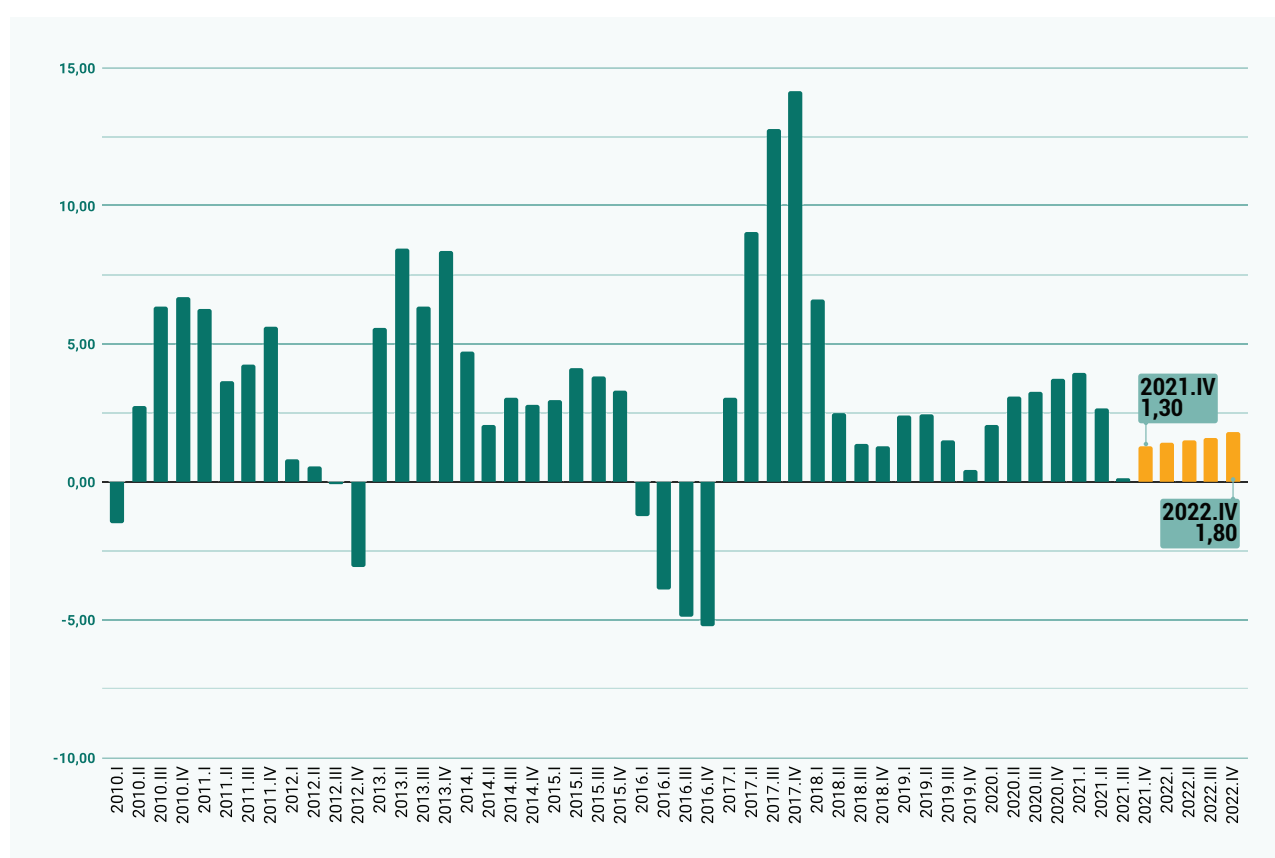
SCNT/IBGE (Até 2021.III); Farsul (Projeções de 2021.IV até 2022.IV)

2.1.2.1 Setor Agropecuário

Estimulados por sucessivos recordes de safra, o Setor Agropecuário vem performando com uma linha média de crescimento bem acima do resultado total de economia, com exceção, evidentemente, para períodos de problemas decorrentes de fatores climatológicos, como foi o caso presente de 2021. Neste ano a sociedade em geral

acompanhou mais de perto a escassez de chuvas, uma vez que os reservatórios destinados à produção de energia elétrica estão em baixa e as faturas chegam mensalmente para lembrar que não choveu o suficiente. De certo modo, as pessoas passam a experimentar a sensação a qual os produtores estão acostumados, que é ver o dinheiro ir embora à medida que as chuvas não vêm.

Gráfico 58 - PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: SCNT/IBGE (Até 2021.III); Farsul (Projeções de 2021.IV até 2022.IV)

A safra de grãos nesse ano deve ser menor em 1,3% por conta das perdas, onde o milho produzido na segunda safra de longe teve a maior perda absoluta, redução superior a 16 milhões de toneladas. Também foram severamente afetadas a produção de café, feijão e algodão herbáceo. Fora do grupo grãos, mas não menos importantes, são as perdas na produção de cana-de-açúcar, com uma queda de 7,3% e frutas como a laranja, que perdeu 13,8% a mais do que no ano anterior.

Como no conjunto da produção outras culturas avançaram, caso da soja, e pela compensação dos preços, o faturamento do setor será crescente e o resultado ainda será bom. Não tão bom o quanto

poderia, ou o quanto os produtores tentaram, mas ainda assim será bom.

Nossa projeção para o PIB Agropecuário em 2021 é de 1,30% e para 2022 nossa projeção é de crescimento 1,80%.

2.1.2.2 Setor Industrial

O setor industrial exibe até o terceiro trimestre de 2021, período do qual dispomos de dados já divulgados pelo IBGE, uma robusta recuperação dos piores momentos atravessados pelo setor durante a pandemia vividos no meio do ano anterior.

Nossa projeção para o PIB Industrial em 2021 é de 4,40% e para 2022 nossa projeção é de crescimento de 0,30%.

Gráfico 59 - PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

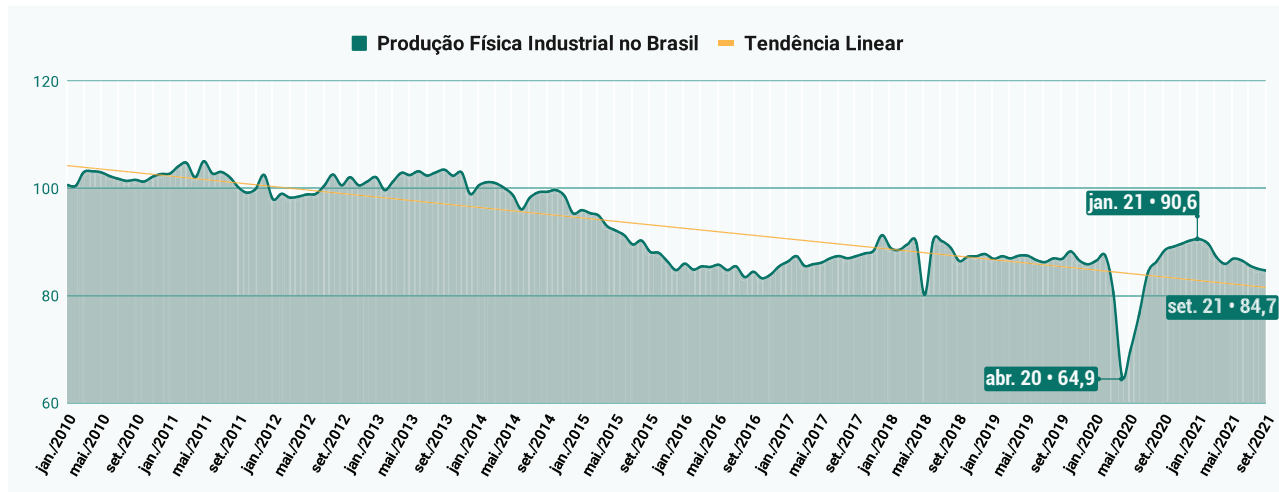


Fonte: SCNT/IBGE (Até 2021.III); Farsul (Projeções de 2021.IV até 2022.IV)

No entanto, conforme os dados da PIM, cujo gráfico expomos na sequência, há uma desaceleração da atividade industrial onde os resultados do terceiro trimestre são piores do que os do ano anterior e, pelo que tudo indica, os do último trimestre também serão mais

fracos. Isso significa que o forte crescimento do primeiro semestre não deve ser repetido no segundo, retirando potencial de crescimento desse setor que precisa muito crescer para inverter a tendência de longo prazo que é claramente baixista.

Gráfico 60 - Produção Física Industrial, em Índice de base fixa (100 = média 2012) com ajuste sazonal

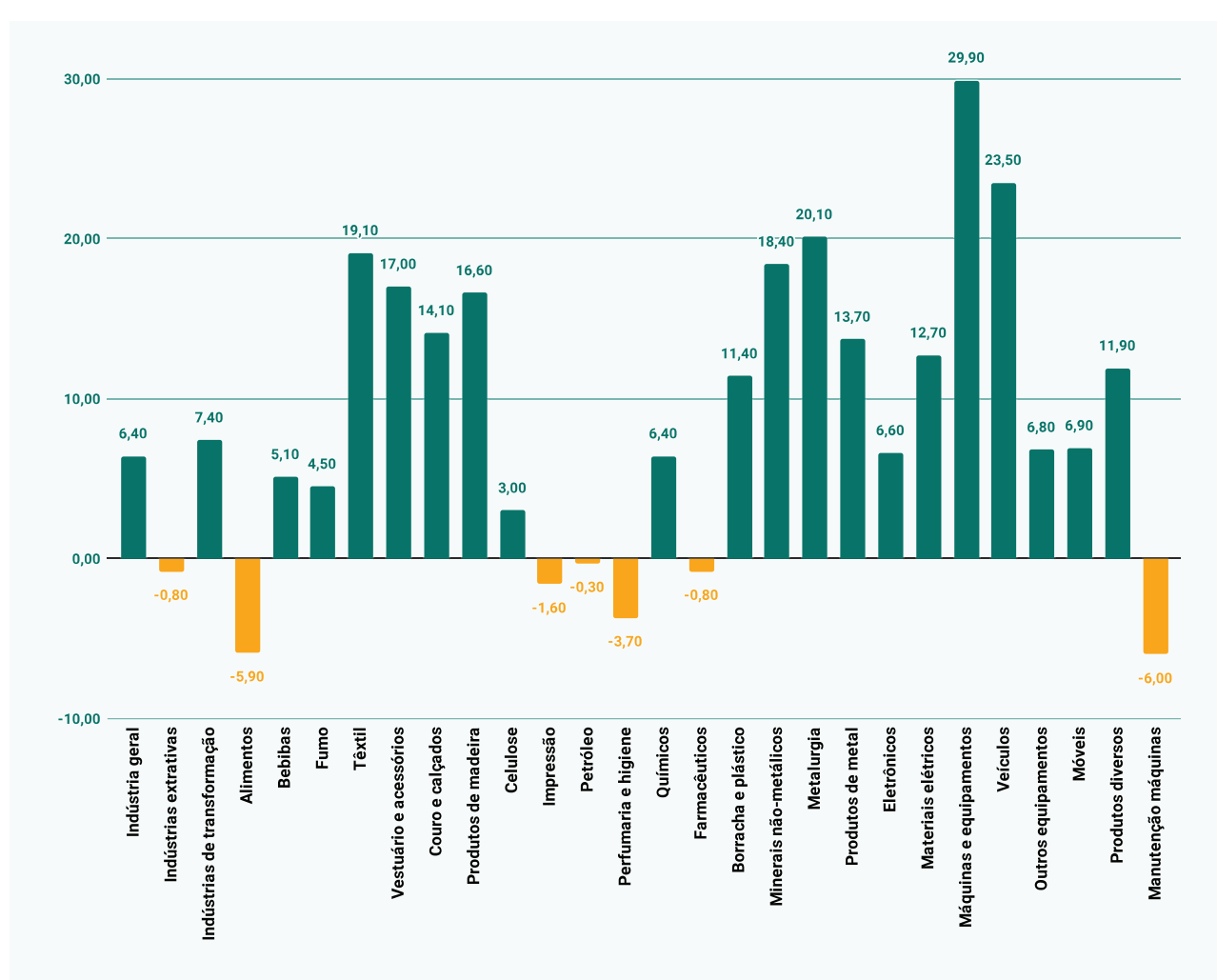


Fonte: PIM-PF / IBGE (Set/21)

Conforme podemos ver no gráfico a seguir, ainda que alguns segmentos industriais estejam com resultados de suas atividades bem superiores no acumulado em 12 meses na comparação com igual período do ano passado, outros tantos, como perfumaria ou manutenção de máquinas, sequer se recuperaram. O segmento alimentos, que

exibe queda, ainda que pressões inflacionárias possam estar afetando a sua atividade, o principal fator é a base de comparação, já que no ano passado houve forte crescimento puxado pelas medidas de estímulo adotadas pelo Governo Federal, em especial o Auxílio Emergencial.

Gráfico 61 - Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)



Fonte: PIM-PF / IBGE (set/21)

Nossa maior preocupação com o setor industrial em 2022 é que justamente segmentos importantes para o volume de produção e que exibem crescimento em 2021, como é o caso de veículos e máquinas e equipamentos, tendem a ser os segmentos mais afetados em 2022 por fatores exógenos, como a falta de componentes importados, tanto em razão dos problemas de produção nos seus países de origem quanto pelas grandes dificuldades de logística internacional, sobretudo no Hemisfério Sul do planeta. As questões logísticas poderão ser determinantes para o desempenho da indústria em 2022 e, por tudo o que temos acompanhado, tais dificuldades deverão recrudescer no próximo ano e os primeiros

sinais de melhoras de que se tem hoje estão no radar apenas de 2023. Sendo assim, nossa perspectiva para o setor é negativa para o próximo ano.

2.1.2.3 Setor de Serviços

O Setor de Serviços é o maior da economia e seu desempenho está intimamente atrelado ao resultado do PIB. Devido ao seu tamanho, número de empresas que o compõe e heterogeneidade, flutuações muito fortes não são esperadas, entretanto, este foi um setor que sofreu de forma muito intensa os efeitos da pandemia, uma vez que as medidas de distanciamento acarretaram o fechamento por longos períodos de segmentos inteiros pertencentes a esse setor.

Gráfico 62 - PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



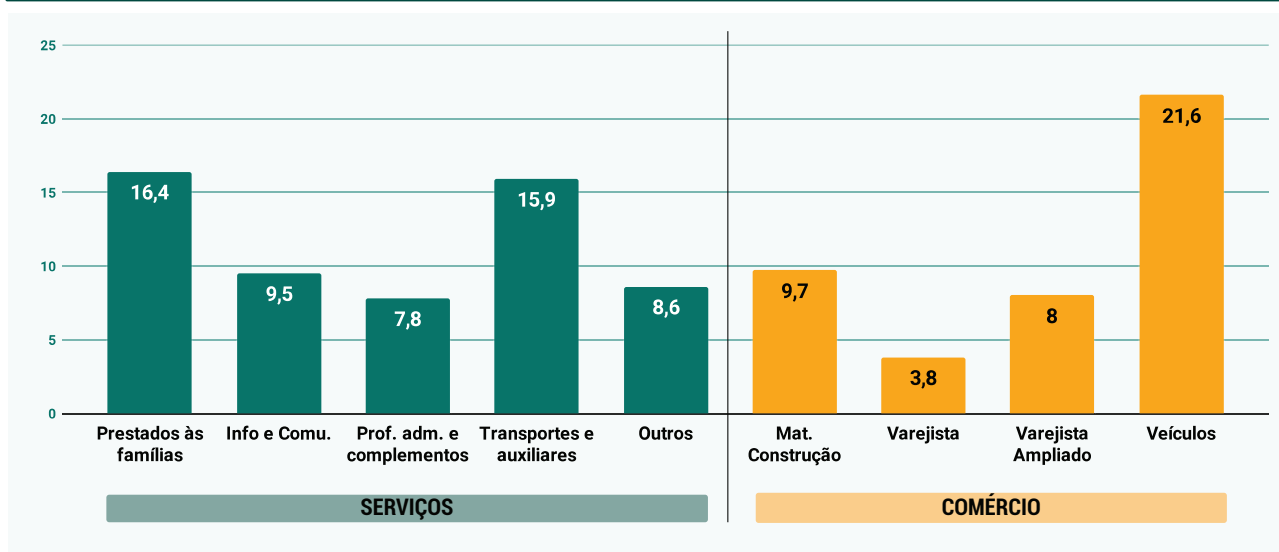
FFonte: SCNT/IBGE (Até 2021.III); Farsul (Projeções de 2021.IV até 2022.IV)

Conforme vemos no gráfico anterior, esse setor mergulhou em profunda e duradoura recessão, se comparada a sua recuperação com os demais setores que costumam sofrer maiores flutuações. Em razão da retomada – mesmo que não total – dos hábitos econômicos pré-pandemia bem como pela própria base fraca de comparação, é natural que nesse ano os Serviços tenham resultados de expressivo crescimento, mas que não devem ser sustentados e já em 2022 deveremos ver novos resultados insatisfatórios para o crescimento deste setor, já que o cenário de inflação alta, juros altos e enfraquecimento da confiança do

consumidor deverá servir como barreira para o crescimento.

O gráfico a seguir, além de demonstrar a forte retomada dos serviços e comércio com a retomada, também nos permite uma leitura quanto a heterogeneidade dos impactos-retomada, já que segmentos considerados essenciais ou que conseguem manter as entregas em sistema de trabalho home office crescem menos porque também caíram menos, enquanto os considerados não essenciais tendem a crescer mais pelo efeito da base de comparação.

Gráfico 63 - Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%)



Fonte: PMC/IBGE e PMS/IBGE (set/21)

Nossa projeção para o PIB de Serviços em 2021 é de 4,20% e para 2022 nossa projeção é de leve crescimento de 0,20%.

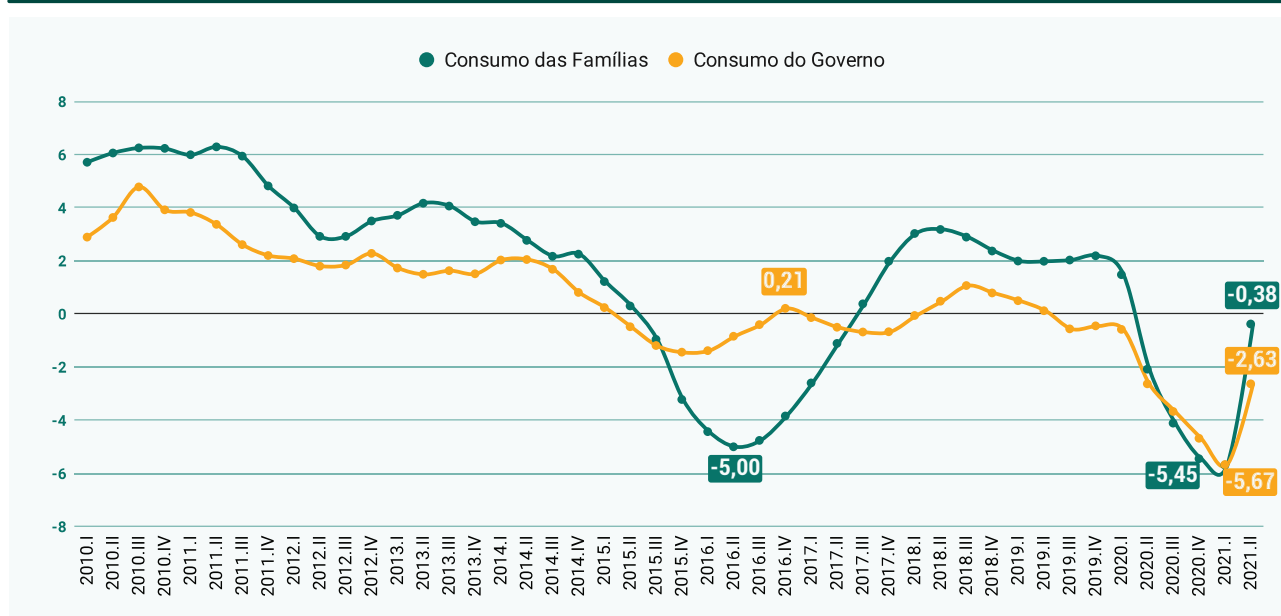
2.1.3 Economia brasileira pela ótica do dispêndio

O olhar da economia pela ótica do dispêndio nos permite enxergá-la não através de seus setores, mas do consumo – que é a maior parte do PIB – do investimento e das transações comerciais com outros países.

2.1.3.1 Desempenho do Consumo das Famílias e do Governo

Como dito anteriormente, a maior parte do PIB brasileiro quando olhado pela ótica do dispêndio é formado pelo consumo, tanto das famílias, que é a maior parte, quanto do governo. Como podemos ver no gráfico a seguir, apesar da retomada em “v” do consumo, a queda acumulada ao final de 2020 foi tão forte – seja o consumo das famílias quanto do governo – que passados dois trimestres de 2021 (esta parte do relatório foi escrita no final de novembro e até esse momento são os dados disponíveis pelo IBGE) e ainda ambos estão no terreno negativo.

Gráfico 64 - Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



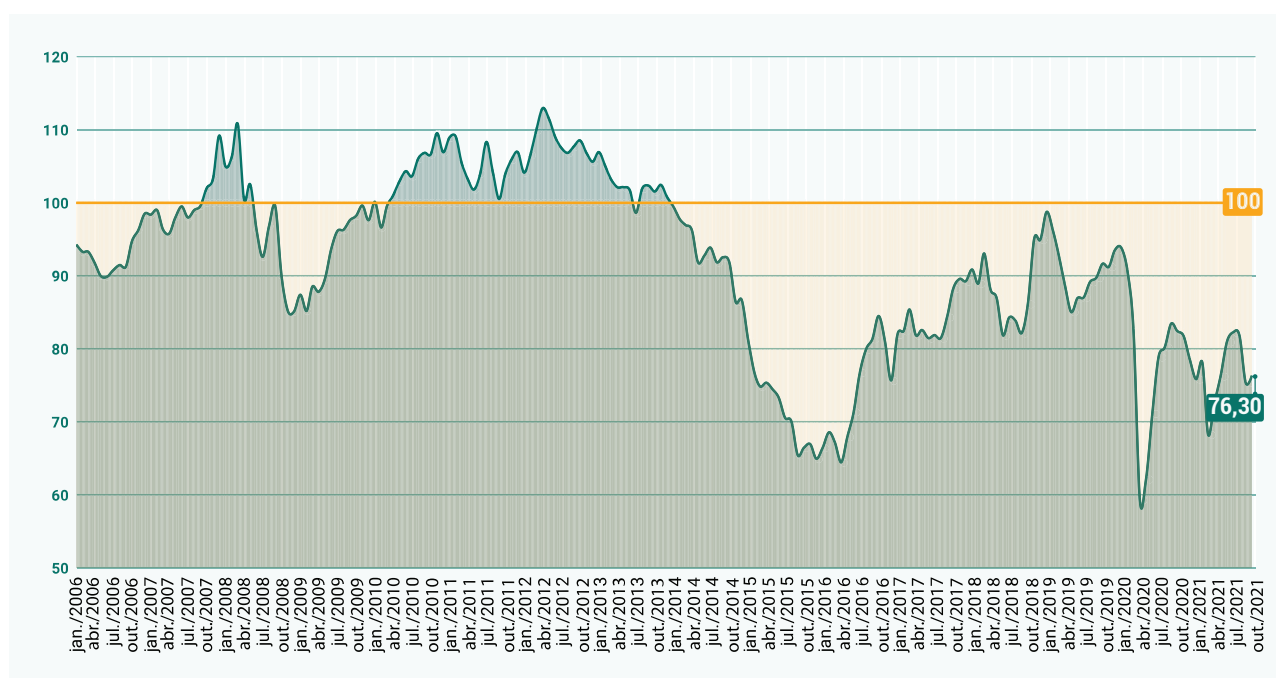
Fonte: SCNT - IBGE / 2021.II

O resultado ruim do consumo das famílias pode ser parcialmente explicado pelo mau desempenho da confiança do consumidor, apresentada no gráfico seguinte. Sabemos que quando o indicador de confiança está acima de 100, dizemos que o consumidor está confiante, enquanto abaixo está não confiante. Se olharmos os dois gráficos simultaneamente – do consumo das famílias e da confiança do consumidor – notamos que mesmo visualmente eles são correlacionados⁶,

onde a desconfiança antecipa queda no consumo enquanto a confiança antecipa o seu aumento. Vimos isso na crise causada pela tentativa de impor uma “Nova Matriz Econômica” cuja queda da confiança no início de 2014 afundou o consumo das famílias, ao passo que a retomada no início de 2016 a elevou na sequência. Movimento análogo foi registrado no início da pandemia, que derrubou a confiança e o consumo despencou logo em seguida.

⁶ É evidente que não restringimos nossa análise a comparações visuais, devido ao risco de erros como de correlação espúria, por exemplo. Construímos modelos consistentes para fazer essas afirmações, os quais não trazemos ao relatório pela proposta de ter caráter informativo e não um “paper” acadêmico. O mesmo vale para as comparações entre investimento e confiança do empresário. Quem desejar conhecer nossos modelos e avaliar a consistência, pode entrar em contato com a Assessoria Econômica.

Gráfico 65 - Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC), com ajuste sazonal



Fonte: FGV/IBRE (Out/21)

Conhecendo esse comportamento fica evidente que um nível de 76,30, como registrado em outubro de 2021, atua como uma “âncora” para o crescimento do consumo e que, por sua vez, é um grave limitante para o crescimento econômico em 2022. A confiança do consumidor melhora quando ele tem a sensação de que a economia irá melhorar, que a empregabilidade irá aumentar, que a inflação e juros ficarão sob controle etc. Este cenário o incentiva a consumir mais e sua disposição a assumir dívidas aumenta. Definitivamente, neste momento em que esse relatório é escrito, não nos parece que haja essa sensação como perspectiva de forma dominante na sociedade e muito menos entre nós, economistas.

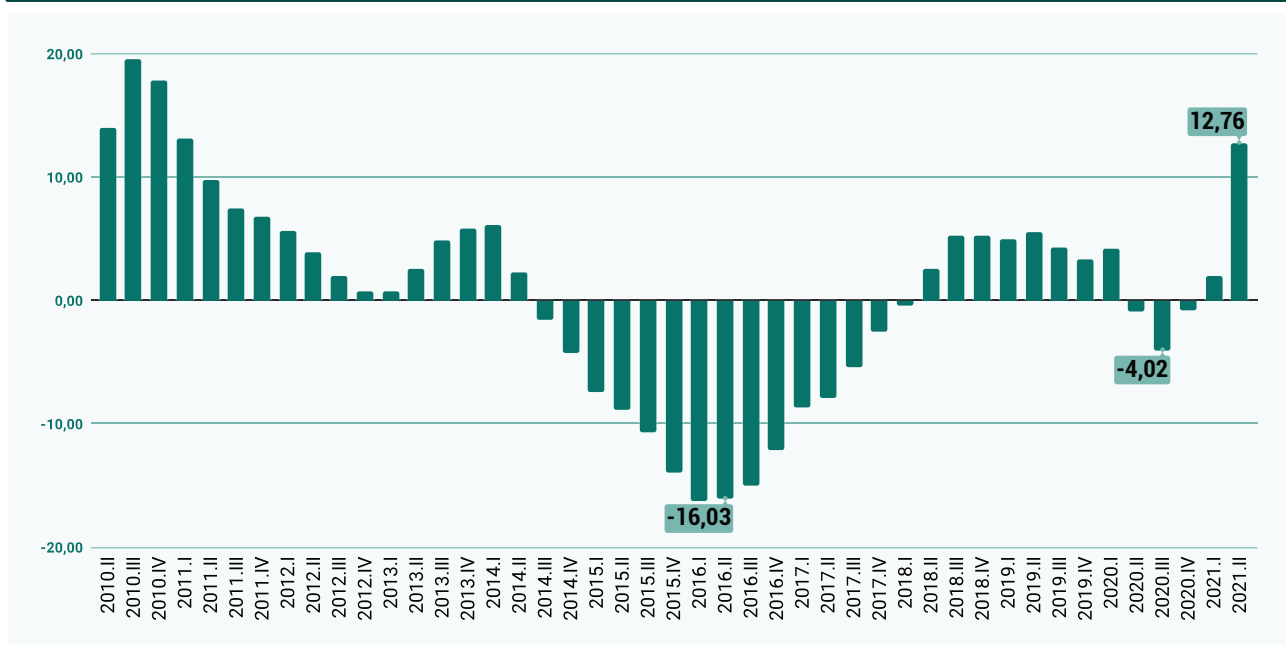
2.1.3.2 Desempenho dos Investimentos (via Formação Bruta de Capital Fixo)

Embora os investimentos não tenham o peso do consumo no crescimento

econômico isso não faz deles menos importantes, pois não somente seus impactos são sentidos imediatamente como também se propagam no tempo, à medida que aumentam o produto futuro. Sendo assim, ao deixarmos de investir hoje condenamos o crescimento futuro a ser menor amanhã.

De modo semelhante ao consumo, os investimentos também foram sensíveis a deterioração econômica da tentativa de implantação da “Nova Matriz Econômica” em meados da década passada, como também pela pandemia em 2020. Também temos como semelhança a recuperação em “v”, no entanto, na comparação com o consumo a recuperação dos investimentos foi bem mais relevante e rápida, acumulando alta de 12,76% em quatro trimestres que terminam no meio de 2021. Depreende-se daí que os investimentos estão muito mais favoráveis para o crescimento do que o consumo.

Gráfico 66 - Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

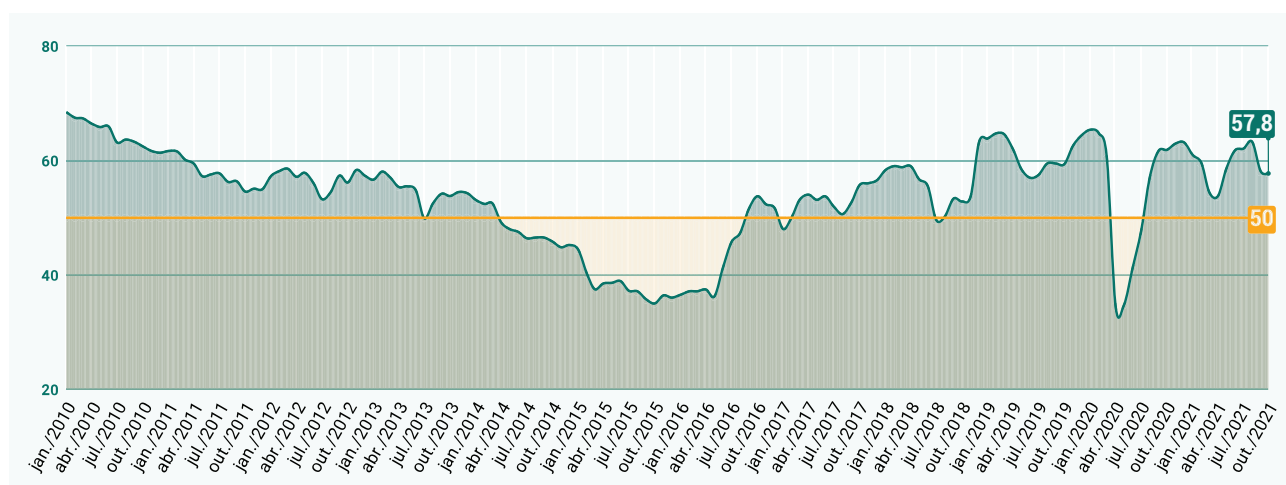


Fonte: SCNT - IBGE / 2021.II

Note-se, também, se a confiança do consumidor é importante para o consumo das famílias, a confiança do empresário também é relevante para o nível dos investimentos. Ainda que o ICEI seja um índice que mede a confiança do empresário da indústria, ou seja, não captura todo o empresariado brasileiro, sem dúvidas é uma boa e a melhor proxy que dispomos para ser utilizada como antecedente de investimentos. Quando o índice é

superior a 50, significa o que o empresário está confiante e, quando visualmente observamos⁴ os dois gráficos (anterior e seguinte) simultaneamente, nota-se uma correlação entre confiança e investimentos que é alvissareira, já que os empresários estão em média confiantes e os investimentos em alta, o que nos sugere a possibilidade da manutenção dos investimentos para os próximos períodos.

Gráfico 67 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)



Fonte: CNI (Out/21)

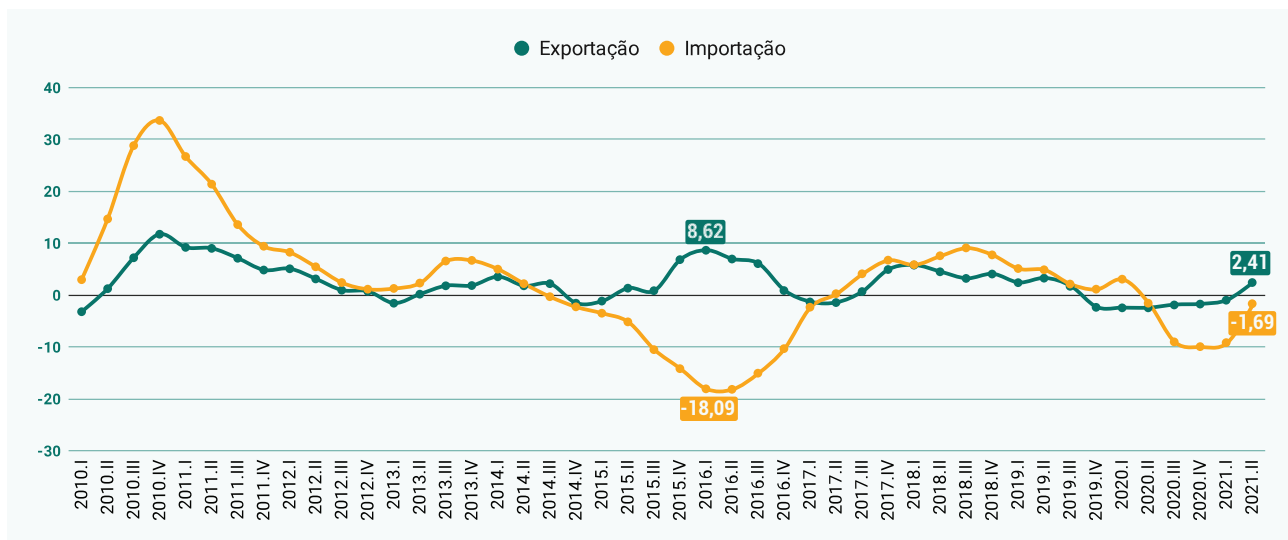
⁴ Na nota de rodapé do item anterior, que trata do consumo, discorremos sobre o uso de modelos que comprovam as correlações para além da análise visual.

2.1.3.3 Desempenho do Comércio Exterior (via Exportações e Importações)

O saldo comercial também compõe o PIB pela ótica do dispêndio, embora tenha importância menor do que consumo e investimento, seu

resultado conta e poderia contar muito mais, caso o Brasil fosse um país mais aberto para o comércio global, menos protecionista, nacionalista e atrasado.

Gráfico 68 - Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

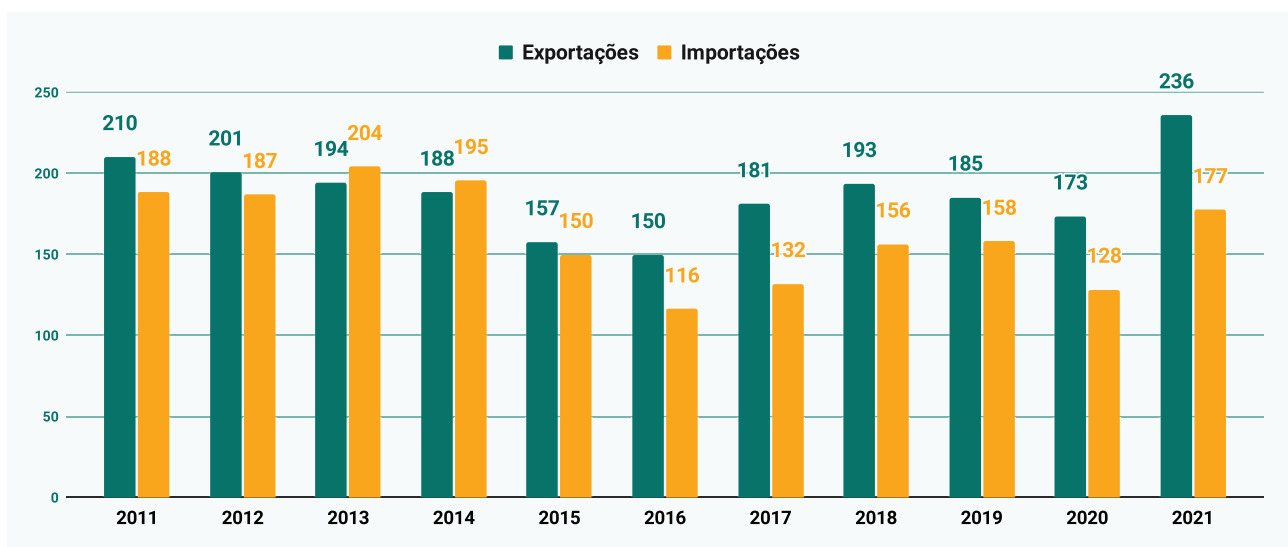


Fonte: SCNT - IBGE / 2021.II

A corrente de comércio, representada pela soma do volume de negócios de importação e exportação enfrentou um período superior a quatro trimestres de quedas, com melhora

apenas no segundo trimestre de 2021, onde tivemos de forma mais expressiva uma retomada das atividades econômicas.

Gráfico 69 - Comparação entre Exportações e Importações brasileiras, acumuladas entre os meses de janeiro e outubro, em US\$ Bilhões de FOB.



Fonte: Comex Stat/ Ministério da Economia

Se a pandemia parece perder força e não ser mais ela uma preocupação como fora no biênio 2020/21, por outro lado, nossas atenções estão voltadas para a crise de escassez de containers, navios e espaços portuários, sem os quais o comércio internacional não é possível. É possível que ao longo do ano de 2022 não tenhamos uma solução para esse problema, podendo então ser um fator limitante do comércio brasileiro com o exterior, ainda mais havendo uma priorização do comércio no hemisfério norte.

2.1.4 Expectativa para Inflação, Juros e Câmbio

Nesta seção fixamos nosso olhar para esses indicadores que são de suma importância para o resultado da atividade econômica e que impactam transversalmente os resultados do Agronegócio.

2.1.4.1 Inflação

A inflação é um fenômeno monetário tão intenso e avassalador que em todos os ciclos de elevação ela causa – não sem razão - um furor nas discussões sejam elas em encontros técnicos ou familiares, afinal de contas, a perda de poder de compra da moeda gera o empobrecimento que pessoas físicas e jurídicas sentem imediatamente.

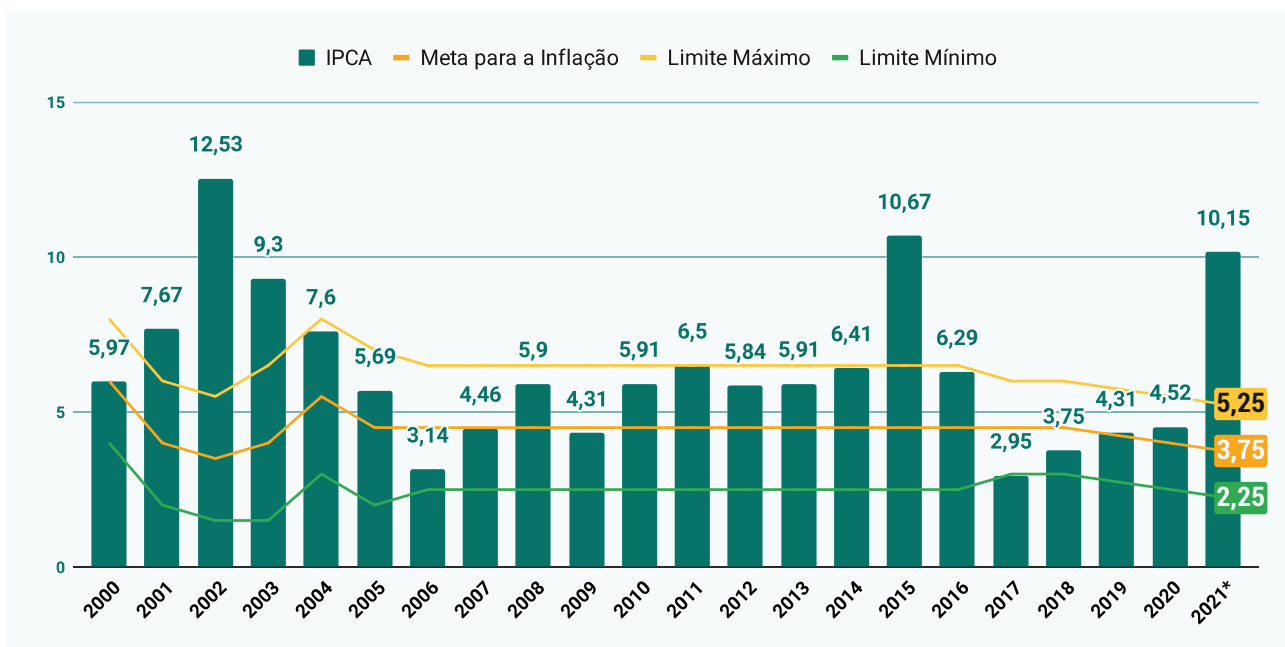
Um assunto de elevada importância não pode, no entanto, ser tratado a partir de pressupostos equivocados e não científicos, com o apontamento em rodízio de “culpados”, “vilões” ou coisas do tipo. Precisamos nos concentrar nas razões e na origem do problema.

Em nosso relatório do ano passado, bem como em nossa apresentação na coletiva disponível no canal do Youtube da Farsul (<https://www.youtube.com/watch?v=cmreKGbK888>), tratamos exaustivamente do impacto da dinâmica fiscal nos preços, ou seja, do resultado líquido dos gastos públicos que foram necessários para manter vivo e funcional o tecido econômico do país diante das medidas de distanciamento, mas que teriam consequências muito sérias no lado monetário que, por sua vez, poderia gerar forte processo inflacionário.

Quando a inflação tem origem no excesso de gastos públicos e não nos instrumentos de Política Monetária, onde o necessário aumento dos juros retroalimenta o problema fiscal e a moeda se desvaloriza ainda mais, dizemos que há um fenômeno chamado de “Dominância Fiscal”. Pois é exatamente isso o que aconteceu no Brasil: os gastos no ano passado foram avassaladores, o efeito colateral é a inflação, nossa moeda sofreu fortíssima desvalorização e a necessária elevação dos juros para conter a inflação contribui para ampliar o problema fiscal.

Além disso tudo, ainda há um movimento político de aumentar ainda mais os gastos públicos em vista das eleições do ano que vem, sob o argumento do Ministro da Economia Paulo Guedes de “não tirar zero no social”, mas não precisamos explicar a ele, pois sabe perfeitamente bem, que a inflação é um caminho seguro para tirar zero no social.

Gráfico 70 - IPCA e Expectativa para 2021, taxa acumulada no ano (%)

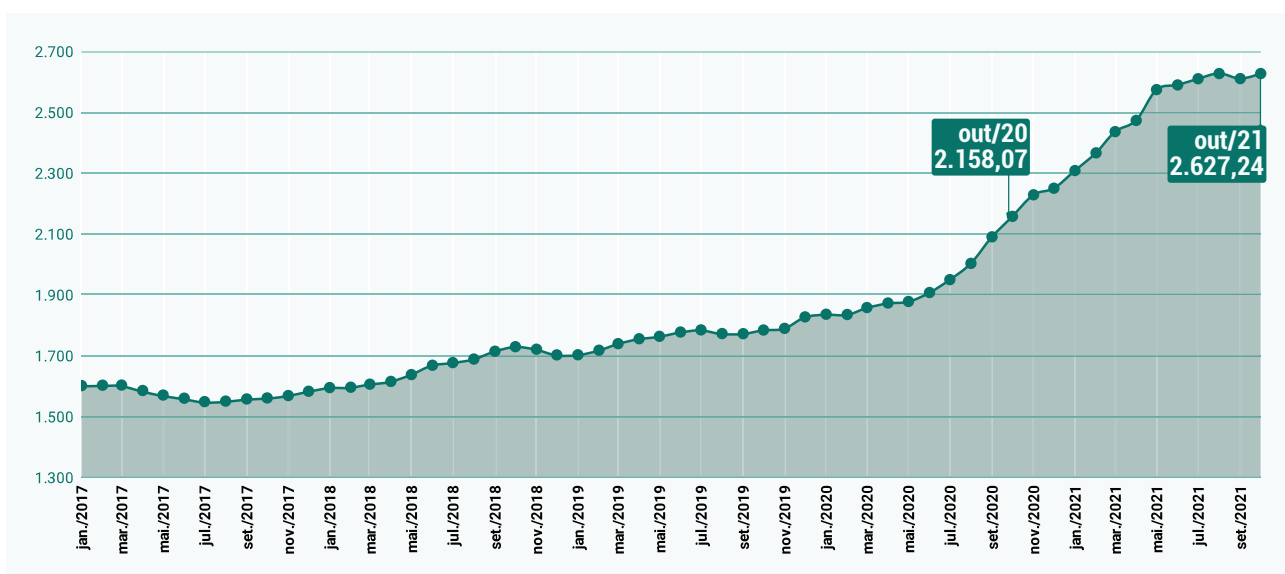


IBGE - IPCA; (*) Boletim Focus - 26/11"

Nossa projeção para o IPCA acumulado em 2021 é de alta de 10,17%. Como vemos, uma perspectiva de dois dígitos que deve crescer no acumulado em 12 meses ainda mais ao longo do primeiro trimestre de 2022, podendo passar dos 11%, para então começar a cair a partir do segundo trimestre. A meta de inflação perseguida pelo Banco Central é de

3,75% a.a., com teto superior em 5,25% a.a., o que significa que acreditamos que em algum momento no primeiro trimestre de 2022 teremos o dobro de inflação do limite superior da meta, o que exigirá uma forte resposta em termos de elevação de taxa de juros tanto em dimensão, quanto em duração do ciclo de alta.

Gráfico 71 - Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), em número-índice com base fixa em dez/92



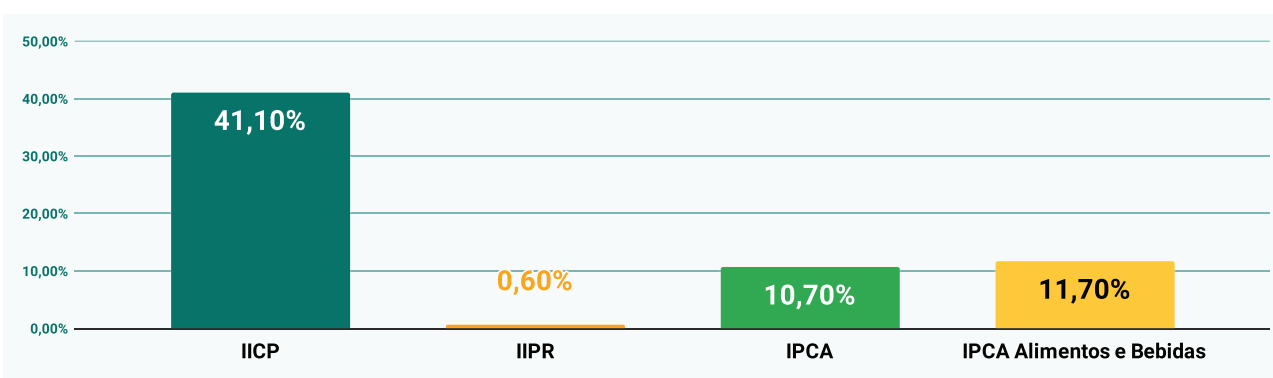
Fonte: FGV/IBRE

A boa notícia – se é que podemos tratar assim – vem do IGP-M, que mede em boa medida a inflação ao nível do atacado e que está perdendo força. Dizíamos no nosso relatório do ano passado que a inflação do atacado estava “grávida” da inflação ao consumidor, ou ainda, que os altos preços no nível do atacado deveriam, pelo menos em parte, serem repassados ao consumidor, o que prenunciava uma forte elevação do IPCA (que ocorreu) e, por sua vez, aumento da Taxa Selic (está ocorrendo). Sendo assim, entre outubro de 2020 e outubro de 2021 o IGP-M acelerou 21,74%, uma taxa média de crescimento mensal de 1,52%. No entanto, essa aceleração perdeu força desde maio, quando a taxa média de crescimento desacelerou e passou a crescer 0,41% a.m. entre maio e outubro de 2021. Se a aceleração e o acumulado do IGP-M prenunciavam um forte aumento do IPCA, o contrário também é verdadeiro e esta é a principal razão de acreditarmos num arrefecimento do processo inflacionário já no segundo trimestre de 2022.

Esse problema todo não poderia não chegar no campo. Como falamos de forma exaustiva, não há uma “inflação de alimentos”, o que há é inflação, que é o aumento generalizado dos preços, onde também os alimentos foram impactados, o que é profundamente lamentado pelo setor, uma vez que nenhum vendedor quer ver seu cliente com menor capacidade de consumo dos seus próprios produtos.

Mas não foi apenas nos preços dos alimentos que a inflação pegou em cheio. Conforme podemos observar no gráfico a seguir, a inflação dos custos de produção, medidos pelo IICP é a maior já registrada em 12 meses desde que a série teve início em janeiro de 2010. Enquanto os alimentos em outubro acumulam alta em 12 meses de 11,7%, o que é terrível para o consumidor, os custos de produção acumulam 41,1%, quase o triplo, corroendo a renda e o sono dos produtores rurais.

Gráfico 72 - Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (%)



Fontes: IICP e IIPR/Farsul (Out/21); IPCA e IPCA Alimentos/IBGE (Out/21)

Diferentemente da perspectiva do IPCA e seus subgrupos, onde esperamos que piore até o primeiro trimestre para que então a inflação caia, nos custos de produção a expectativa é de piora mais resiliente, uma vez que a expectativa do petróleo é de alta, bem como a energia elétrica e a taxa de câmbio. Isso sem falar na persistência da

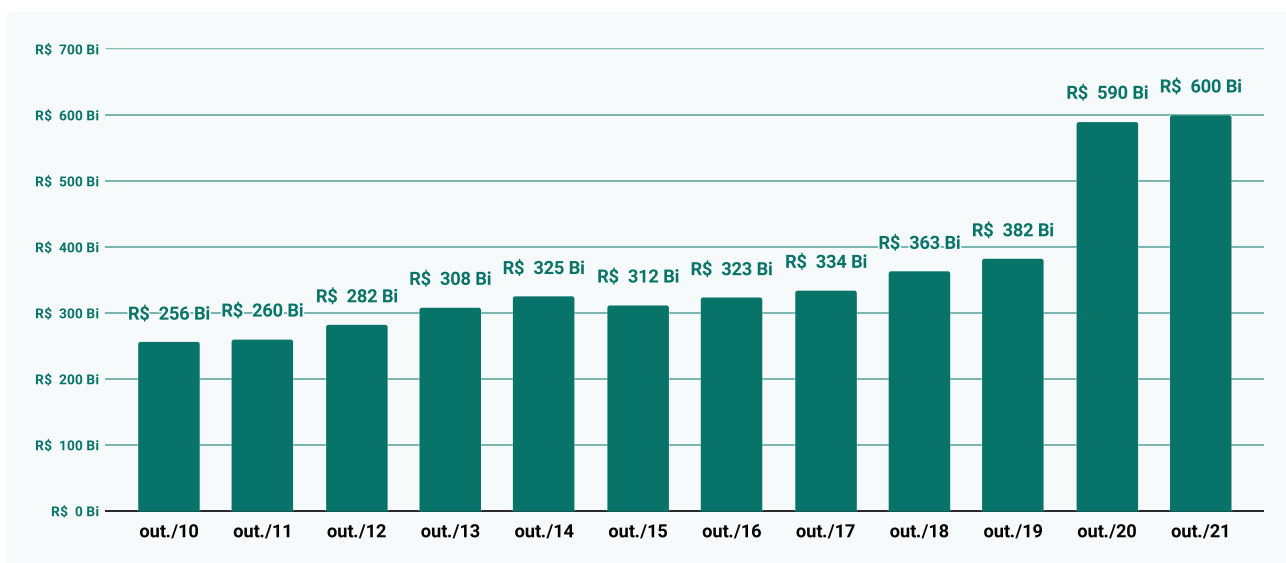
escassez de insumos para a safra 2023, o que deve trazer ainda mais combustível para o processo inflacionário nos custos de produção.

Como argumento final para justificar a origem da inflação, que em nada tem a ver com alimentos, mas com o excesso de

expansão monetária – seja pela Selic de 2% que perdurou por muito tempo ou pela via dos gastos públicos, apresentamos no gráfico a seguir o salto em M1, que é o volume de dinheiro em depósitos à vista ou em poder do público, acumulado em 12 meses em outubro. Note que em outubro do ano passado

havia um volume de dinheiro 55% maior na economia do que no ano anterior. Esse volume ainda continua bastante elevado, mas cresceu bem menos em outubro de 2021 em relação ao ano anterior, apenas 1,63%, o que é menos do que a inflação do período.

Gráfico 73 - M1 - Depósitos a vista + dinheiro em poder do público - final do período no Brasil, em R\$ Bilhões

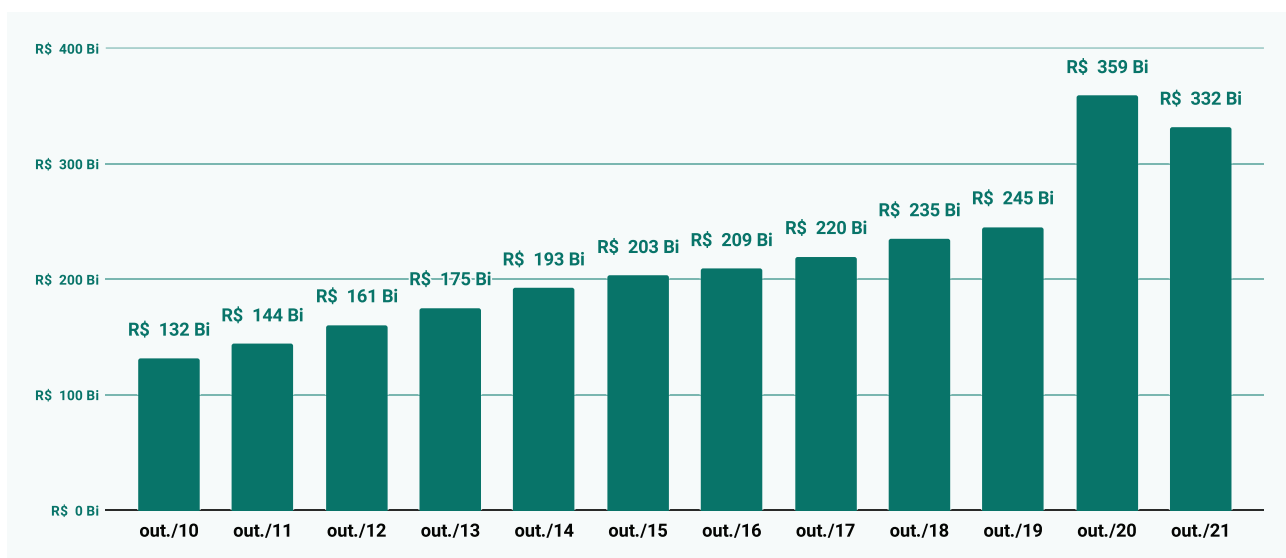


Fonte: Banco Central do Brasil

Do ponto de vista qualitativo, notamos que esse crescimento ocorreu em maior quantidade nos depósitos à vista que estão sob o abrigo da política monetária, onde através dos depósitos compulsórios a autoridade monetária exerce

seu papel de controle inflacionário. Sabemos isso porque os M0, onde temos o papel-moeda emitido, após ter sido aumentado em 46,3% na pandemia, recuou 7,6% neste outubro em relação ao mesmo mês do ano anterior

Gráfico 74 - M0 - Base Monetária - papel-moeda emitido - fim período no Brasil, em R\$ bilhões



Fonte: Banco Central do Brasil

Essas situações nos demonstram que as raízes do processo inflacionário estão no lado monetário, ao mesmo tempo que nos sugerem que os instrumentos estão funcionando e que teremos inflação convergindo para a meta ao longo do ano que vem.

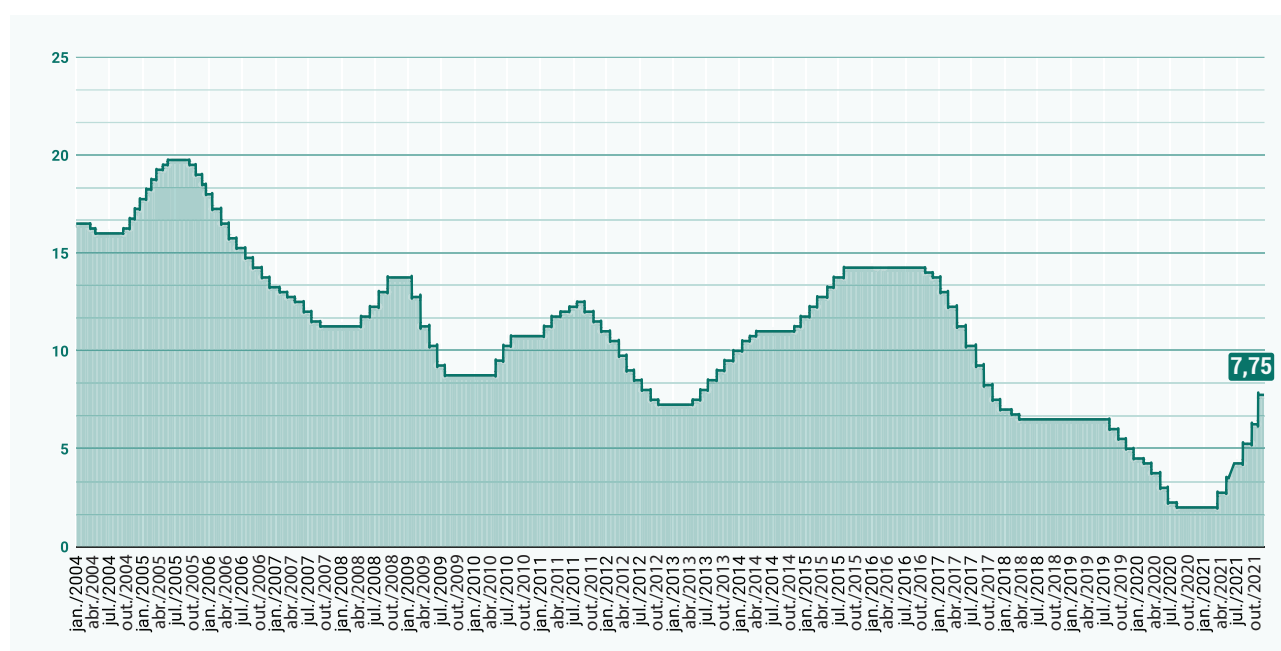
2.1.4.2 Taxa Básica de Juros

A Taxa Selic é um dos principais instrumentos de política monetária cuja função é combater a inflação. Sim, a Taxa Selic não existe para “dar dinheiro para banqueiros”, para “remunerar

rentistas” ou para “fazer mal aos pobres”, o objetivo dela, fora do populismo que reina em nosso debate, é ser um instrumento de combate à inflação à medida em que enxuga ou expande a base monetária.

Se estamos vivendo um pico inflacionário agudo e a Taxa de Juros é um dos principais instrumentos para combater o problema, naturalmente devemos esperar um também agudo aumento na Selic.

Gráfico 75 - Meta para Taxa Selic (%)



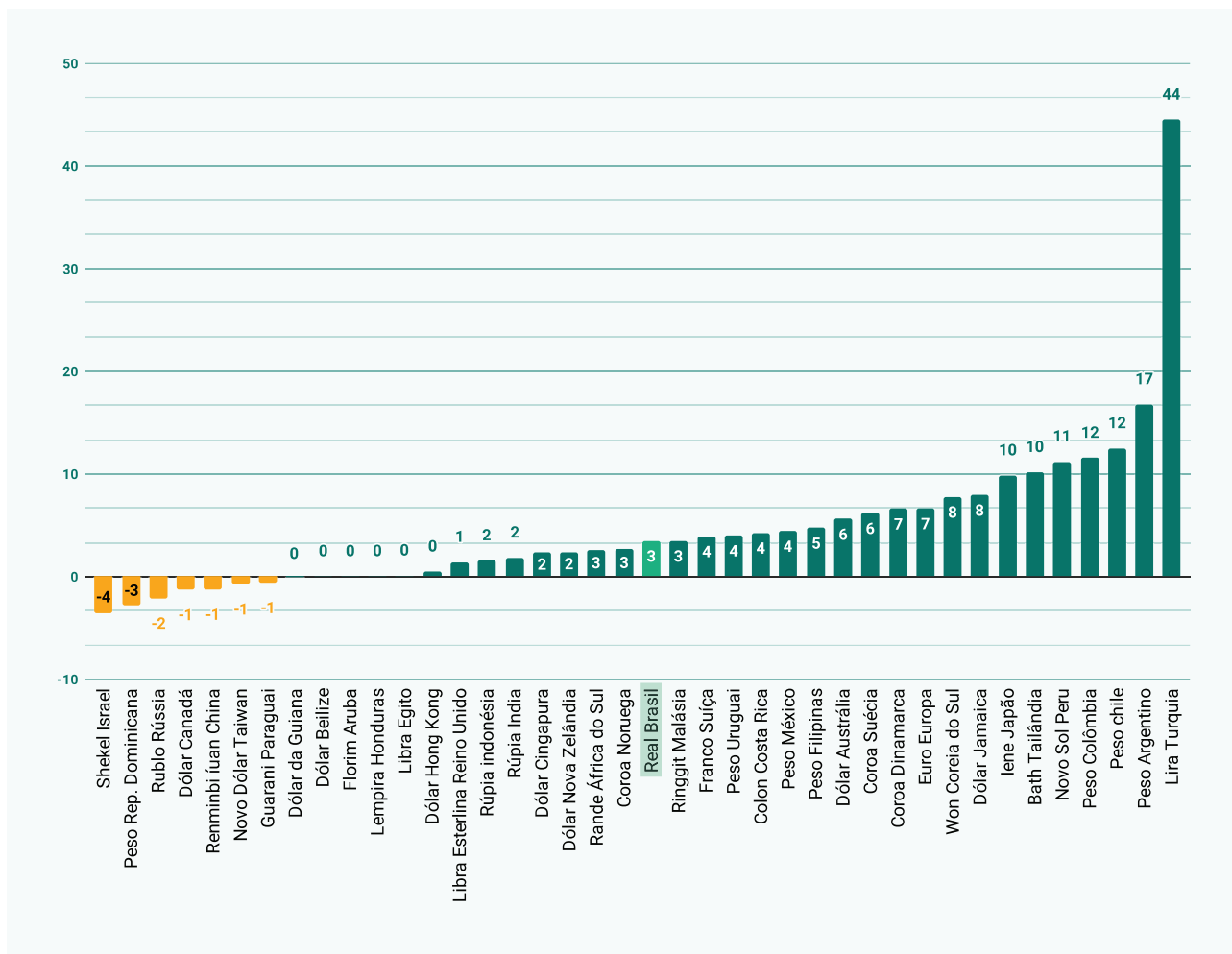
Fonte: Banco Central do Brasil

Nossa expectativa é que a Selic feche o ano de 2021 em 9,50% esse ciclo de alta atravessou 2022, atingindo seu pico no final do segundo trimestre **apreciada em 12,25%**, para ficar estável dois trimestres pelo menos para começar a baixar no início de 2023, a depender, evidentemente, da postura do governo frente aos gastos públicos.

2.1.4.3 Taxa de Câmbio

A taxa de câmbio que sofreu uma forte alta no ano passado, o que mudou o patamar cambial e colocou o Real como a moeda que mais perdeu valor diante do Dólar em 2020, neste ano tivemos um ajuste entre janeiro e novembro, com uma valorização do Real em 4% frente ao Dólar.

Gráfico 76 - Moedas em relação ao Dólar Americano, variação entre janeiro e novembro de 2021 (%)

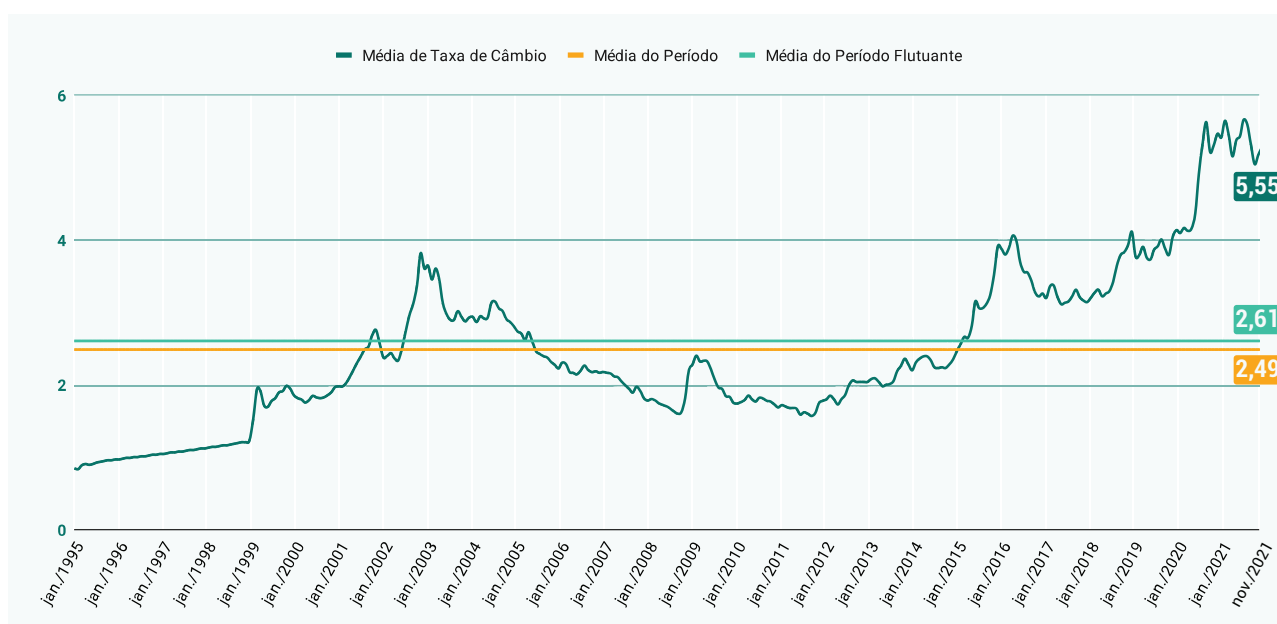


Fonte: Bancos Centrais através do AE Broadcast.

A taxa de câmbio é, dentre todas as variáveis macroeconômicas, a mais difícil de prever, em razão das numerosas possibilidades de ser influenciada. Em essência, uma taxa de câmbio precisa ter como ponto de partida a perda de poder de compra das moedas envolvidas, logo, a inflação que sofrem e a expectativa de crescimento econômico. O Brasil sofre uma inflação bem maior do que a americana e a expectativa de crescimento é menor para 2022, o que são fatores altistas para a taxa. Mas as perspectivas podem reverter. Sim, podem, mas no momento no

qual escrevemos esse trecho do relatório, o que se vê pela frente é uma eleição com muitos ruídos no próximo ano, o que pode elevar o grau de incerteza e, por consequência, a aversão ao risco, o que é ruim para o Real e altista para o câmbio. Nesse momento nos parece que há mais razões para o câmbio subir do que cair no próximo ano, a menos que ao contrário das expectativas, do processo eleitoral saiam boas expectativas para a condução da política econômica, sobretudo o lado fiscal.

Gráfico 77 - Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante



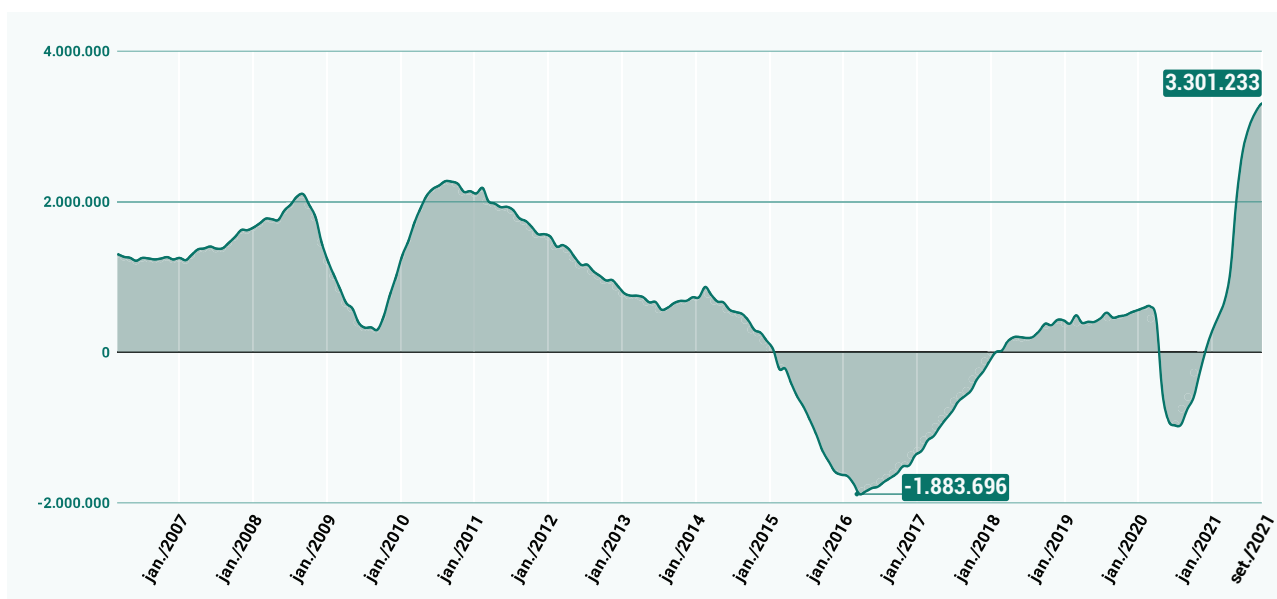
Fonte: Banco Central - Nov/21

2.1.4.4 Movimentação dos Empregos

Depois de um curto período de destruição de postos de trabalho no auge das medidas de distanciamento social decorrentes da

pandemia, a economia volta a criar posições de trabalho e, desta vez, com muita intensidade, acumulando 3,3 milhões de saldo positivo em 12 meses que se encerram em setembro.

Gráfico 78 - Movimentações do Emprego no Brasil, em saldo acumulado em 12 meses

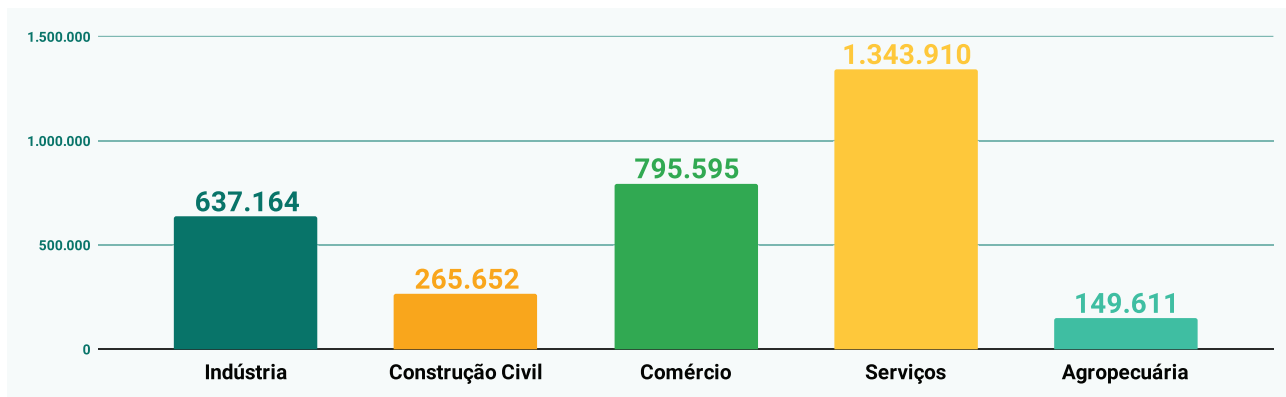


Fonte: MTE/Caged (Set/21)

Olhando os dados de empregos é possível notar que o emprego foi uma variável que sofreu menos, possivelmente ajudada pelas medidas de proteção ao emprego promovidas pelo

governo. O segmento que mais criou postos de trabalho em 12 meses foi justamente o que mais emprega e que tinha sofrido de forma significativa no ano passado, que são os serviços.

Gráfico 79 - Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses



Fonte: MTE/Caged (set/21)

A agropecuária gerou pouco menos de 150 mil empregos, mas não podemos esquecer que tinha ocorrido crescimento mesmo no ano passado, ou seja, houve crescimento sobre crescimento, o que torna o dado ainda mais positivo.

2.1.5 Finanças Públicas

As finanças públicas, sem dúvida, são uma grande dor de cabeça para economistas e governo, mas deveria ser igualmente de toda a população, já que todos pagamos impostos, recebemos em troca serviços públicos e, ainda, a dinâmica do gasto público pode influenciar a atividade econômica para o bem ou para o mal, dependendo da sua eficiência e equilíbrio fiscal.

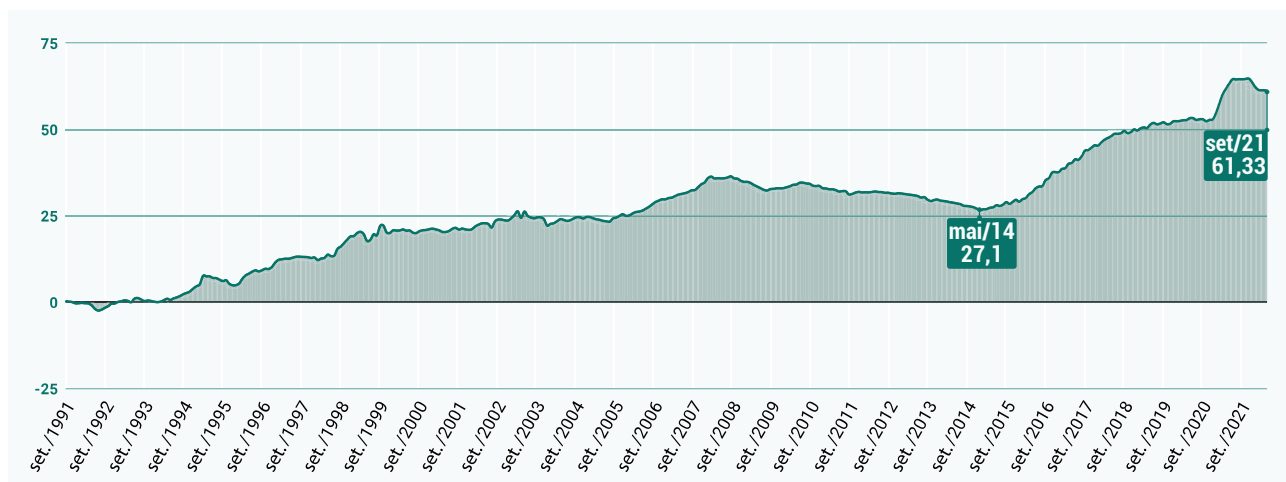
2.1.5.1 Dívida Interna Líquida do Setor Público

Por conta da implementação da “Nova Matriz

Econômica” que trouxe diversos problemas para a economia brasileira, dentre eles, o fim do superávit primário a partir de 2014, aceleramos o endividamento interno do Governo Federal.

Conforme pode ser visto no gráfico a seguir, a partir de 2014/15 o Brasil alterou um padrão de Dívida/PIB que perdurava desde 1998, ainda nos primórdios do Plano Real, com dívida média próxima de 30%. Esse endividamento em relação ao PIB sofreu uma mudança estrutural a partir dos déficits fiscais sucessivos iniciados na época, que após uma nova estabilização com legislações importantes definidas no Governo de Michel Temer, como o caso da Lei do Teto dos Gastos, voltaram a acelerar com os gastos da pandemia. Infelizmente, mesmo após os necessários gastos do ano de 2020, o governo brasileiro em aliança com o Congresso tem procurado desprestigiar tais avanços, o que tem remetido a novas perspectivas altistas.

Gráfico 80 - Dívida Interna Líquida do Governo Federal e Banco Central, em percentual do PIB



Fonte: Banco Central (Set/2021)

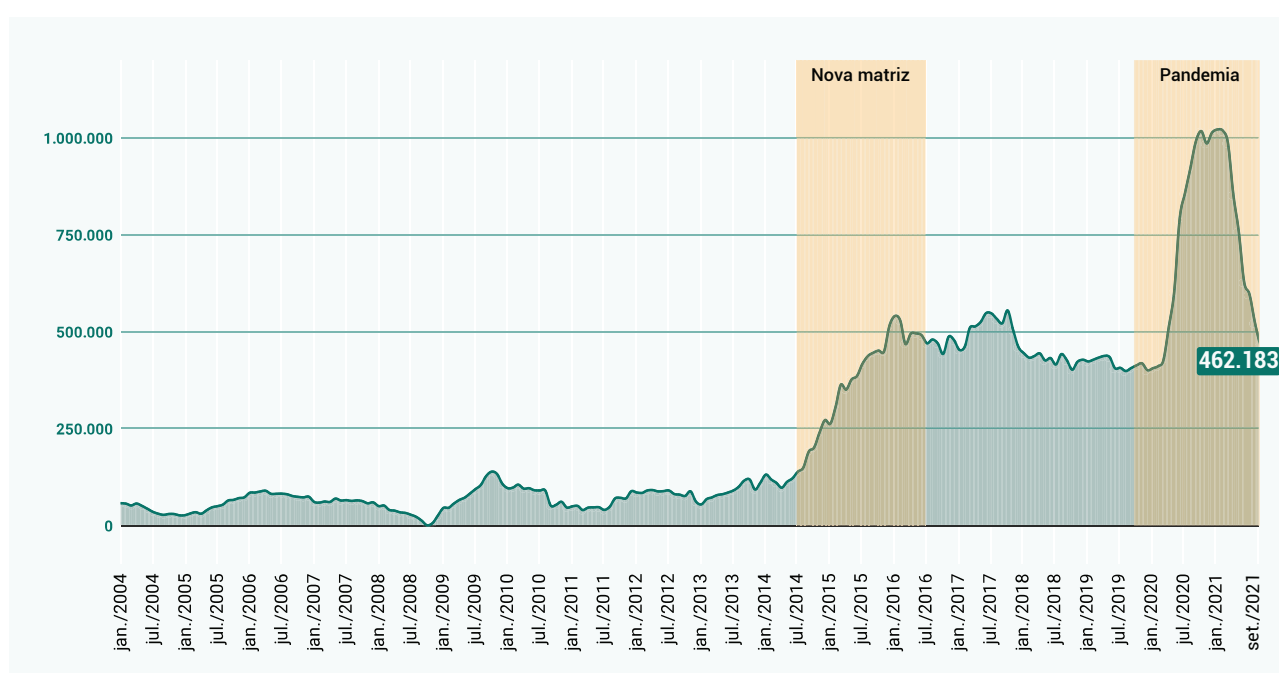
2.1.5.2 Serviço da Dívida Pública

Quanto maior o tamanho da dívida, maior, necessariamente, será o seu serviço tudo o mais constante. Como o outro fator que pode aumentar o serviço é o tamanho dos juros, que são exógenos, já que sua definição está atrelada a política monetária, cabe na política fiscal a proposição de orçamentos superavitários ou, na pior das hipóteses, equilibrado, para que não se desperdice recursos públicos com o serviço. Mas, conforme já demonstramos, esta não tem sido a diretriz desde 2014, com uma pequena interrupção após o impeachment

da ex-presidente Dilma Rousseff até o primeiro ano do Governo de Jair Bolsonaro. Pelo contrário, o aumento da dívida tem sido a tônica e, por sua vez, o custo do serviço.

Os auxílios foram necessários quando criados, mas suas manutenções são inconcebíveis com desrespeito ao teto dos gastos. Há maneiras de promover políticas sociais com respeito ao teto, bastando, por exemplo, direcionar recursos do Fundo Eleitoral e do Fundo Partidário, duas excrescências, para esta finalidade.

Gráfico 81 - Necessidade de Financiamento do Setor Público, acumulado em 12 meses, em R\$ milhões

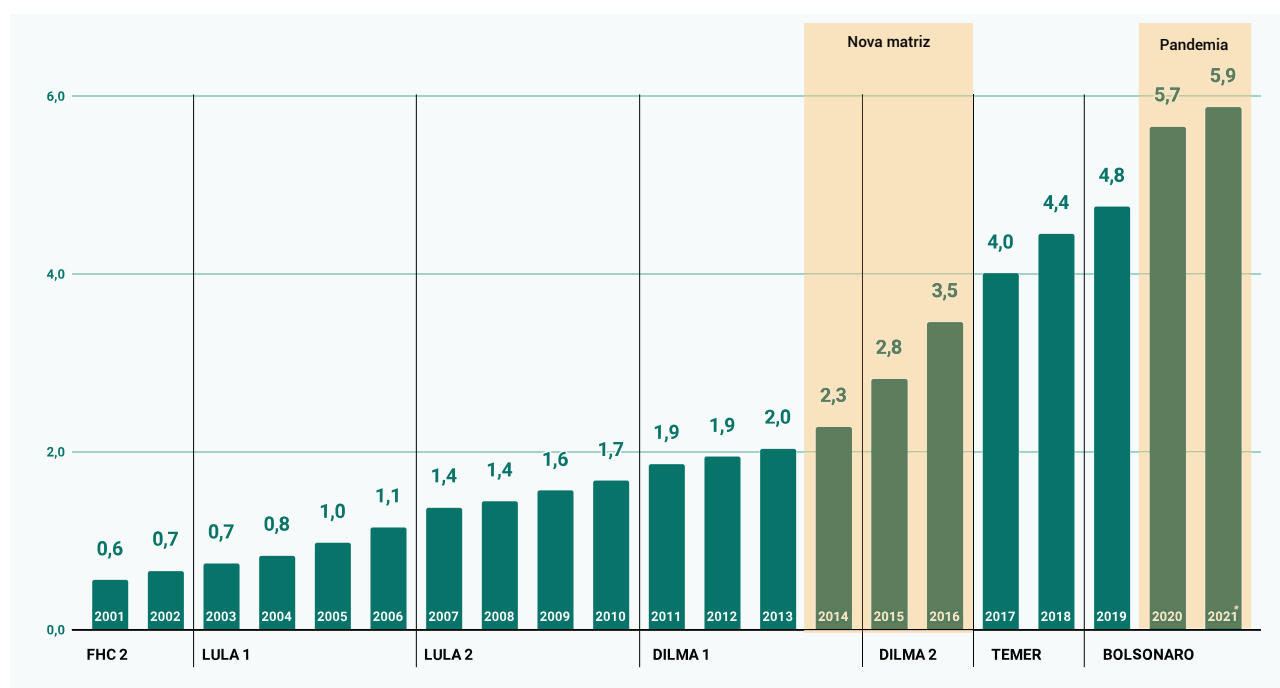


Fonte: Banco Central (Set/2021)

O cenário de aumentos de juros, conforme relatamos nas perspectivas para Taxa Selic, aponta para uma situação perigosa e preocupante, à medida que a combinação de dívida mais elevada com juros mais

altos trará uma verdadeira drenagem de recursos que poderiam ir para educação, saúde ou segurança, por exemplo, mas será destinado ao serviço, já que governos não têm respeitado o equilíbrio fiscal.

Gráfico 82 - Dívida Interna Líquida do Setor Público, em R\$ trilhões



Fonte: Banco Central (Set/2021) (*) 2021: Acumulado até setembro de 2021

2.2 Economia do Rio Grande do Sul

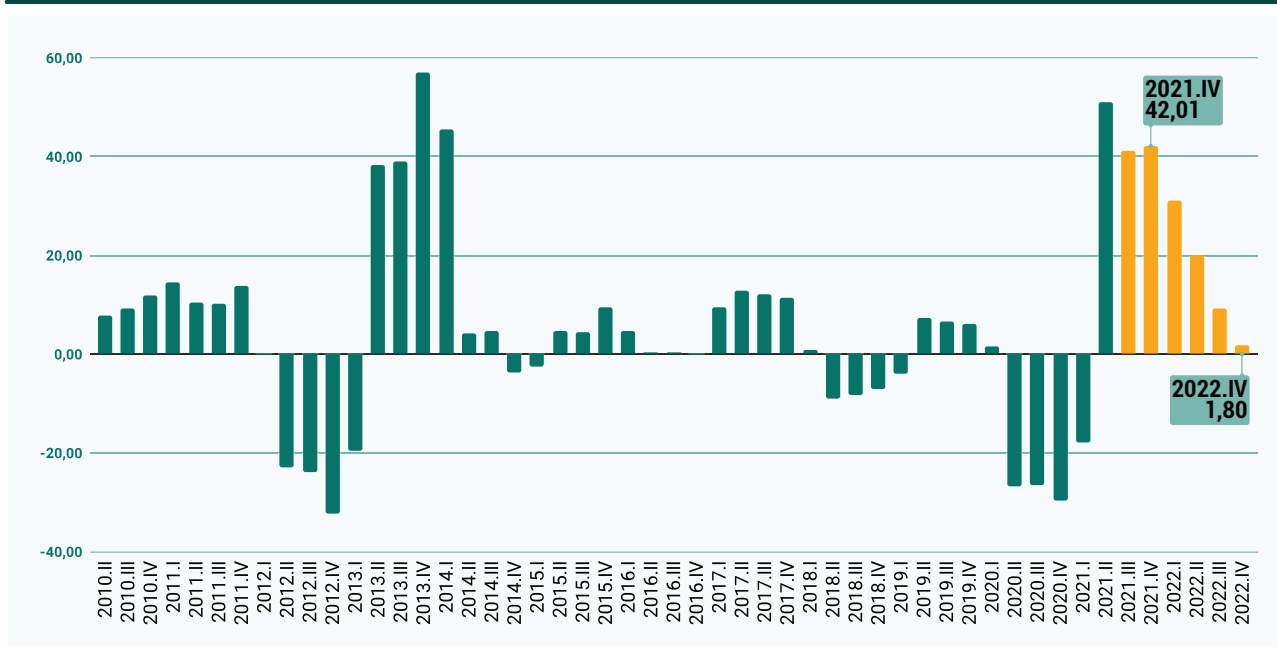
A economia do Rio Grande do Sul tem, sem dúvidas, uma influência do agronegócio superior à média nacional. Entretanto, tudo o mais constante, ou seja, sem considerar um choque como uma estiagem, o que se espera é que a economia local performe de forma semelhante à economia brasileira, pois o que nos assemelha aos demais estados tem um peso muito maior do que o que nos diferencia. Mas há pelo menos dois choques que trazem o PIB gaúcho para um outro patamar na comparação com o brasileiro: o primeiro é a retomada da produção agropecuária em relação ao ano passado, quando este setor enfrentou uma forte estiagem. As bases de comparação são distintas e, por sua vez, trazem um forte crescimento para o PIB total neste ano de retomada. O outro fator importante, menor do que a retomada de uma estiagem, mas relevante, são os ajustes no setor público visando o equilíbrio fiscal que, somados, permitiram que o setor público colocasse

boa parte de seus compromissos em dia, recuperasse um pouco de sua capacidade de investimento e a redução da burocracia tola – sobre a qual os três Poderes do Estado estão assentados – também colaborou positivamente para um melhor desempenho neste ano, ainda que o efeito dos investimentos com recursos das privatizações serão sentidos com maior intensidade no ano que vem.

2.2.1 Setor Agropecuário

Após um terrível ano de estiagem registrada no ano passado, onde o PIB do setor agropecuário despencou 29,61%, neste ano de retomada, o PIB acumula alta no segundo trimestre, que termina na metade do ano deste ano, de 50,99%. De acordo com nossas estimativas, **o PIB Agropecuário deverá fechar o ano de 2021 com alta de 42,01% e para 2022 a alta projetada é de 1,80%.**

Gráfico 83 - VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: DEE/Seplag (Até 2021.II); Farsul (Projeções de 2021.III até 2022.IV)

Estamos bastante otimistas com o desempenho do PIB Agropecuário para 2022, em razão do aumento da área plantada, sobretudo no inverno, e dos melhores preços praticados na maioria dos produtos, sobretudo as carnes. Cabe lembrar que desempenho do PIB é uma coisa e lucratividade é outra.

Como vimos na seção de análise de rentabilidade, nossa expectativa para os resultados microeconômicos é ruim para o próximo ano em virtude da elevação dos custos para a produção desta safra e o impacto dos novos aumentos no fluxo de caixa, o que determinará ainda mais mobilização de recursos e, conseqüentemente, maior alavancagem. Sendo assim, não havendo nenhuma possível reversão de expectativas do lado do clima, esperamos bons resultados macroeconômicos para o setor, que deverão se refletir em PIB.

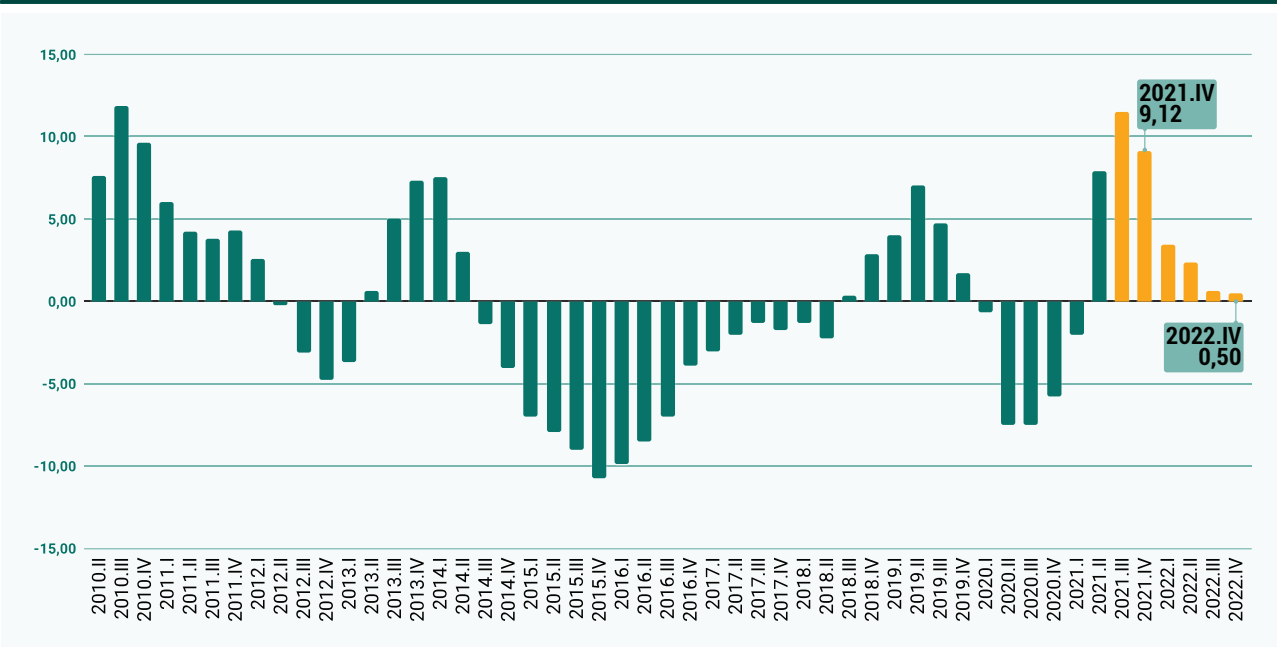
2.2.2 Setor Industrial

Antes de entrarmos na análise da indústria gaúcha deste ano, cumpre lembrar que temos

relatado nos últimos anos que este setor padece de problemas estruturais que são determinantes para o seu fraco desempenho. Nos últimos 10 anos, em média, o PIB foi de -1,5%, ou seja, no longo prazo a indústria está diminuindo. Essa diminuição, para piorar, não ocorre apenas em participação no PIB total, onde um crescimento menor do que os demais setores faz com que o "share" da indústria caia. Não, infelizmente nem isso é. O que ocorre é encolhimento em relação a si mesmo. Destes problemas, resta provado que nenhum deles está relacionado à taxa de câmbio ou a falta de políticas industriais como alguns defendem, pois tanto o câmbio está elevado nos últimos anos, quanto as políticas foram fartas ao setor.

A indústria precisa resolver o problema de competitividade, que passa por relações trabalhistas arcaicas, políticas protecionistas que encarecem os custos de produção e tiram os produtos brasileiros da cadeia global de produção, um sistema tributário simplesmente inominável, onde certamente a indústria é a maior perdedora em termos de competitividade, com outros problemas desta natureza.

Gráfico 84 - VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

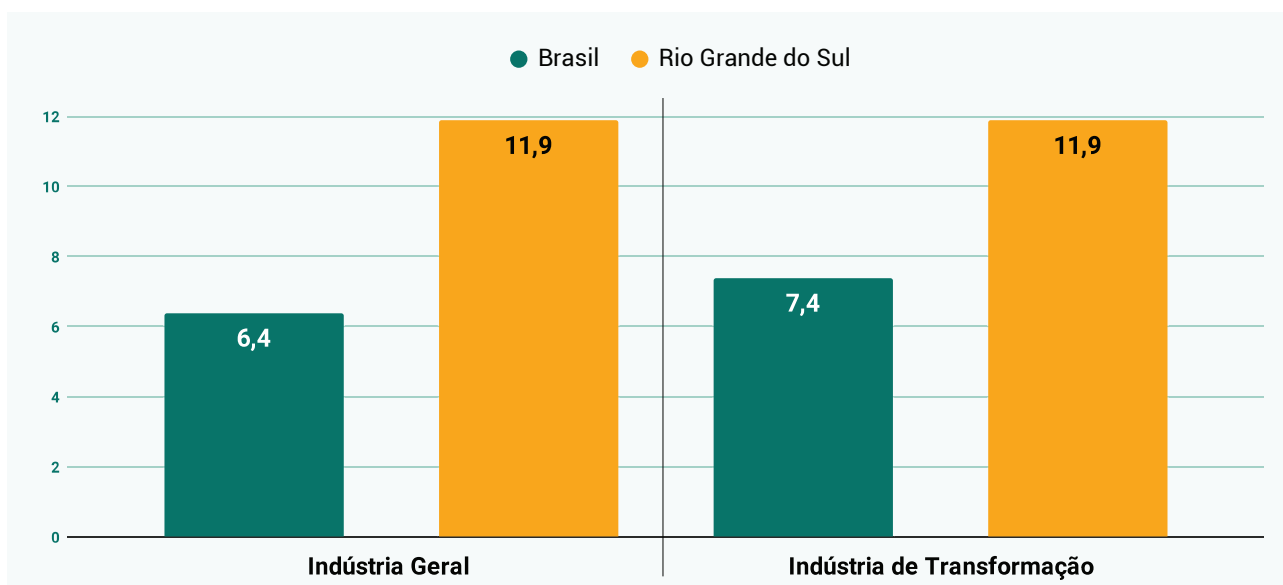


Fonte: DEE/Seplag (Até 2021.II); Farsul (Projeções de 2021.III até 2022.IV)

O resultado da indústria deve ser de crescimento expressivo esse ano. **Nossa expectativa para o crescimento industrial é de 9,12% em 2021 e de 0,50% em 2022.** Assim como a agropecuária, a indústria também é bastante sensível aos problemas de estiagem, em razão da forte relação desses setores no estado. Em 2020, no ano da estiagem, a queda do PIB da indústria gaúcha foi de -5,8% enquanto na Indústria brasileira foi de -3,5%. Do mesmo modo, nesse ano de recuperação da estiagem, a expectativa para o RS é bem melhor que

a brasileira. No gráfico a seguir, que mede a Produção Física Industrial no Brasil e o recorte do Rio Grande do Sul, temos com maior clareza os desempenhos comparados e fica claro o impacto da recuperação da estiagem em 2021 nos resultados, da mesma forma que no ano passado (está no Relatório 2020 e Perspectivas para 2021) relatávamos que a estiagem tinha gerado o mesmo efeito, mas em sentido contrário, o que demonstra, mais uma vez, que estiagens não são problemas apenas para agricultores, mas para toda a economia.

Gráfico 85 - Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

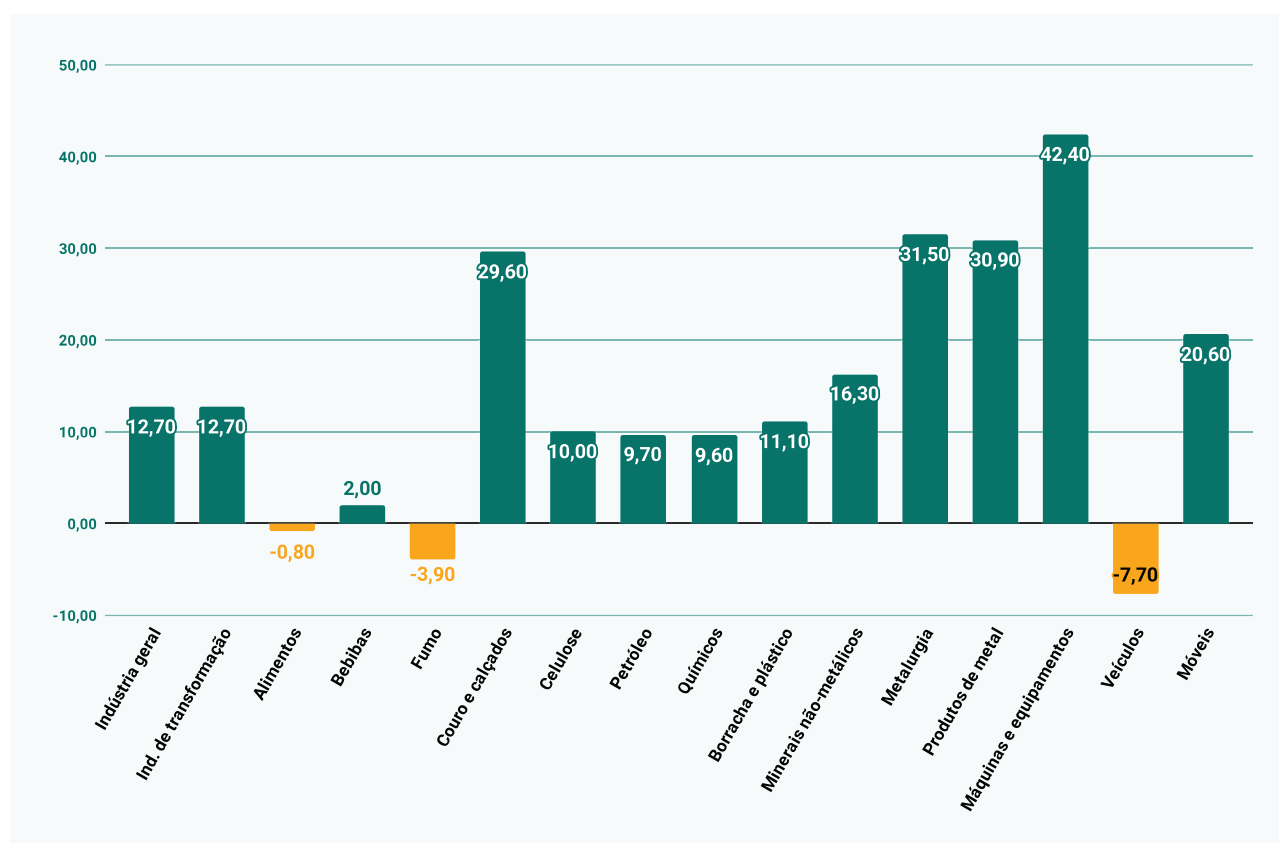


Fonte: PIM-PF e PIM-RG (set/21)

Conforme podemos observar no gráfico a seguir, a retomada ou o desempenho não foram lineares, por razões distintas. Indústrias de Alimentos e Fumo não sofreram na pandemia como outros segmentos e,

portanto, não tinham espaço de recuperação ou base fraca de comparação. Já veículos, que é uma das maiores indústrias do estado, sofre com a falta de peças e componentes que redundam em menor atividade.

Gráfico 86 - Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)



Fonte: PIM-RG (set/21)

Indústrias ligadas ao agronegócio, como o caso de máquinas agrícolas, foram bastante e positivamente impactadas pelo bom momento dos preços e volumes produzidos na agricultura, contribuindo sobremaneira para o bom desempenho de máquinas e equipamentos, com o maior acumulado de crescimento em 12 meses, atingindo 42,4%.

2.2.3 Setor de Serviços

Por ser o maior setor da economia, o resultado do Setor de Serviços é o mais relevante para o resultado final do PIB do RS, pois geralmente é ele quem dá a direção, enquanto os demais dão a magnitude. Com a perspectiva de aprofundamento e da especialização do

conhecimento, esse setor precisa ser visto de forma estratégica para o crescimento econômico, o que exige, também, uma agenda de impactos horizontais que tragam consequências na produtividade da mão-de-obra e no custo final das mercadorias vendidas ou serviços prestados, o que reforça a importância de reformas e micro reformas visando melhorias. Dos três setores, Serviços é aquele com maior desconexão com as cadeias globais, com o comércio exterior. Temos pouco comércio e muito menos ainda exportações de serviços, o que nos abre, por um lado, um enorme déficit na Balança de Serviços, mas, por outro, uma grande oportunidade para empresas gaúchas e brasileiras, em razão do baixo custo relativo da mão-de-obra para serviços de maior complexidade.

Um setor com essas características, de importância econômica presente e futura, deve ser mais prestigiado pelos formuladores de política econômica tanto do Brasil, quanto do RS.

recessão. Ainda não tinha se recuperado daquele período quando mergulhou na pandemia e, sem dúvidas, foi o setor mais afetado pelas medidas de distanciamento social.

Este Setor sofreu muito com as consequências da tentativa de implantação da “Nova Matriz Econômica” e enfrentou diversos trimestres em

Nossa projeção para o PIB dos Serviços em 2021 é de 4,47% e de 0,8% para 2022.

Gráfico 87 - VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

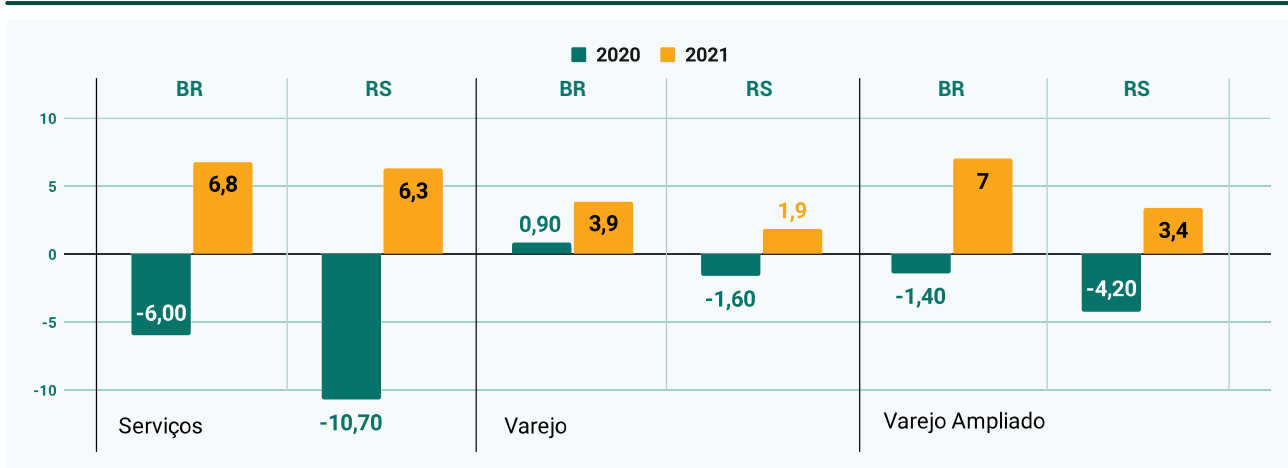


Fonte: DEE/Seplag (Até 2021.II); Farsul (Projeções de 2021.III até 2022.IV)

Ao observarmos o desempenho dos serviços, varejo e varejo ampliado no acumulado em 12 meses em setembro de 2021 contra o igual período do ano anterior, fica muito claro que o desempenho no estado está abaixo do nacional e este é o segundo ano consecutivo com

esse desempenho menor. Ou seja, quando o setor cai no Brasil, no RS a queda é com maior intensidade, ao passo que quando o Brasil esboça uma recuperação, aqui no estado a recuperação é em menor intensidade.

Gráfico 88 - Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

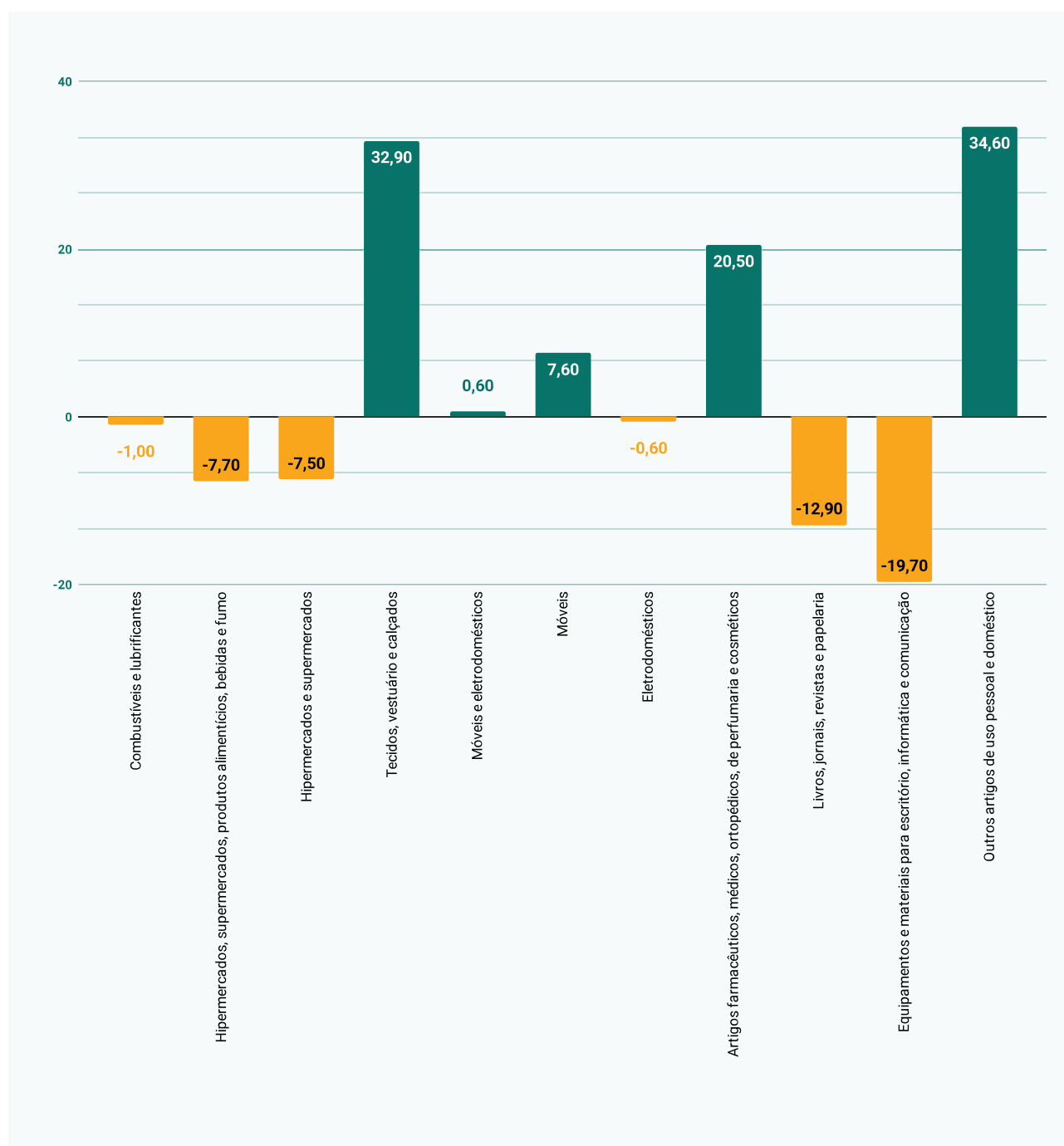


Fonte: PMC e PMS/IBGE (set/21) / 2020: out/19 a set/20 - 2021: out/20 a set/21

Na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) temos também evidência de que o impacto das medidas de distanciamento foi também heterogêneo nesse setor, haja vista que aqueles segmentos que estavam com seu funcionamento comprometido na pandemia, por óbvio, tiveram crescimento maior. Setores

como supermercados e combustíveis sofrem com problemas inflacionários, uma vez que a inflação tende a reduzir o volume de vendas. Em outro ponto temos o segmento de livros e papelaria em geral, bem como equipamentos para escritório que vêm sofrendo de forma sistemática reduções nos volumes.

Gráfico 89 - Índice de volume de vendas no comércio varejista do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)



Fonte: PMC/IBGE (set/21)

2.2.4 Finanças Públicas do RS

Durante muitos anos o Rio Grande do Sul foi exemplo do que não fazer em termos de gestão pública, sobretudo nas questões relacionadas às finanças públicas. Não por falta de aviso, já que economistas como o Darcy Francisco Carvalho dos Santos, Patrícia Palermo, André Nunes, nós da Assessoria Econômica da Farsul e tantos outros colegas por anos denunciávamos que, em algum momento, as finanças públicas entrariam em colapso, prejudicando a entrega e a qualidade de serviços públicos e até mesmo com possíveis atrasos salariais. Durante todo esse tempo recebemos críticas, sobretudo de entidades de defesa de servidores públicos, no sentido de que nossa intenção era “precarizar” o serviço público, o Estado e outras besteiras.

Foi necessário que o Governo do Estado não somente chegasse no limite máximo do abismo fiscal, como também desse o passo à frente no sentido da queda, acreditando que com mais gastos e desequilíbrios poderia, enfim, “fazer girar a roda da economia”, “gerar mais empresas e empregos” para que no fim “gerasse mais impostos” que reequilibrariam as finanças. Como a vida seria mais fácil se as coisas se dobrassem a essa simplicidade... Mas assim como a física impõe suas leis sem se importar com o que pensam os homens ao seu respeito, o império da matemática também não se curva, reverencia ou se adapta aos desejos – por mais bem intencionados que sejam – dos homens que administram o Governo do Estado em seu turno. O Governo do Estado passou a gerar déficits, com atraso da folha salarial e com precarização dos serviços públicos, como advertíamos, prejudicando a sociedade – que é o que mais importa, pois é o objeto de ação pública – e os servidores, onde parte deles, por ingenuidade ou não, ajudaram com seus pleitos absurdos a causar o mal que flagelou a todos.

Mas nos dois últimos governos, em especial no último, com destacada, inteligente e corajosa atuação das últimas duas legislaturas da Assembleia Legislativa, várias medidas importantíssimas têm sido tomadas de modo a devolver o equilíbrio fiscal para o Governo, ainda que no longo prazo.

Medidas de grande impacto como:

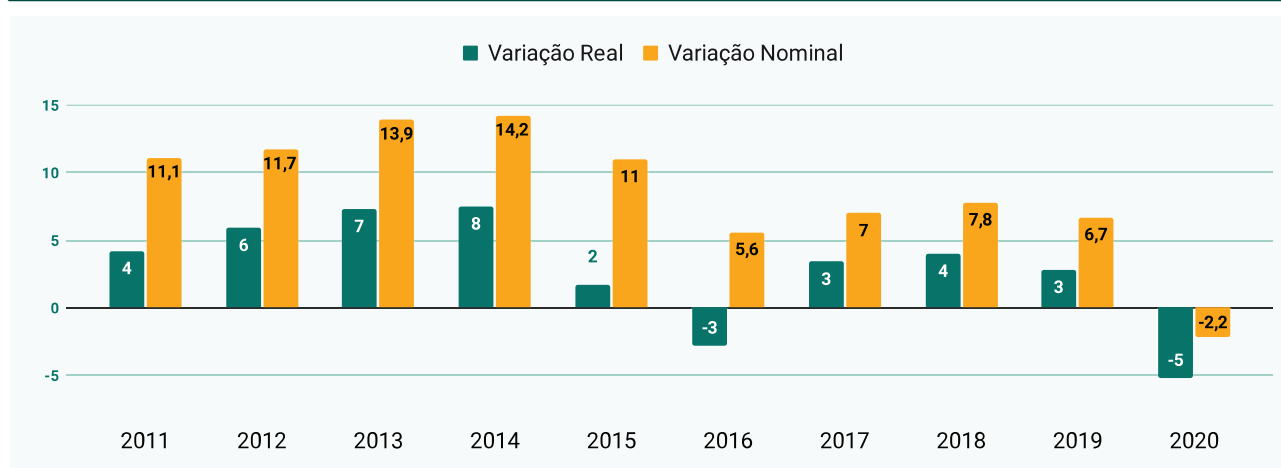
- a) Implementação de Previdência Complementar para Servidores, que garante sustentabilidade dos Regimes Previdenciários, acabando com privilégios de quem ganha mais do que o teto do INSS levasse uma aposentadoria equivalente ao salário da ativa;
- b) Reforma da Previdência de Civis e Militares, onde foram alteradas as alíquotas de contribuição, resolvendo distorções, e elevando a idade mínima de modo a equalizar tempo de serviço com a atual expectativa de vida;
- c) Reforma Administrativa, em que ocorreram importantes alterações em Planos de Carreira, tornando-os sustentáveis. Alterou-se estatuto dos militares e extinguiu-se vantagens automáticas por tempo de serviço totalmente incompatíveis com o equilíbrio de longo prazo do caixa;
- d) Privatização e concessão de rodovias, onde a venda de ativos ineficientes, como o caso a CEEE que, de tão capturada pelos servidores, era incapaz de repassar o ICMS que recolhia dos gaúchos e mesmo assim gerava déficits, de modo a bancar planos de carreira e de benefícios que nem nas monarquias imperiais se viu. A simples privatização com o repasse do devido ICMS já ajudou em muito a receita do Governo. Temos também o caso da Corsan que, também capturada, era incapaz de investir o mínimo para dar tratamento de água e esgoto minimamente aceitável para as preocupações humanas e ambientais contemporâneas e assim por diante;

e) Há ainda que aprovar a Lei do Teto dos Gastos, de modo que não tenhamos mais aventuras irresponsáveis por governantes inconsequentes, bem como a Lei do Duodécimo, fazendo com que não seja repassado aos outros Poderes mais do que determina a Constituição, bem como a assinatura do Termo e Recuperação

Fiscal com o Governo Federal, de modo a voltarmos a amortizar a dívida fundada.

Importante lembrar que destacamos as de maior impacto, ainda que dezenas de outras de menor impacto quando juntas também contribuiriam para resultados de grande monta.

Gráfico 90 - Comparação das Despesas Reais e Nominais do Governo do RS com Pessoal, variação anual (%)

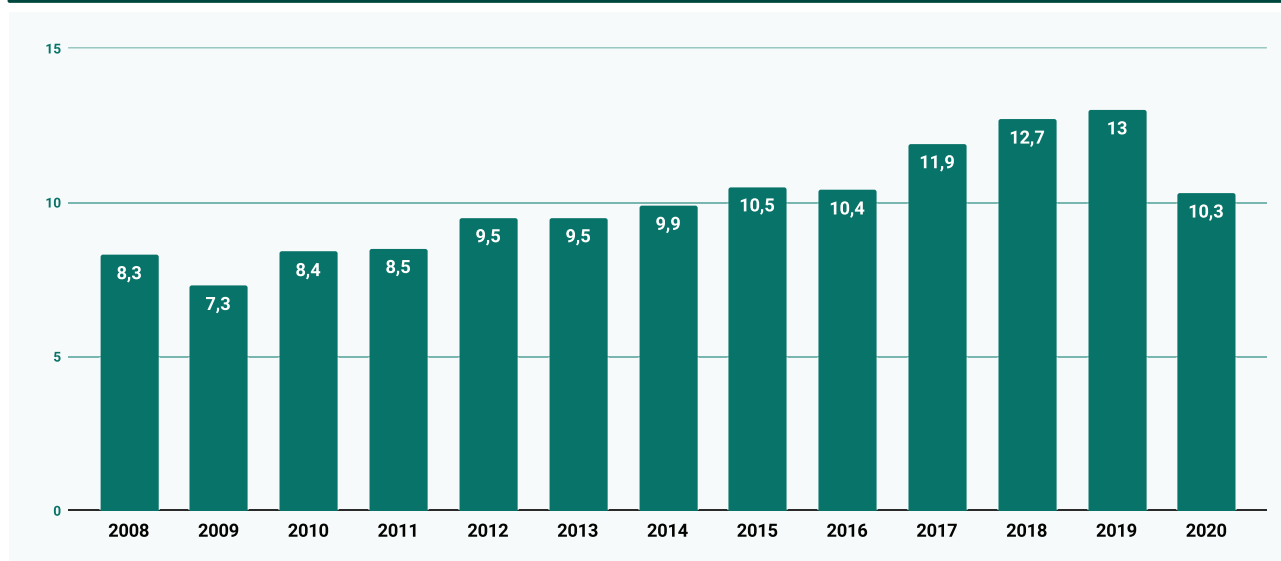


Fonte: Sefaz

O gráfico anterior mostra que as despesas com pessoal – que representa a maior parte do gasto público, sofreram redução real e

nominal nos anos de 2019 e 2020 fechados, inclusive nesse último com variação negativa até mesmo nominal.

Gráfico 91 - Déficit Previdenciário Anual do Fundo Financeiro, em R\$ bilhões

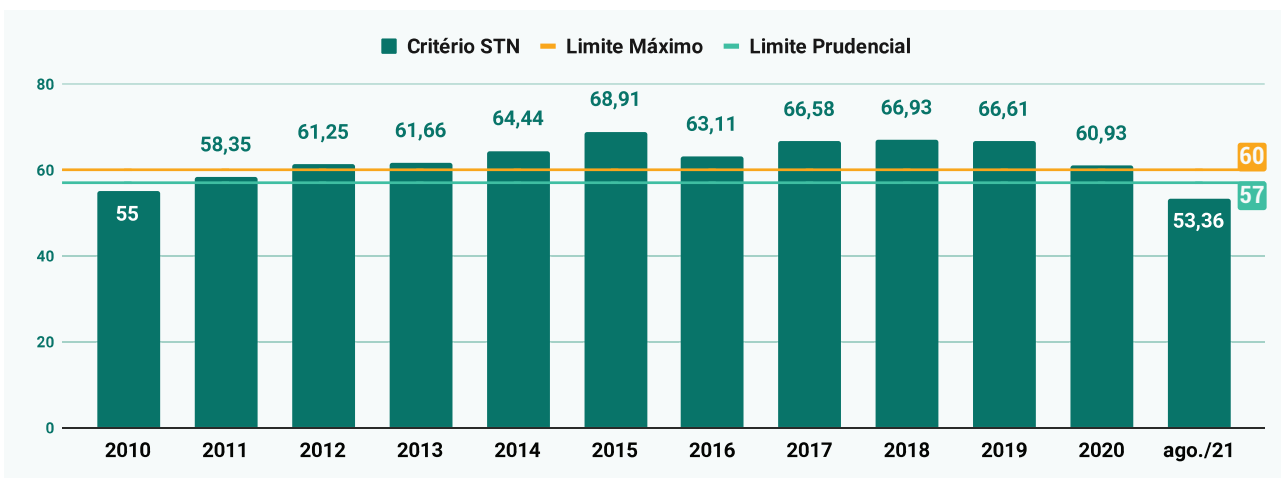


Fonte: Sefaz

Situação semelhante de melhoria se vê na redução do déficit financeiro da Previdência, onde somente em 2020 essa queda foi de

quase R\$ 3 Bilhões, fruto das Reformas na Previdência dos Servidores Públicos do RS.

Gráfico 92 - Indicador de Despesas de Pessoal – Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em percentual da Receita Corrente Líquida (RCL)



Fonte: Sefaz

À medida em que são reduzidas as participações das Despesas de Pessoal na Receita Corrente Líquida (RCL), onde o limite máximo da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) é de 60%, o Governo do Estado vai readquirindo sua capacidade de investimento, o que hoje são valores realmente muito pequenos – quase nulos – quando comparados ao PIB do Rio Grande do Sul.

2.2.5 PIB do Rio Grande do Sul

Após nossa análise setorial com os devidos detalhamentos e a contribuição da discussão

da modernização do setor público - que ainda longe do ideal, entretanto, mais longe ainda do ponto de partida, chegamos em nossas expectativas e projeções para o PIB do RS com a mesma linha que tínhamos quando projetamos no ano passado. No ano anterior projetamos um forte crescimento para o PIB do RS diante da perspectiva da recuperação da estiagem, onde esta tinha sido responsável por uma queda superior a do Brasil no ano passado, a sua recuperação elevaria o crescimento do PIB RS para acima do Brasil neste ano, e é o que temos observado.

Nossa projeção para o PIB RS em 2021 é de 9,49% e para 2022 crescimento de 0,58%.

Gráfico 93 - PIB do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: DEE/Seplag (Até 2021.II); Farsul (Projeções de 2021.III até 2022.IV)



SISTEMA FARSUL

FARSUL | SENAR | CASA RURAL

EXPEDIENTE

GEDEÃO SILVEIRA PEREIRA

Presidente

ASSESSORIA ECONÔMICA

Antônio da Luz

NÚCLEO DE CONJUNTURA ECONÔMICA

Danielle Montiel Guimarães

Ruy Augusto da Silveira Neto

Mateus Ludwig

NÚCLEO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Renan Hein dos Santos

FEDERAÇÃO DE AGRICULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Praça Professor Saint Pastous, 125

CEP: 90.050-390

Porto Alegre/RS

Telefone: 3214-4400

E-mail: farsul@farsul.org.br

Site: www.farsul.org.br